



8º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia
Políticas do tempo na história das mídias – contextos regionais

Caderno de Resumos e Programação dos GTs
01º e 02 de Agosto de 2024



Dia 01º/08

Local: Auditório Baesse (Fafich-UFMG)

18h CREDENCIAMENTO E CAFÉ DE BOAS-VINDAS

19h MESA DE ABERTURA

Rede Alcar

Presidenta: Valci Zuculoto (participação remota)

Vice-presidente: Igor Sacramento

Fundadora e primeira presidenta: Marialva Barbosa

Coordenadora regional Sudeste: Rachel Bertol

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

“Tempo presente: Usos e abusos da ditadura militar nas mídias digitais”

Miriam Hermeto de Sá Motta

Doutora em História, mestre em Educação e graduada em História pela UFMG. Professora do Departamento de História e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em História (FAFICH/UFMG). Coordenadora do Laboratório de História do Tempo Presente (LHTP).

Dia 02/08

Local: Centro de Atividades Didáticas 2 (CAD2)

08h CREDENCIAMENTO

PROGRAMAÇÃO Grupos de Trabalho - 09h30 às 18h30

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

19h Auditório 102 – CAD2

“Para além do Horizonte planejado: acervos documentais e representações de uma cidade afro referenciada”

Josemeire Alves Pereira

Historiadora. Gestora na Casa do Beco e Coordenadora Executiva do Projeto “Passados Presentes: Patrimônios e Memórias Negros e Afro-Indígenas em Minas Gerais”(UFJF/GTEP-MG/Cnpq). Integra a Coordenação do GT Emancipações e Pós-Abolição da Associação Nacional de História (GTEP-Anpuh), a Rede Historiadorxs Negrxs e o GT Africanidades BH.

**História da Mídia Alternativa:
Novos arranjos comunicacionais I
13h às 15h30 SALA B504**

Clarice de Oliveira Muscalu (UFSJ); Mayra Regina Coimbra (UFJF; UFSJ)

“A cobertura da mídia cristaliza a ideia de guerra”?: uma análise sobre a cobertura jornalística da Ponte Jornalismo em comparação às publicações da Folha de S.Paulo sobre a Operação Escudo

Atualmente, com o surgimento da internet e a consequente ascensão de portais de notícias alternativos, surge a reflexão quanto às diferenças entre estes e a imprensa tradicional. Desde o princípio da Operação Escudo, iniciada em julho de 2023 pela Polícia Militar (PM) do estado de São Paulo, os mais diversos veículos de imprensa brasileiros noticiaram a interferência militar na Baixada Santista. Esta pesquisa, então, busca compreender e comparar a maneira como veículos alternativos e tradicionais - a partir de publicações da Ponte Jornalismo e da Folha de S.Paulo - passam a atingir as mais diversas esferas do cotidiano humano e tornam-se responsáveis pela perpetuação de narrativas e memórias, e pela produção de sentidos que tensionam as relações sociais. Propomos, neste trabalho, analisar os textos publicados nos portais durante a primeira semana da Operação Escudo (de 28 de julho a 03 de agosto de 2023) - seis reportagens da Ponte e 34 da Folha - com o intuito de observar as particularidades de um veículo midiático alternativo frente às matérias de um dos maiores jornais do país. Esta comparação torna-se significativa, dado que os portais, que assumem diferentes vieses editoriais, distinguem-se quanto à formato, distribuição, financiamento e interesses políticos, produzindo matérias que colocam em evidência tais características e as nuances de suas práticas jornalísticas. Para tal análise, partiremos dos estudos sobre o conceito de necropolítica, fundamentado pelos escritos de Achille Mbembe (2018) e Lélia Gonzalez (2020); as noções de memórias coletivas na área da Comunicação no Brasil, a partir das pesquisas de Ferreira (2000; 2007) e Ribeiro (2007); e sobre o papel do jornalismo contra-hegemônico como combate às práticas discursivas violentas, com base em Dennis de Oliveira (2008; 2011; 2016), autor da frase que intitula esta pesquisa. Através de análises de conteúdo - quantitativa e qualitativa - e comparativa, sugerimos destripar as produções jornalísticas dos veículos a fim de ponderar o lugar ocupado pela mídia na tessitura de memórias, levando em consideração sua capacidade de atuar ora como espaço contra-hegemônico de vozes socialmente marginalizadas, ora como espaço de reforço dos estigmas e aliada às forças repressoras. Diante disso, nosso foco reside na compreensão das potencialidades do jornalismo alternativo e na relevância da luta coletiva e dos movimentos sociais na comunicação e na mídia.

Eduardo Laurent e Silva (UFJF); João Paulo Malerba (UFJF)

Minas Ninja: contracomunicação, midiativismo e redes colaborativas no contexto regional

Este trabalho tem como objetivo identificar padrões e processos na produção colaborativa de conteúdo no Instagram do perfil Minas NINJA (@minasninja). O “afluente” mineiro da rede Mídia NINJA, se autodenomina como um “canal de comunicação e articulação de ações coletivas que busca narrar a cultura e as lutas dos movimentos sociais em Minas Gerais” e convida o público, na bio de seu perfil, a “conhecer as culturas, iniciativas, notícias e personagens das Minas às Gerais”, apresentando uma vasta coleção de publicações sobre temas que dialogam diretamente com as movimentações populares no estado. Assim, também é interesse deste trabalho, compreender o papel da comunicação alternativa e ativista em plataformas digitais na mobilização, agitação e conscientização nas redes e nas ruas, observando, sobretudo, o contexto e as pautas regionais. Para melhor análise dos discursos sócio-políticos e culturais apresentados pelo canal de comunicação, serão consideradas publicações feitas entre os dias 1º de janeiro e 16 de agosto de 2024 — período que compreende do início do ano eleitoral nos municípios brasileiros à liberação da propaganda eleitoral e data limite para o registro de candidaturas para o pleito. É nesse momento que ocorre a constituição das pré-candidaturas para prefeitos(as) e vereadores(as). Um esforço que mobiliza e movimenta a população em torno de pautas locais e que se estende da municipalidade ao ambiente virtual.

Jacob Benjamim Mapossa (UFOP); Amanda de Paula Almeida (UFOP)

O uso da subjetividade no jornal A Sirene na construção da memória das comunidades atingidas pelo desastre de Mariana

Este trabalho analisa a subjetividade na cobertura jornalística de situações catastróficas socioambientais, refletindo sua presença no jornal A Sirene no processo de construção memorialística das comunidades atingidas pelo desastre de Mariana ocorrido em 2015. A nossa abordagem teórica entendendo a subjetividade no jornalismo como uma estratégia descolonizadora (Moraes; Da Silva, 2021), que orienta um jornalismo responsável por alimentar a marginalização, o apagamento e a invisibilidade de sujeitos. Contrariando o sujeito jornalístico que é ditado por critérios de valores-notícias contextualizados pela lógica capitalista excludente e de objetividade (Genro Filho, 1987). É a partir disso que Fabiana Moraes (2019) traz a subjetividade como uma ferramenta para um jornalismo mais íntegro responsável por questionar a objetividade positivista presente nos valores-notícias e na construção dos materiais jornalísticos que acabam por legitimar e contribuir para perseverança de imaginários racistas, misóginos, transfóbicos e classistas. Dessa forma, entendemos que a construção do Jornal A Sirene, isto é, como são as pautas, a presença significativa dos sujeitos e o próprio objetivo do produto, o torna um objeto interessante de análise e reflexão sobre a presença da subjetividade no jornalismo. Como método de análise, levamos em conta os pontos do jornalismo de subjetividade expostos por Fabiana Moraes (2022): a crítica aos valores-notícias; busca por uma prática reflexiva; as possibilidades criadoras e a relação entre jornalismo e arte e o posicionamento engajado e ativista que não fere os pressupostos objetivos pertinentes do campo jornalístico. Analisando o corpus da edição 91 de novembro de 2023, que marca os 8 anos do desastre de Mariana, concluímos que o jornal A Sirene pratica jornalismo subjetivo caracterizado pela maior presença de sujeitos das comunidades atingidas como principais fontes de informação. Essas fontes de informação contribuem no processo de negociação de suas experiências para a construção das memórias, recuperando as identidades do passado. A Sirene usa uma linguagem jornalística purificadora numa sociedade enraizada no prisma do sistema de exploração capitalista. A sua participação nas comunidades é um marco entrelaçado com o período histórico dos crimes socioambientais na região, sendo uma ferramenta de defesa dos direitos dos atingidos. Por isso, a vida é um relato à espera de narrador para captar as experiências humanas (Ricoeur, 2010).

Bárbara Maria Lima Matias (UFMG)

A relação entre correspondência local e agência a partir da Agência Mural das Periferias (AMP)

Este artigo propõe uma reflexão acerca das figuras "correspondente local" e "agência", proposto pelo coletivo jornalístico Agência Mural das Periferias (AMP). Tomando como referência a proposta de ação narrativa de Marialva Barbosa (2007), a partir da relação entre subjetividade e historicidade, percebemos como essa proposta de AMP parece convocar outras figuras temporais para se referir aos projetos comunicacionais das periferias. Nos parece haver, portanto, uma disputa configurada por um direito à narrativa (Jácome, 2020), a partir sobretudo, das figuras dos correspondentes locais. Ainda que AMP seja um coletivo fundado nas periferias paulistas, o eixo jornalístico continua a reforçar modos de exclusão aos territórios e experiências periféricas (Aguiar, 2018). Os "correspondentes locais" em AMP parecem apostar nas contradições desta "identidade". A figura dos "correspondentes" no jornalismo geralmente é qualificada por uma pessoa que está em território distante, internacional, cobrindo conflitos e guerras, ou no limite, numa condição de homens "astronautas" que para Malcom Ferdinand (2020) seria a relação colonial estabelecida desde 1492 pelo altericídio de diversas populações e a determinação de uma identidade moderna e universal - nessa condição histórica, a identidade europeia e posteriormente norte-americana -.

Assim, como aponta Agnez (2014), os correspondentes, são figuras bastante romantizadas, àqueles que cobrem guerras e conflitos internacionais, são lidos como heróis que se arriscam pela informação, autônomos e muitas vezes associados à figura do diplomata. No entanto, na prática, essa profissão é heterogênea em suas rotinas (Ibid. p. 111), inclusive por relações de distanciamentos geográficos, que muitas vezes são supridos pelas mediações tecnológicas e um imediatismo para a circulação de reportagens e notícias, e que interfere nas compreensões sobre o tempo, território e corpo. Desse modo, os correspondentes tendem a ser majoritariamente compreendidos como sujeitos imparciais, exploradores, forjado por homens da imprensa (Ribeiro, 2002) que garantiriam o furo e a cobertura total da história noticiosa (Veiga da Silva e Moraes, 2018). Compreendemos que em AMP os correspondentes locais parecem nos apontar ao mesmo tempo, para algo que é parte da história das agências de jornalismo, e uma mídia que aponta para os sentidos políticos da periferia, de gênero e raça, para se ressaltar a singularidade e potencialidade de cada território narrado. Este artigo propõe uma reflexão acerca das figuras "correspondente local" e "agência", proposto pelo coletivo jornalístico Agência Mural das Periferias (AMP). Tomando como referência a proposta de ação narrativa de Marialva Barbosa (2007), a partir da relação entre subjetividade e historicidade, percebemos como essa proposta de AMP parece convocar outras figuras temporais para se referir aos projetos comunicacionais das periferias. Nos parece haver, portanto, uma disputa configurada por um direito à narrativa (Jácome, 2020), a partir sobretudo, das figuras dos correspondentes locais. Ainda que AMP seja um coletivo fundado nas periferias paulistas, o eixo jornalístico continua a reforçar modos de exclusão aos territórios e experiências periféricas (Aguiar, 2018). Os "correspondentes locais" em AMP parecem apostar nas contradições desta "identidade". A figura dos "correspondentes" no jornalismo geralmente é qualificada por uma pessoa que está em território distante, internacional, cobrindo conflitos e guerras, ou no limite, numa condição de homens "astronautas" que para Malcom Ferdinand (2020) seria a relação colonial estabelecida desde 1492 pelo altericídio de diversas populações e a determinação de uma identidade moderna e universal - nessa condição histórica, a identidade europeia e posteriormente norte-americana -. Assim, como aponta Agnez (2014), os correspondentes, são figuras bastante romantizadas, àqueles que cobrem guerras e conflitos internacionais, são lidos como heróis que se arriscam pela informação, autônomos e muitas vezes associados à figura do diplomata. No entanto, na prática, essa profissão é heterogênea em suas rotinas (Ibid. p. 111), inclusive por relações de distanciamentos geográficos, que muitas vezes são supridos pelas mediações tecnológicas e um imediatismo para a circulação de reportagens e notícias, e que interfere nas compreensões sobre o tempo, território e corpo. Desse modo, os correspondentes tendem a ser majoritariamente compreendidos como sujeitos imparciais, exploradores, forjado por homens da imprensa (Ribeiro, 2002) que garantiriam o furo e a cobertura total da história noticiosa (Veiga da Silva e Moraes, 2018). Compreendemos que em AMP os correspondentes locais parecem nos apontar ao mesmo tempo, para algo que é parte da história das agências de jornalismo, e uma mídia que aponta para os sentidos políticos da periferia, de gênero e raça, para se ressaltar a singularidade e potencialidade de cada território narrado.

**História da Mídia Alternativa:
Novos arranjos comunicacionais II
16h às 18h30 SALA B504**

Pedro Henrique Magalhães Mendonça (UFMG)

Necropolítica e a repressão ao corpo negro no comércio brasileiro: a construção do acontecimento Beto Freitas na Ponte Jornalismo

O estudo analisa a cobertura do caso Beto Freitas pela Ponte Jornalismo, utilizando a narrativização interseccional do acontecimento como método. Baseia-se em conceitos de racismo estrutural, interseccionalidade, necropolítica e contrato racial de autores como Collins (2015), Mbembe (2016) e Mills (2023). O Atlas da Violência de 2023 mostra que 77% das vítimas de homicídio no Brasil são negras, com uma taxa de mortalidade de negros 10 vezes maior que a de não negros em 2021. João Alberto Silveira Freitas, conhecido como Beto Freitas, um homem negro de 40 anos, foi brutalmente assassinado por seguranças do Carrefour em Porto Alegre em 19 de novembro de 2020. O assassinato de Beto, ocorrido na véspera do Dia da Consciência Negra, foi amplamente divulgado na mídia, gerando revolta e mobilização pública. A análise da representação midiática do corpo negro revela que essas narrativas são moldadas por contextos históricos e sociais. A cobertura superficial da mídia hegemônica muitas vezes falha em abordar adequadamente as questões fundamentais dos eventos noticiados, como racismo e violência contra negros. A violência em estabelecimentos comerciais revela um cenário alarmante de repressão ao corpo negro. O sujeito negro é visto como um potencial delinquente no ambiente comercial, sendo alvo de violência e repressão. A violência e o racismo surgem como estratégias de controle no setor, com os negros sendo vulneráveis enquanto os brancos usufruem de privilégios. O contrato racial, proposto por Mills (2023), e a necropolítica, de Mbembe (2016), ajudam a entender essa dinâmica. A segurança privada no comércio combate a presença negra, similar à regulação feita pelo Estado na guerra ao negro, mascarada por uma suposta guerra às drogas. A narrativização interseccional do acontecimento é utilizada para analisar como as narrativas midiáticas são moldadas por corpos textualizados. Foram analisadas duas reportagens da Ponte sobre o caso Beto Freitas, focando em perspectivas, experiências e contranarrativas. As reportagens da Ponte abordam o crime de forma detalhada, fornecendo uma análise profunda do contexto étnico-racial e das implicações sistêmicas do caso. A inclusão de contranarrativas e a discussão mais ampla sobre o racismo estrutural enriqueceram as reportagens e contribuíram para uma compreensão mais completa do assassinato.

Nayara Luiza de Souza (UFMG)

Jornalismo com a "outsider whitin": Revista Afirmativa e estratégias de autodefinição na imprensa negra

Produzir narrativas alternativas, ou de enfrentamento direto, as lógicas racistas e sexistas da mídia hegemônica brasileira" é um dos princípios do manifesto "Ninguém mais vai calar o grito por liberdade" publicado em 2019 por um conjunto de jornalistas negras, negros e negres de 32 espaços de mídia negra brasileira. Dentre as signatárias do manifesto está a Revista Afirmativa, organização de mídia negra fundada em 2014 que tem entre as suas produções um "veículo jornalístico multimídia" (Revista Afirmativa, 2014, s/p) com edições da revista impressa e online. Em 2019, Alane Reis, jornalista e editora da Revista Afirmativa defende que as mídias negras do século XXI atuam como um legado da imprensa negra dos anos de 1800 ao escreverem sobre as pessoas negras através da "autodefinição" (Collins, 2019). Reis articula a noção da "outsider whitin" de Patrícia Hill Collins (2016) a busca pela autoridade de enunciação que a imprensa negra tem, segundo a jornalista, exercido desde "O Homem de Côr" (1833), considerado o primeiro jornal negro escrito por pessoas negras e para pessoas negras. "A busca por enunciação é a primeira semelhança. Criar um jornal, uma revista, um portal ou um canal numa plataforma streaming, para pessoas negras, teve e tem a ver com a intenção de produzir conteúdo que fale sobre nós rompendo com as imagens de controle (Reis,

2019, p. 23-24). O conceito de “outsider whitin”, a partir de Collins (2016) pode ser pensado como a posição de marginalidade e de margem de intelectuais negras que por terem acesso a espaços de enunciação como o jornalismo conseguem, mesmo de modo limitado, promover trânsito de ideias sobre as pessoas que estão deslocadas dos lugares hegemônicos. Esse adentrar, entretanto, não acontece sem violências e apagamentos como destaca a autora estadunidense. Contudo, é justamente a posição de “outro” e de “estrangeiro” que potencializa que narrativas sobre pessoas negras alijadas dos espaços de visibilidade sejam construídas através de um ponto de vista único e autodefinido. A partir dessa proposta analisa-se neste artigo as três edições da Revista Afirmativa que foram publicadas em 2014 e 2018 e disponibilizadas no site. Além das temáticas negras as publicações dedicam-se a pensar os desafios de manter economicamente uma mídia negra e a condição das pessoas negras na posição de outridade.

Maria Eduarda Gonzaga (PUC-MG) e Verônica Soares da Costa (PUC-MG)

Autonomia, direitos e política: o que pauta o jornalismo alternativo feminista no mês de março?

Neste trabalho, buscamos entender o que pauta o jornalismo alternativo online no Brasil, refletindo sobre a linha editorial de iniciativas que se afirmam abertamente feministas e suas possíveis conexões ou dissidências com a história do jornalismo alternativo feminista brasileiro. Optamos por um recorte de duas iniciativas nativas digitais: a Revista AzMina e o Portal Catarinas, analisando suas publicações de março de 2024. Essas iniciativas são relevantes para entender como o jornalismo com perspectivas feministas, interseccionais (Collins e Bilge, 2021) e decoloniais (Lugones, 2020; Vergès, 2020) discute problemáticas de gênero no país. Woitowicz (2012) aponta que a mídia alternativa historicamente denuncia violências e mobiliza mulheres na defesa de direitos. Freitas (2018) destaca o forte laço entre o jornalismo alternativo e feminista na luta por direitos, especialmente em períodos de censura, como na ditadura militar. No período analisado, em março de 2024, a Revista AzMina publicou 12 conteúdos, entre reportagens e colunas. Nove eram colunas de opinião, abordando temas como Big Brother Brasil, segurança financeira, feminismo e violências de gênero. As reportagens focaram nos direitos reprodutivos. O Portal Catarinas também publicou 12 conteúdos, divididos em editorias como Feminismo, Corpo, Violências, Território e América Latina. As reportagens ressaltaram a autonomia feminina, lutas de gênero e políticas públicas, especialmente relacionadas aos direitos reprodutivos. O jornalismo independente continua a discutir pautas frequentemente invisibilizadas pela mídia hegemônica, como valorização de direitos femininos, direitos reprodutivos e violências de gênero. Iniciativas alternativas valorizam a subjetividade (Silva e Moraes, 2019) e as experiências de mulheres como fontes e personagens (Lima, 2021). O levantamento mostra o papel do jornalismo alternativo feminista na construção de histórias de luta e resistência, ao mesmo tempo em que cria um espaço seguro para denúncias, ativismo e debates, e trata de soluções possíveis que passam por dimensões políticas e de território.

Thaís Amélia de Oliveira Gomes (UFMG)

Rádio Favela: uma história de rebeldia

Há 48 anos surgiu nos morros das periferias de Belo Horizonte (MG) a Rádio Favela. Nascida durante o regime militar, a emissora vivenciou seu auge na década de 1990. Foi neste período, ainda funcionando sob clandestinidade, que o veículo foi alvo de grandes operações policiais, protagonista de reportagens no Brasil e fora dele, homenageado em premiações, pioneiro na transmissão em cadeia internacional, inspirou cineasta brasileiro e, por fim, foi legalizado. A emissora foi o primeiro veículo de radiodifusão sonora educativo outorgado em Minas Gerais. O ineditismo foi garantido pela insatisfação dos seus fundadores com a Lei 9.612/98, que regulamentou o serviço de radiodifusão comunitária. Nas tratativas sobre a legalização da emissora, seu fundador, Misael Avelino, bateu o pé sobre o alcance permitido ao veículo, o que culminou na liberação da concessão educativa, sem limite de potência. Se olharmos para a trajetória da emissora,

podemos a ler como uma jornada rumo à legalização cujo pilar central é a rebeldia. Acionando a teoria de Erving Goffman, percebemos que a Rádio Favela atua a partir de rupturas definicionais. Ela opta por romper com as idealizações impostas ou atribuídas a ela. Ao encabeçar a defesa de uma representação desviante da norma, ela joga com os ideais impostos para questioná-los e ressignificá-los. Essas transformações são subsidiadas ou impulsionadas pela capacidade da emissora de ressignificar suas vulnerabilidades e a sua experiência produzindo resistência.

**História da Mídia Alternativa:
Escritas outras I
13h às 15h30 SALA B505**

Marcelle Jardim Verissimo e Sônia Caldas Pessoa (UFMG)

Escritas de si, fragmentos de memória: pensando narrativas de autorreferência

Para Foucault, “o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos” (Foucault, 1996, p. 49). Dessa forma, governar a si mesmo é produzir e atribuir sentido a objetos simbólicos, de modo que existir, enquanto sujeito, não pode ser pré-discursivo (Butler, 2015). Um dos modos possíveis para compreender as narrativas propostas pela razão, enunciar o uso dos prazeres e articular tentativas de autoconhecimento é produzir escritas de si, sobrepondo fragmentos de memória que culminam em relatos de vivência. Esse trabalho apresenta perspectivas sobre essas escritas, a partir das obras “Sobrevivi... posso contar” (Da Penha, 2021) e “Crônicas da surdez: aparelhos auditivos” (Pfeifer, 2020), promovendo diálogos entre autores centrados na Europa e Estados Unidos, com pesquisas publicadas na América Latina. Desse contexto, propomos um voo panorâmico sobre estudos relacionados, com a intenção de observar a dimensão de discursos de autorreferência. Tais pesquisas ganharam notoriedade em campos de estudo distintos: como linguística, ciências sociais, crítica literária e comunicação. A proposta de Foucault (2009) sobre as escritas de si foi elaborada em 1969, sendo seguida pela compreensão de Philippe Lejeune, em 1975, do que seria um pacto autobiográfico (Lejeune, 2014). Em um salto na ordem cronológica, o pragmatismo da compreensão de Lejeune foi questionado e ressignificado, a partir de perspectivas como a de Leonor Arfuch (2010) e de Ida Lúcia Machado (2015), que abordam as inconsistências da subjetividade — seja pela responsabilidade do autor em suas manifestações ou pela redução do sujeito a uma hermenêutica restritiva, respectivamente. O potencial coletivo do relato de si se manifesta adiante, como na noção de Conceição Evaristo sobre as escrevivências, que aparece pela primeira vez em 1995 (Evaristo, In: Duarte e Nunes, 2020), e também na ideia de testemunhos a partir da dor em Veena Das (2008). A leitura contemporânea se destaca ainda com a perspectiva de autoras como Judith Butler e a ideia de relatar a si mesmo (2015), além da observação de contar-se como aventura, na visão de Margareth Rago (2013). Sem a pretensão de enfatizar ou sumarizar, propomos um olhar sobre a história de produções que resgatam a memória e constituem-se como mídia alternativa, seja em obras comunitárias ou independentes, que têm a premissa de unir fragmentos que compõem os sujeitos.

Vinicius Ferreira (UFRJ)

Suruba e a utopia do Movimento Homossexual Brasileiro

A presente pesquisa propõe narrar a história do jornal homossexual Suruba: um jornal com muito prazer a partir de um enfoque comunicacional. Nosso objetivo é rememorar o circuito do impresso (DARNTON, 1987; BARBOSA, 2013; FERREIRA, 2019), desenvolvendo um percurso que explore tanto as dimensões das práticas quanto dos processos deste jornal, incluindo suas formas de produção e consumo. Buscamos demonstrar, a partir da articulação com o seu contexto, como a publicação se insere no processo de tomada da palavra por parte da comunidade homossexual, contribuindo para a construção de uma mundivivência gay masculina baseada na experiência utópica (MUÑOZ, 2019; FERREIRA, 2024). O jornal, lançada em São Paulo em 1979, foi um dos produtos comunicacionais do Grupo Somos, considerado pela historiografia tradicional como o primeiro coletivo de militância homossexual do país (MACRAE, 1990; TREVISAN, 2018; GREEN, 2000). A atuação e a forma de organização do Somos inspiraram a criação e influenciaram as ações de diversos outros grupos homossexuais, incluindo suas estratégias de comunicação (FERREIRA & SACRAMENTO, 2019). Apesar de sua importância e reconhecimento social, a entidade funcionava de maneira entusiástica e com recursos limitados, o que se refletia em seus veículos de comunicação, que eram produzidos de forma artesanal, com uma periodicidade irregular e com distribuição precária. Edward MacRae (1990, p.179), ex-integrante do

Somos, destaca em sua pesquisa sobre a entidade que o Suruba “foi uma das realizações mais bem sucedidas” da fase final da organização. Descrito como um “jornalzinho interno do grupo, por princípio aberto a todas as pessoas interessadas”, o Suruba tinha como valor editorial publicar “qualquer texto recebido”, “sem nenhuma espécie de censura”. O editorial de apresentação do jornal indicava que sua meta era “fortalecer o grupo e o movimento através da informação, sem nunca esquecer a necessidade do prazer”. Para isso, se comprometia em produzir e divulgar conteúdos sobre “a repressão, aspectos legais e jurídicos do comportamento homossexual, enfoques médicos, ideias e opiniões dos integrantes”. A publicação também estabelece o compromisso de ser uma plataforma para veiculação de “poemas, ensaios, artigos e posteriormente dentro das possibilidades de impressão de baixo custo, desenhos e gravuras” (SURUBA n.0, ano 1, dez.1979, p.2).

Laura Dilly Dutra Maia (UFJF) e Marise Baesso Tristão (UFF)

Brasil Mulher: a força da voz feminina na resistência e na luta por direitos

O Jornal Brasil Mulher emergiu como uma voz pioneira no cenário jornalístico brasileiro ao abordar questões relacionadas às mulheres e ao feminismo durante os turbulentos anos da ditadura militar. Fundado em 1975, o jornal se destacou por sua coragem em discutir temas como direitos reprodutivos, igualdade salarial, violência de gênero e maternidade. Distribuído em diversos estados brasileiros, o Brasil Mulher mobilizava suas leitoras, que se organizavam para contribuir com a distribuição e envio de conteúdos. A importância do jornal na conscientização e ampliação do movimento feminista no Brasil foi notável, especialmente considerando o contexto de resistência e repressão enfrentado pelo movimento na época. Teles destaca que o Brasil Mulher foi crucial para dar visibilidade às demandas das mulheres, mesmo quando a palavra “feminismo” ainda era tabu na mídia tradicional brasileira. A pesquisa sobre o Brasil Mulher utilizou a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin para compreender a trajetória do periódico e sua influência na promoção dos ideais feministas. A análise detalhada de edições específicas (como as edições 1, 9 e 15) revelou temas recorrentes como condições de trabalho, movimentos feministas, educação e métodos anticoncepcionais. O jornal não apenas documentou as lutas das mulheres brasileiras, mas também desafiou abertamente o regime militar através de suas reportagens e editoriais. Ao longo de sua existência, o Brasil Mulher ofereceu uma representação autêntica e multifacetada das mulheres brasileiras. Nas suas páginas, as mulheres eram retratadas em suas diversas realidades e papéis sociais, desafiando estereótipos e ampliando o entendimento sobre suas contribuições para além do lar. Olhar para o Brasil Mulher é importante para descobrirmos que, mesmo em meio à censura, havia um grupo de mulheres que deu voz a várias causas ainda hoje silenciadas ou são ainda bandeiras de lutas feministas. É inspirador observar como essas mulheres se uniram e apoiaram umas às outras. Inúmeras páginas do jornal poderiam facilmente ter sido escritas por mulheres contemporâneas. Assim, ao reconhecer o legado do Brasil Mulher, não apenas honramos as mulheres que enfrentaram a opressão de seu tempo, mas também destacamos a relevância atemporal de suas lutas. Este periódico não apenas registra a história, mas serve como um chamado que clama fortemente por um futuro mais igualitário e justo, onde as mulheres consigam conquistar a tão desejada igualdade.

Rafael Rodrigues Pereira (Univ. Cruzeiro do Sul)

A sociabilidade homoerótica no jornalismo alternativo: um estudo de caso de “O Snob” durante a Ditadura Civil-Militar

A presente pesquisa consiste em um estudo de caso sobre o jornal gay “O Snob”, uma publicação alternativa que desempenhou um papel crucial na representação e na visibilidade da comunidade homossexual no Brasil. “O Snob” é compreendido por pesquisadores como o primeiro veículo de publicação direcionada ao público homossexual e era distribuído entre amigos e conhecidos na Cinelândia e em Copacabana. O jornal, que iniciou suas atividades em 1963 e encerrou em 1969, foi fundado por Agildo Guimarães e funcionava

como uma espécie de colunismo social, oferecendo um acesso único ao mundo gay das “bichas”, “bonecas” e “bofes”. De um jornalzinho mimeografado e minimalista, com simples desenhos a traço de modelos femininos, O Snob tornou-se uma publicação que incluía cerca de trinta a quarenta páginas, trazendo ilustrações elaboradas, colunas de fofocas, concursos de contos e entrevistas com os famosos travestis do momento. (GREEN, 2000, p. 298). Este estudo adota um quadro teórico que destaca o papel crucial da mídia alternativa na construção da identidade e na luta por visibilidade das minorias sexuais, especialmente durante períodos de repressão política como a Ditadura Civil-Militar no Brasil. Segundo Green (2000), veículos como “O Snob” não apenas informavam, mas também desafiavam estereótipos e ofereciam um espaço de expressão e sociabilidade para a comunidade homossexual, representando uma forma de resistência cultural e política. A justificativa deste estudo reside na importância de contribuir para a historiografia da mídia alternativa, mantendo viva a memória histórica de uma imprensa que lançava notoriedade a assuntos de uma minoria representativa. O principal objetivo é investigar a representação da sociabilidade homossexual, bem como a trajetória, o impacto e a relevância desse jornal no cenário midiático no contexto político-social repressivo da Ditadura Civil Milita. A metodologia adotada é a abordagem qualitativa, analisando-se o conteúdo e as estratégias discursivas e editoriais, baseada na análise de fontes primárias, incluindo edições do jornal, entrevistas sobre o periódico, e documentos da época. Complementa-se com uma revisão bibliográfica de estudos sobre mídia alternativa e história do movimento LGBTQIA+ à época no Brasil. A abordagem inclui a contextualização histórica e política do período, visando entender as condições que possibilitaram o surgimento e a atuação geograficamente localizada no Rio de Janeiro.

**História da Mídia Alternativa:
Escritas outras II
16h às 18h30 SALA B505**

Débora Mattos Costa (UFJF)

Machado de Assis diante do teatro: um humanista nos trópicos

O presente texto tem por objeto as críticas teatrais de Machado de Assis, publicadas pelo autor em revistas e jornais entre os anos de 1859 e 1879 compiladas em suas obras completas publicadas pela Editora Mérito S.A. Ao longo desse período o autor além de produzir diversas críticas a peças apresentadas, traça ainda os delineamentos gerais de um projeto para a construção de um teatro nacional. Em seus textos de crítica teatral Machado se põe como fiel sucessor dos ideais humanistas desenvolvidos na Europa. Partícipe da tradição que toma a arte como uma forma particular de criação dos indivíduos, voltada, a partir de suas peculiaridades de forma e conteúdo, para o desenvolvimento do gênero humano. Essa filiação é demonstrada em sua defesa aguerrida pela construção de um teatro genuíno no Brasil. Machado, em suas críticas, aponta para uma série de problemas a serem superados pelas produções que avalia, bem como para o teatro como um todo. Demonstra ainda grande erudição ao buscar nos grandes autores dramáticos, como Molière e Shakespeare, as virtudes que fogem às poucas produções nacionais dignas de crítica. Contudo, há em toda a sua crítica - do início ao fim da vida, como pretendemos demonstrar no presente texto - um fio condutor, a saber, a defesa do teatro como missão civilizatória. Condena, portanto, ao longo de sua crítica, a tendência que o teatro vem tomando em solo nacional de se tornar mero objeto de diversão. Compreende o teatro como meio de, à sua maneira, corrigir os maus costumes, e promover uma elevação ética e moral. Com o autor: "O jornal e a tribuna são os outros dois meios de proclamação e educação pública. Quando se procura iniciar uma verdade busca-se um desses respiradouros e lança-se o pomo às multidões ignorantes. No país em que o jornal, a tribuna e o teatro tiverem um desenvolvimento convenientes - as caligens cairão aos olhos das massas; morrerá o privilégio, obra da noite e da sombra; e as castas superiores da sociedade ou rasgarão os seus pergaminhos ou cairão abraçadas com eles, como em sudários." (ASSIS, 1961. P.18) Prende-se demonstrar a partir dos textos de crítica teatral que Machado de Assis defende o teatro, ao lado do jornal, como caminho para a democratização da vida. Para tanto, o autor defende que o teatro cumpra essa função à sua maneira "os deveres e as paixões na poesia dramática não se traduzem por demonstração, mas por impressão" (ASSIS, 1961, p.233-234).

Dowglas Franco Mota (UFJF); Christina Ferraz Musse (UFJF)

A representação da formação de Juiz de Fora em seu teatro

Se tratando de que o teatro é a memória viva da sociedade, a arte que retrata e resguarda as experiências humanas e seus embates sociais, caracterizando a linha do tempo do homem. (GRUPO DIVULGAÇÃO, 2023), a presente proposta de artigo busca na quinta arte uma forma de narrar a construção da identidade cultural de Juiz de Fora, representada no palco de um grupo que há 58 anos produz espetáculos para a comunidade. Para isso, utilizamos como objetos de pesquisa os espetáculos "I Love You Juju" e "Girança", do autor e dramaturgo José Luiz Ribeiro, fundador e diretor do Centro de Estudos Teatrais Grupo Divulgação. Ambos espetáculos contam a história da do desenvolvimento de Juiz de Fora por meio de poemas e personagens que caracterizam os costumes, crenças e valores de uma época, uma vez que o teatro é uma arte o que espelha a sociedade, retrata o homem e suas ações. A pesquisa se inicia falando sobre a história do grupo teatral e sua relação de importância com a cidade de Juiz de Fora e a Universidade. Em um segundo momento, falamos de cidade, enquanto conceito, nos baseando nos estudos de Fábio La Rocca (2018) para retratar a representação da cidade em seu teatro. Em seguida, nos interessa falar sobre a memória presente nesses espetáculos e os lugares que eles revisitam. Neste momento da pesquisa, utilizamos como lente teórica os estudos de Pierre Nora (2012). Em outro momento, fazemos apontamentos de fenômenos

diaspóricos presentes na narrativa do nosso objeto. Para tanto, Stuart Hall (2003) nos dá fundamentos necessários para tratar a diáspora e suas características no contexto estabelecido. Consideramos, por fim, que nosso objeto mostra o início de uma hibridização da cultura de pessoas da roça que chegam à cidade com uma bagagem abarrotada de credences e saberes, que hoje estão presentes no linguajar, na culinária, na música, nos ritos e festas. A formação da cidade, sobretudo Juiz de Fora, mistura vertentes e influências para criação de sua identidade. As obras evocam um sentimento de passado, que de acordo com Nora (1993), para senti-lo é preciso que haja uma brecha entre presente e passado onde ocorre esse tipo de sentimento.

Gustavo Luiz Ribeiro (Univ. Anhembi Morumbi); Nara Lya C. Scabin (Univ. Anhembi Morumbi)
Mano e mana: subjetividades possíveis sobre o jornalismo com Semayat Oliveira no podcast Mano a Mano

Apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, o artigo tem como objetivo compreender quais são os sentidos e subjetividades atribuídos ao jornalismo na primeira temporada do podcast Mano a Mano. O corpus da pesquisa são as formas como Mano Brown apresenta a jornalista Semayat Oliveira para o público deste produto audiovisual. A observação realizada faz uso da Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2016) e adota o conceito Jornalismo de Subjetividades (MORAES, 2019) como referência teórica. Semayat Oliveira é uma mulher preta retinta que, no começo da primeira temporada do podcast original Spotify Mano a Mano, tinha 32 anos. Em 2012, Oliveira participou da fundação do coletivo Nós, Mulheres da Periferia, que mantém um site jornalístico dedicado a repercutir a opinião e a história de mulheres negras e periféricas. Ela trabalha no veículo até hoje, atuando como jornalista e diretora de conteúdo. Ela é ganhadora do troféu Mulher Imprensa e, em 2023, foi finalista do primeiro prêmio "Os +Admirados Jornalistas Negros e Negras da Imprensa Brasileira", promovido pela Jornalistas&Cia em parceria com a plataforma 1 Papo Reto, o portal Neo Mondo e a Rede JP de Jornalistas pela Diversidade na Comunicação. Por outro lado, a percepção de um jornalismo em crise é histórica. Especialmente em tempos de uma dita polarização política protagonizada por parlamentares brancos, falta da obrigatoriedade do diploma para exercer a profissão, dez anos de políticas públicas de ações afirmativas na graduação, incluindo a de jornalismo e a consolidação de novos meios e de big techs, tem-se aguçado "percepções de um jornalismo decadente" (SODRÉ, 2019). Em meio a esse cenário, a presença de pessoas pretas brasileiras como protagonistas na imprensa é resultado e sintomas das percepções supracitadas. Esses profissionais estão apontando os fenômenos das ascensões de novas teorias e técnicas jornalísticas. Fato este maior do que o senso comum sobre representatividade. Considerado o argumento acima, este trabalho não fala apenas sobre representatividade ou pensamentos decoloniais, mas pretende se debruçar sobre dois problemas de pesquisa: o que um programa endereçado à e interessado na diversidade de ontologias pretas brasileiras tem a dizer sobre o jornalismo, na figura de uma mulher preta, no caso, a própria Semayat Oliveira e quais são os sentidos possíveis produzidos sobre o jornalismo quando Mano Brown apresenta ao público a jornalista Semayat Oliveira no seu podcast?

Maria Eduarda Porto Rodrigues (UFU); Nuno Manna (UFU)
Uma tentativa de roubar tempo: análise de disputas temporais de artistas no Festival de Dança de Joinville

Após testemunhar em 2023 um protesto de dois artistas negros no palco do Festival de Dança de Joinville e o apagamento do ato pelo silêncio da imprensa, o trabalho surgiu como uma inquietação enquanto artista, pesquisadora e jornalista. Partindo da gravação da transmissão do ato como materialidade, o objetivo da pesquisa é analisar que disputas temporais estão articuladas a esse protesto e quais seus limites e potencialidades para elaboração de futuros. Em diálogo com os estudos culturais, o trabalho entende a sociedade pautada em dimensões de conflito, e parte da contextualização como reivindicação da historicidade para descrever essas relações e estruturas de poder (GROSSBERG, 2010). Para isso, permeia

pelo conceito de “cultura” como “todas as práticas sociais e a soma de suas inter-relações” (HALL, 1980) para compreender processos de hegemonia e contra hegemonia. Entende-se ainda, que “no âmbito popular não existe apenas submissão, mas também, resistência” (ESCOSTEGUY, 2008, p. 89), uma vez que sujeitos inseridos em estruturas hegemônicas criam mecanismos de rota de fuga como modo de sobrevivência as normas presentes - hoje na modernidade e nas continuidades da colonialidade. É importante destacar que existem contradições e limitações destes movimentos, já que seus participantes são subordinados a essas estruturas e as podem coabitar com ressalvas, na tentativa de criar possibilidades para a transformação da realidade. A pesquisa se inspira também nos estudos afrodiaspóricos da autora Saidiya Hartman ao reconhecer “ideias revolucionárias que animam vidas comuns” (2022, p. 13), no seu trabalho de fabulação crítica. Além das concepções de modernidade e subjetividade de corpos negros por Achille Mbembe (2014), e dos conceitos de “barricada” e “tomada do tempo” de Jota Mombaça (2021), para pensar como corpos subalternos habitam dispositivos que produzem suas violências para a criação de curtos-circuitos da cultura e da mídia. Por fim, me proponho a considerar as marcas de temporalidades que não passaram e vidas que ocupam/produzem/vivem imaginários e ideias frentes ao seu tempo. Considero o protesto como um movimento político minoritário contra-hegemônico para ganhar tempo. Nesse sentido, busco refletir como artistas negros locais, ex-premiados em antigas edições, articularam um discurso sobre o Sistema da Arte e a exploração de corpos, reivindicando espaço e inclusão, ao mesmo tempo que ocuparam dançando e se expressando por dentro desse sistema.

Samara Miranda da Silva (UFJF); Claudia Thomé (UFJF)

“Joãozinho da Gomeia, Famoso e Esquisito” nas páginas do jornal O Globo

As Escolas de samba são mundos construídos a partir da diáspora, do enfrentamento, negociação e resistência de um povo que canta e dança para não sucumbir. Grandes aglomerados de saberes, através e por elas, pode-se estudar os mais diversos temas. As narrativas guiam as nossas vidas. As histórias, fictícias ou reais, jamais finalizam, nos emaranham, condicionam, retratam e instituem. Todas as histórias contadas possuem alguma intenção, não desempenhando apenas função estética, destituída de intuitos, com táticas e impactos pretendidos. São instrumentos a serviço do convencimento, procurando diversos impactos e implicações que modificam os sentimentos de quem ouve, vê ou lê uma história. As finalidades camufladas não permanecem escondidas para sempre e ao ser questionada e analisada, tomarão luz a outras vertentes silenciadas anteriormente. O trabalho proposto faz parte da dissertação de mestrado denominada *É DENDÊ, É CATIÇO* Macumbas, narrativas, Joãozinho da Gomeia e resistências: um estudo do livro abre-alas da Escola de Samba Acadêmicos do Grande Rio em 2020. visando compreender quem foi João representado pela mídia, realizou-se uma pesquisa documental no acervo digital do Jornal O Globo, resultando em 128 páginas digitalizadas que continham matérias que o citavam ou eram protagonizadas por ele. Um exemplo da sua ligação com os meios midiáticos e a sua relevância para além do seu tempo, é matéria publicada no dia 13 de novembro de 1956, que já se inicia com “Joãozinho da Gomeia, Famoso e esquisito” (O Globo, 1956, p. 9). A partir da metodologia aplicando os sete movimentos propostos por Luiz Gonzaga Motta (2013), Concluiu-se que a memória de Joãozinho da Gomeia construída pela mídia da época, em especial a impressa, foi fundamentada no preconceito, homofobia e racismo. A partir de tais matérias jornalísticas, é possível discutir os impactos para a memória do zelador, visto que a mídia é um importante reservatório de fatos sociais. Ou seja, o tamanho do prejuízo para a sua memória e para os povos de religião de matriz que matérias como a do O Globo representam são imensos e quase irreparáveis

**História da Mídia Digital:
Disputas sociotécnicas I
13h às 15h30 SALA B313**

Eduardo Lopes Oliveira (UFMG); Carlos Frederico de Brito d'Andréa (UFMG); Márcio Telles da Silveira (Univ. Tuiuti do Paraná)

O assistente de vídeo que não é árbitro: histórias e controvérsias do Tira-Teima no Brasil

A pesquisa investiga o uso do Tira-Teima, uma tecnologia de gráficos computadorizados usada pela TV Globo no Brasil entre as Copas do Mundo de 1986 e 2014. Criado pela emissora italiana RAI, a tecnologia foi importada pela Globo e rebatizada com a expressão coloquial brasileira. Operado por um técnico de vídeo que desenhava linhas computacionais sobre imagens do campo de jogo para examinar ocorrências como impedimentos e a velocidade da bola em determinados lances, o recurso logo se tornou um clássico nas transmissões de futebol brasileiras e seu nome virou uma gíria nas culturas midiáticas e esportivas do país. Considerando a ausência de pesquisas anteriores sobre o tema, nosso estudo busca compreender a história do Tira-Teima e o que ela diz sobre as transmissões de futebol no Brasil. E ainda: quais são as repercussões da adoção do Tira-Teima na década de 1980 e em que medida os debates da época anteciparam discussões contemporâneas sobre a relação entre futebol, mídia e tecnologia? Nossa hipótese é que, em contraste com o Árbitro Assistente de Vídeo (VAR) e outras tecnologias de apoio da decisões implementadas pela FIFA recentemente para ajudar a arbitragem, as simulações gráficas fornecidas pelo Tira-Teima eram usadas principalmente para alimentar controvérsias (Venturini, 2010) e discussões no dia a dia entre comentaristas, jornalistas e torcedores, sem interferir na dinâmica do esporte, visto que a tecnologia não é dotada de autoridade ontológica (Collins, 2010). A pesquisa, combinando perspectivas dos Estudos de Mídia e Estudos de Ciência e Tecnologia (STS), analisa dados empíricos compostos de trechos de transmissões televisivas coletados no YouTube e artigos de dois jornais e duas revistas brasileiras (O Globo, Folha de S. Paulo, Almanaque da TV e Veja, respectivamente). Os achados preliminares indicam que a utilidade e a performance do Tira-Teima eram avaliados com base nas expectativas e desejos de uma audiência passional e emocionalmente investida, enquanto seu possível uso futuro como uma tecnologia de auxílio à arbitragem era um tema controverso na imprensa esportiva. Esses elementos destacam a relação íntima entre identidade nacional, futebol e a cultura televisiva no Brasil, provocando questionamentos sobre justiça, objetividade e utilidade de tecnologias baseadas em vídeo.

Igor da Silva Portela (UFJF); Christina Ferraz Musse (UFJF)

Enquadramento, moldura e instâncias em jogos eletrônicos

O trabalho em questão discute a produção de arte através dos jogos de videogame, focando nos aspectos da moldura e do enquadramento para a construção narrativa, somando a potencialização de junções sinestésicas que tocam o sensível de forma mais profunda e nas instâncias, espaciais ou contextuais, que podem modificar a experiência de jogatina no seu recorte social e temporal. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica com autores que trabalham a imagem como moldura, no caso Raimundo Martins e Eduardo Canizal, articulando com estudiosos da tela em audiovisual e sua função narrativa, incluindo autores sobre cinema como David Bordwell; sobre televisão, como Eugênio Bucci e sobre games, como Melaine Green, para embasar categorias de enquadramento em jogos eletrônicos e suas instâncias. As convenções simbólicas socialmente constituídas produzem gatilhos de associação e interpretação. Em uma tela audiovisual, as cores, os movimentos, a posição dos objetos, a iluminação, a atuação, a qualidade gráfica, a angulação de câmera, a justaposição de imagens somadas aos imaginários históricos, culturais e sociais, ajudam a construir negociações discursivas, variando conforme o perfil e as experiências individuais de cada

um, tanto na literacia educacional quanto nos fluxos midiáticos. Talvez a arte poderia ser definida como o sentimento causado em um indivíduo no momento em que este contempla a obra, porém, como hábitos, costumes, valores e ideais são socialmente constituídos, há uma complexidade enorme dentro da própria subjetividade da arte. Mediante a isso, a proposta é elencar e explicar algumas categorias de enquadramento em jogos de videogame e suas funções narrativas, utilizando imagens capturadas de gameplays como exemplos. Em seguida, falamos sobre as instâncias: a conexão com a máquina, o jogar junto, as interações virtuais no ao vivo, que abrangem diversificadas formas de jogar e de experiências, tanto internas como compartilhadas. O jogar é uma experiência de prazer, cheia de possibilidades, desafios, descobertas na qual cada detalhe faz a diferença, seja pelo espaço físico, conforto ou pelas pessoas que fazem aquele instante conectado entre duas dimensões paralelas – a física e a virtual – um momento especial, de afeto e de memória.

Guilherme Pereira Martins (UFSJ); Ingrid Achiver (UFSJ); Nathan Lourenço (UFSJ); Mayra Regina Coimbra (UFSJ; UFJF)

Fandoms contra a PL1904: uma análise do Twitter como ferramenta de mobilização política

A plataforma de difusão rápida, X/Twitter, engloba diversos atores sociais e criam uma interdependência entre personagens e mídias. As possibilidades de comunicação são potencializadas entre os usuários dessa rede e podem reverberar no cotidiano externo. Em junho de 2024, as redes sociais foram tomadas por manifestações a respeito do Projeto de Lei 1904/2024, proposto por deputados da extrema direita, que pretende equiparar o aborto, após a 22ª semana, ao crime de homicídio. Neste caso, a reação do público foi praticamente instantânea, motivados pela denúncia de outros parlamentares, como foi o caso de Erika Hilton (PSOL). A deputada federal convocou seguidores e usuários das redes a se posicionarem contra o PL, fortalecendo duas campanhas no X/Twitter: a #criançaãomãe e FANDOMS CONTRA A PL 1904. Esta última foi um convite para que fã-clubes se pronunciassem sobre o tema, difundindo informações a respeito do PL. A proposta deste artigo é analisar a relação entre o X/Twitter, fandoms e manifestações políticas. A partir da tag FANDOMS CONTRA A PL 1904 a intenção é investigar se o X/Twitter funciona como uma ferramenta de mobilização política e social, englobando diferentes grupos, comunidades e linguagens, e em caso positivo, como isso acontece. Ao delimitar uma temática que envolve uma recente tag no X/Twitter, comunicação e fandoms, estamos nos arriscando em um campo em construção, pois o conhecimento científico também é responsável por “compreender ou explicar a realidade apresentando os fatores que determinam a existência de um evento” (CARVALHO, 2000, p.3). O corpus desta pesquisa compreende a página da deputada Erika Hilton, no X/Twitter, entre os dias 10 e 15 de junho. A escolha deste objeto se justifica porque a deputada se mostrou responsável por organizar e convidar os fã-clubes a participarem das manifestações virtuais e do abaixo-assinado “Criança não é mãe”. O recorte metodológico se dá porque ele compreende a data da primeira publicação da deputada sobre o PL 1904, ainda sem o uso específico da tag, e a última aparição da tag citada em seu perfil. A partir da análise sobre o perfil da deputada Erika Hilton, sua relação com a criação da tag e o engajamento dos fãs, pretende-se verificar como uma figura política e seus discursos podem se relacionar com diferentes grupos. E, para além deste fator, se é possível praticar formas de comunicação mais diversas, acessíveis e que possam auxiliar na democratização de discussões político-sociais.

Natália Santos Dias (UFMG)

Notas em disputa: a evolução dos charts da Billboard em meio à digitalização da música

Este trabalho consiste em um estudo de caso a partir dos incidentes e controvérsias associadas aos charts musicais da Billboard. Tendo como ênfase as transformações vinculadas à digitalização da mercadoria musical, busca-se compreender o amplo conjunto de mecanismos que integram a compilação, o

processamento e a transformação dos dados de consumo de música em listas de ranqueamento (charts). Nesse processo, destaca-se mudanças nas metodologias de funcionamento dos charts, especialmente aquelas que foram alvo de intenso escrutínio público, como a incorporação dos dados de vendas e streaming. Descrita por Morris (2015) como um momento específico na história da música no qual as materialidades que oferecem sua forma comercial, estética, técnica e funcional operam em grande parte graças às tecnologias digitais e a conectividade online, a digitalização da música envolve a sua transformação em uma mercadoria conflituosa, cujo valor está associado aos dados que a mesma gera a partir de sua circulação. Nesse contexto, compreende-se os charts como resumo das tendências de mercado; dispositivo de marketing; formato comunicativo que liga produtores, críticos e consumidores; e arquivo da experiência social musical (Young, 2017). Portanto, falamos de listas que são articuladas pelo campo, ou seja, dependem de dados que possibilitem a análise do cenário musical, mas também são articuladoras do campo, na medida em que fornecem dados que orientam a indústria e os consumidores. Com base nisso, este trabalho associa a pesquisa bibliográfica acerca das transformações da mercadoria musical (Morris, 2015) com o histórico de transformações nos charts da Billboard, recuperado a partir de publicações da própria revista e relatórios da Luminate Data, empresa que desde 1991 fornece os dados utilizados pelos charts. Junto a isso, a visualização de dados, técnica que combina estatística, ciência de dados e design da informação, é utilizada como uma abordagem metodológica para apoiar observação de grandes volumes de informações e ainda estratégia didática para comunicar os achados da pesquisa. Assim, ao analisar os charts da Billboard sob a lente da digitalização, oferecemos um panorama sobre como as promessas de eficiência e confiabilidade associadas aos charts se complexificam em meio a datificação.

Henrique da Cruz Schimith (UFMG); Nísio Teixeira (UFMG)

Novas imagens do fandom: a experiência estética multimídia de Rosalía em "Motomami" como motor da cultura participativa na música

Um dos motivos que impulsionou a ascensão da carreira de Rosalía foi a complexidade conceitual de seu produto a partir da correlação entre música e visual (SEDEÑO-VALDELLOS, 2021), o que abria margem para inúmeras interpretações de seus espectadores e gerava movimentações nos canais midiáticos dos quais seus fãs integravam. A partir disso, o fandom da artista deixou de ter um papel passivo em relação às formas de consumo da música produzida por Rosalía e começou a contribuir de maneira expressiva para a sua reverberação, atribuindo teorias e novos significados para as expressões da arte promovidas pelo álbum - que pretendem ser analisados nesta proposta de trabalho. Os efeitos das escolhas conceituais podem ser vistos na reprodução de sua estética pelos seus fãs, que sustentam a cultura participativa ao se apropriarem dos mesmos símbolos plásticos idealizados por Rosalía em *Motomami*, replicando roupas, cores e atributos referenciais à obra em questão, como aponta Soares (2020, p.40): "o corpo-som das cantoras traz, em si, um devir-habitar, que se presentifica numa ocupação, por parte dos fãs ou indivíduos que se afetam por aquelas imagens, numa forma de reconhecimento de estratégias lúdicas no cotidiano". Difundindo seus visuais através de uma abordagem multiplataforma, Rosalía contempla os diversos pontos de contato com sua fanbase. De acordo com Jenkins (2009), uma narrativa transmidiática consiste no uso de diversos canais midiáticos que convergem para contar uma história, partindo do pressuposto que cada textualidade inédita contribua de maneira distinta para a nutrição dessa mesma narrativa. Essa estratégia é incorporada em mídias como o Instagram, YouTube e um grande exemplo de execução de uma narrativa transmidiática em "*Motomami*" que se pretende investigar aqui é a live performance que a artista realizou no seu perfil do TikTok. Exibindo versões exclusivas de suas faixas, Rosalía apresenta a ideia de álbum conceitual mais expandida, adaptando seu repertório artístico e sua proposta visual para os moldes de reprodução da rede social. A partir dessa ação, a cantora não só fixa ainda mais suas marcas estéticas enraizadas na memória de seu fandom, como também se aproxima de um público que pode conquistar a partir da produção de experiências estéticas inovadoras para a plataforma. Isso pode ser mensurado pelos números alcançados por *Motomami*, que se tornou o segundo álbum feminino de 2022 mais reproduzido com mais de 1,5 bilhões de streams.

**História da Mídia Digital:
Disputas sociotécnicas II
16h às 18h30 SALA B313**

Livia Kelly Labanca Ferreira (UFMG); Sônia Caldas Pessoa (UFMG)

Violência memorial póstuma com vítimas de feminicídio: uma análise do caso Eliza Samudio à luz do Twitter

Objetiva-se com esse artigo identificar as maneiras pelas quais a violência de gênero se manifesta na Internet, em específico com relação à memória de vítimas de feminicídio na rede social X, conhecida popularmente como Twitter, seu antigo nome. Para isso será utilizado o conceito de “Heterotopia” (1966) de Michel Foucault, com o intuito de entender o ambiente virtual como constituidor de regras próprias, que proporciona um espaço em que os usuários se sentem mais livres para expressar suas opiniões. Como o foco é falar sobre feminicídio, foi escolhido um caso amplamente midiático, o de Eliza Silva Samudio, que teve sequestro e morte encomendados por Bruno Fernandes de Souza (conhecido como “Goleiro Bruno”). Após 14 anos de sua morte, a história ainda é muito lembrada de forma controversa nos territórios digitais. Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizada a coleta de publicações do mês de junho de 2024, posto que esse foi o mês do desaparecimento e morte da vítima em 2010. A pesquisa qualitativa foi feita com o sintagma “Eliza Samudio” na busca geral do X e gerou 34 resultados, dentre os quais uma parte significativa dos comentários são mensagens que ironizam o feminicídio. Essa ironia está presente na construção da memória póstuma da vítima, na ausência do seu direito ao luto e no tocante às vidas consideradas “perdíveis” (Butler, 2015). No que concerne às questões referentes a violência de gênero, assim como os dispositivos patriarcais para a punição e submissão de mulheres ao longo dos anos – como algo que reflete nos dias atuais – será desenvolvida uma análise das publicações encontradas em contraponto com as teorias propostas por Silvia Federici no livro *Calibã e a Bruxa*.

Ana Clara Campos dos Santos (UFJF); Christina Ferraz Musse (UFJF)

Da #ReadWomen2014 ao Leia Mulheres: pesquisas acadêmicas sobre clubes de leitura e suas repercussões nas mídias digitais

Este resumo tem como tema o projeto Leia Mulheres, inspirado na campanha de mídia social #ReadWomen2014, criada pela autora Joanna Walsh. A provocação de Walsh trouxe à tona os desafios que as mulheres enfrentam para terem seus livros publicados e a importância da leitura de livros de autoria feminina. Temos como objetivo realizar uma revisão bibliográfica das teses e dissertações que utilizaram como objeto de pesquisa os clubes de leitura Leia Mulheres no Brasil. Foram localizados 9 trabalhos no Banco de Teses e Dissertações da CAPES a partir da busca do termo Leia Mulheres, dentre os quais foram selecionados os que analisam suas interfaces nas mídias digitais, bem como a influência destas na literatura. A pesquisadora Raysa Soares discorre sobre a transformação que a Internet proporciona à cultura do livro e da leitura: “essa leitura também já não é qualquer leitura, principalmente para os internautas mais engajados política e socialmente: eles querem se identificar com o autor e com o que ele escreve” (SOARES, 2019, p. 68). Contextualizando a Internet como amplificadora da distribuição e do acesso à literatura, Jéssica Casarin afirma: “Essa abertura dialógica que a Internet proporciona pode ser um caminho para a leitura e abordagem de obras de autores pouco conhecidos ou de minorias sociais, como o caso da literatura produzida por mulheres” (CASARIN, 2023, p. 79). Quando fala sobre as redes sociais digitais dos clubes, como Instagram e Facebook, Gabriela Pacheco afirma que “a maioria das mulheres que participaram pelo menos em um encontro presencial do Leia Mulheres ficou sabendo do grupo pelo Facebook” (PACHECO, 2019, p. 110), mostrando a força dessas redes em reunir grupos com interesses comuns. Em sua dissertação, Jean Rossi defende que as tecnologias de suporte digital possibilitaram a plataformação da leitura e que, especialmente durante a pandemia de Covid-19, os clubes de leitura, realizados de forma online, puderam

contar com participantes de diversas cidades. Ele comenta a influência da “narrativização do social” na leitura como a abordada por Fábio Malini, pois a “hashtag #ReadWomen2014 pautou manifestações e conversações em redes sociais digitais em 2014 (...) sendo apropriada no Brasil para criação de uma rede de clubes de leitura direcionados a obras de autoria feminina” (ROSSI, 2022, p. 80). Assim, compreendemos que as mídias digitais possuem diversas possibilidades de análise no que diz respeito a clubes de leitura como o Leia Mulheres.

Renata Rodrigues Coutinho (UFMG)

Das redações às Redes Sociais: ciberjornalismo e novos métodos de violência de gênero

A história da construção da cidadania feminina é longa e marcada por lutas e conquistas importantes. Durante séculos, as mulheres foram subjugadas e impedidas de exercerem plenamente seus direitos e deveres como cidadãs. No entanto, a partir da década de 1970, os movimentos feministas ganharam força e visibilidade, impulsionando a luta pela igualdade de gênero e pela cidadania plena das mulheres (DE GREGORI, 2017). No jornalismo brasileiro a inserção feminina aconteceu, de maneira geral, a partir de veículos da imprensa alternativa. O jornal das senhoras, primeiro periódico escrito por mulheres no país, surgiu em 1852, na cidade do Rio de Janeiro, com circulação até 1855 e tinha como objetivo principal propagar mensagens que despertassem a consciência feminina para a reivindicação de direitos como o ingresso ao mercado de trabalho e a educação, buscando cooperar com a emancipação social e moral das mulheres (RODRIGUES, 2017). Entretanto, ainda há muito a ser conquistado, já que as consequências do sistema patriarcal continua a atingir diversos aspectos da nossa sociedade. No mercado de trabalho as mulheres ainda ganham aproximadamente 20% menos que os homens ocupando os mesmo cargos, além de, possuírem menos chances de alcançar posições de liderança. O padrão dentro das redações não é diferente, apesar da intensa presença feminina nos jornais, os cargos de liderança dentro dessas organizações são ocupados por homens. A pesquisa anual do Instituto Reuters para Estudos de Jornalismo, publicada durante as celebrações pelo Dia Internacional da Mulher (2022), examinou 240 redações dos principais veículos de 12 países e constatou que apenas 21% dos 179 principais editores são mulheres. No Brasil a média geral é ainda pior, pois, apenas 7% dos principais editores são mulheres, mesmo a proporção de homens e mulheres nas redações sendo equilibrada. Contudo, é importante reforçarmos que o alto percentual de mulheres no jornalismo, não é capaz de evitar violências e injustiças ligadas ao gênero, já que de modo geral a perspectiva masculina é privilegiada.” (LELO, Thales Vilela; 2019). Desta maneira, a presença das mulheres é continuamente afastada desses cargos dominados majoritariamente pelo sexo masculino, não por falta de competência mas por argumentos segregacionistas de controle social sob o corpo feminino, além do constante assédio moral e sexual praticados nas rotinas trabalhistas dentro das redações.

Stephanie Borges Boaventura Ferreira de Sousa (UFMG)

“Sua rede de apoio on-line”: a experiência da maternidade em um fórum para mães

O artigo que proponho para apresentação busca fazer uma descrição de orientação etnográfica do portal BabyCenter, focando em sua Comunidade como um local de interesse para o estudo de temas relacionados à maternidade. Essa descrição pretende dialogar com teorias feministas da maternidade, com apontamentos da perspectiva ética do cuidado e com a crítica do “complexo internético”. Descrito como a maior plataforma sobre maternidade do Brasil, o site reúne artigos de especialistas e hospeda um fórum para troca de informações entre mulheres em pontos distintos da matrescência, ou seja, da jornada para tornar-se mãe. Embora não seja tão conhecido fora do universo materno, é provável que pesquisas no Google sobre gravidez, parto ou saúde infantil retornem postagens da comunidade do site. Trata-se, portanto, de um local privilegiado para observar, nos encontros e trocas de conhecimento entre mulheres, representações, dinâmicas sociais e práticas discursivas que formam e são formadas pela experiência da maternidade em

nosso tempo. A matrescência é um evento biográfico de imensa complexidade, que acarreta profundas mudanças biológicas e ambientais. No contexto atual, as mães ainda enfrentam muitas das mesmas restrições à plena fruição da vida que teorias feministas denunciam há décadas. Mas há duas novas dimensões importantes, que são entrelaçadas sem que seja possível estabelecer uma relação de causalidade em um único sentido entre elas: de um lado, as mães precisam enfrentar, com os filhos nas costas, a falência de pactos coletivos de cuidado, em um cenário de intensa erosão das relações sociais e dos laços comunitários. Por outro lado, a experiência contemporânea da maternidade é atravessada pela circulação de discursos e interações mediadas na “mamasfera”, segmento cultural online que começa a se consolidar com o sucesso de blogs maternos na primeira década do século. A atenção etnográfica às práticas e às necessidades que essas mães, enquanto figuras desigualmente responsabilizadas pelo cuidado e reprodução da vida, manifestam em conjunto em seus encontros nessa plataforma pode contribuir para romper com a invisibilidade de relações que se dão no cotidiano. Este trabalho faz parte da minha pesquisa de doutorado, que vem sendo desenvolvida com apoio financeiro CAPES/PROEX (mar/abr-2024) e FAPEMIG (mai-2024 em diante).

Andréia Rosa (UFRJ)

Como a integração dos Chatbots no atendimento prejudica a experiência do cliente

O objetivo deste trabalho é demonstrar, através de pesquisa e revisão de literatura, como a integração de um atendimento robotizado pode prejudicar a experiência do cliente e afetar negativamente a qualidade do atendimento. A Inteligência Artificial está cada vez mais presente em nosso cotidiano, seja em dispositivos pessoais ou processos corporativos, e no ambiente de trabalho, tornando-se uma realidade inevitável no meio digital. A automação de serviços, embora ofereça benefícios em termos de eficiência e custo, pode resultar em experiências frustrantes para os consumidores, que frequentemente sentem falta de um toque humano no atendimento. Este artigo explora o impacto dessa realidade tecnológica na ponta final da prestação de serviços, ou seja, no consumidor. A implementação de chatbots e outros sistemas de IA no atendimento ao cliente tem sido adotada por empresas que buscam reduzir custos operacionais e aumentar a eficiência. No entanto, essas tecnologias frequentemente falham em proporcionar a qualidade de interação de um atendimento humano. A falta de empatia, compreensão e capacidade de resolver problemas complexos são algumas das principais limitações dos chatbots. Estudos indicam que a satisfação do cliente diminui quando a interação com a empresa é mediada por robôs, especialmente em situações que requerem compreensão contextual ou emocional. A pesquisa traz casos em que a robotização do atendimento resultou em consequências adversas, tanto para a experiência do cliente quanto para a reputação da empresa. Um exemplo destacado é o uso de chatbots em serviços essenciais, onde a incapacidade de fornecer respostas diretas gera frustração causada por uma interação repetitiva, tal fato levou ao aumento nas reclamações e na insatisfação dos clientes. Além disso, a falta de um canal de escalonamento adequado para atendimentos mais complexos agrava a percepção negativa dos consumidores. Outro ponto abordado no estudo é a percepção dos clientes em relação à personalização do atendimento. Enquanto chatbots são programados para responder a consultas comuns, eles não oferecerem o mesmo nível de personalização que um atendente humano poderia, considerando o histórico e as preferências individuais de cada cliente. Isso resulta em uma experiência genérica e muitas vezes insatisfatória para o consumidor. Ao final, o estudo propõe uma reflexão sobre a necessidade de equilibrar o uso da IA com a manutenção de um atendimento humanizado.

**História da Mídia Impressa:
Entre arquivos e memórias I
13h às 15h30 SALA B513**

Adriana de Faria e Sousa (UFU)

Sem Google, sem acesso aos registros da história? Jornal impresso como fonte documental relevante para a produção de ciência

O artigo resgata parcialmente a história do jornal Primeira Hora, que circulou na cidade de Uberlândia (MG) entre 1981 e 1988. Foi feita uma análise documental baseada em registros mantidos em um acervo privado, de propriedade de Eduardo Afonso Arnolde, que foi um de seus acionistas. Ao analisar o periódico, a autora reforça a importância dos jornais impressos para o registro da história das comunidades, que traz histórias, fatos e memórias de um passado recente, que constitui não apenas a história das cidades, mas dos hábitos, costumes e relações que se estabeleceram ao longo do tempo. Enquanto documentos, os jornais impressos fazem parte de acervos públicos e privados, mas são poucos os que já foram digitalizados e colocados para consulta de pesquisadores e interessados em estudar aspectos da história recente. Com isso, muitos fatos que ajudam a entender aspectos do desenvolvimento urbano acabam por não ser acessados, pela falta da disponibilização digital. A autora se baseia em dois exemplos de histórias narradas pelo periódico, que fazem parte da história da cidade. Em um deles, ligado a uma enchente, não há registros digitais existentes. Em outro, ligado a um projeto do paisagista Roberto Burle Marx que foi destruído na cidade, há registros no jornal e também digitais. A fundamentação resgata o conceito de documento defendido pelos autores da Escola dos Anais e os diferentes formatos para se fazer uma análise documental. Resgata também o fato dos jornais, originalmente, não terem sido criados para registrar a história, mas sua utilização ao longo do tempo mostra o quanto foram importantes nesse sentido. A autora inicia e conclui o texto com uma provocação acerca da importância dos arquivos e de sua disponibilização como fonte de pesquisa: hoje em dia, o fato de um documento escrito não existir em formato digital inviabiliza sua existência? Sem documentos, sem história? Sem documentos digitais, sem registro da história? A autora reflete sobre essas perguntas para reforçar a importância dos jornais enquanto documentos que contribuem para o resgate da história de uma determinada sociedade.

Ives Teixeira Souza (UFMG)

Binômio, sombra e água fresca: possibilidades temporais do futebol em Belo Horizonte pelo impresso

A proposta deste trabalho é buscar as possibilidades temporais do futebol em Belo Horizonte (Minas Gerais/Brasil) por meio dos arquivos do jornal “Binômio: sombra e água fresca” (1952-1964). Criado pelos jornalistas Euro de Moura Arantes e José Maria Rabello, há o entendimento de que o jornal entrou em nova fase a partir do início do governo mineiro Bias Fortes (1956-1961) (Rabelo, 2004). É nesse período que se iniciou a coluna “O chute”, em 26 de fevereiro de 1956, e o jornal passou a ser impresso na capital federal, o que dificultou a divulgação dos resultados esportivos (Rabelo, 2004). Os arquivos do jornal, não em sua totalidade, compõem a Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e foram disponibilizados digitalmente no site da biblioteca da instituição. Este trabalho entende que BH é constituída pela tempestade moderna dada pela dupla fratura colonial e ambiental (Ferdinand, 2022) e tem como base os acionamentos das dimensões corpóreo-temporais para destacar que o corpo age enquanto instaurador de temporalidades não-lineares (Martins, 2021), capaz de ser potência para alterar a percepção de uma BH registrada linearmente em seus arquivos, mas de uma cidade também em registro pelos conhecimentos inscritos nos/pelos corpos daqueles que constituíram a cidade (Musa, 2022). Em outras palavras, como “Binômio”, em suas narrativas sobre futebol, se insere na tempestade moderna (Ferdinand, 2022) de Belo Horizonte (Minas Gerais/Brasil) enquanto prática de um jornalismo que atua enquanto ator

colonizado e colonizador (Carvalho, 2023)? As narrativas sobre o futebol são entendidas a partir dos impactos do regime de historicidade moderno e da colonialidade nas tramas criadas (Jácome, 2020) e de como as dimensões de corpo e território se articulam nesses narrares. O Estádio Minas Gerais, em idealização e construção durante o período da análise, que corresponde de 1956 a 1963, é o principal foco para perceber essas possibilidades temporais, ao considerarmos que estádio é território onde se disputa o sentido das cidades (Mascarenhas, 2013). A partir disso, são analisadas verbovisualmente as edições que apresentam "O chute" até as do ano de 1963, que compõem o arquivo digital. Para a análise, parte-se de Ribeiro, Martins e Antunes (2017) na compreensão de que o contexto é entendido enquanto elemento constituidor do texto, capaz de mostrar as temporalidades envolvidas na dimensão relacional da comunicação.

Laura Silva Araújo (UFMG); Phellipy Jácome (UFMG)

Um horizonte crônico: a capital de Minas Gerais, de Camarate a Sabino

A cidade é constituída não somente pelas construções materiais que a preenchem, mas também por meio das relações traçadas por aqueles que a habitam, seja entre si ou com o ambiente que vivem. Essa ideia é proposta por Mario Margulis em *La ciudad y sus signos*. Com essa noção delimitada, nesta apresentação, busca-se entender como Alfredo Camarate e Fernando Sabino apreendem Belo Horizonte em suas crônicas, a partir de diferentes pontos de vista. O primeiro, arquiteto, integrante da CCNC e cronista do jornal da então capital, Ouro Preto, descreve a nova cidade e os acontecimentos dela em seus textos reunidos na coleção "Por Montes e Vales". O segundo, já contemporâneo, escreve a partir de um olhar de saudade e afeto, rememorando lugares por quais passou em sua juventude. Entendendo a proposta do gênero literário, que surge com objetivos próprios e insere-se em cenário ainda mais específico quando produzido na América Latina, como visto a partir da ponderação sintetizada por Antonio Candido, propõe-se investigar de que forma a cidade é assimilada e transcrita pelos autores. A partir da crônica escrita por Camarate, a número VI da coleção, publicada em 1 de abril de 1894, e o texto BH – Ontem, hoje e sempre (2001), de Sabino, estudaremos as relações traçadas entre o gênero crônica e a constituição de Belo Horizonte. Por meio da assimilação do tempo e cenário em que as publicações foram realizadas, além da percepção dos diferentes contextos em que os autores são inseridos, a pesquisa propõe-se a analisar como os elementos de observação, afeto e registro são acionados nas obras. Tal análise será realizada a partir da leitura das crônicas propostas, buscando a assimilação da forma, linguagem e escolhas narrativas tomadas pelos autores, assim como comparando as maneiras como ambos se referem à cidade e de que maneira os textos corroboram para a construção dela de forma simbólica. Esse método tem como propósito traçar uma reflexão que vincule essas decisões aos materiais teóricos que utilizaremos como base, abordando a constituição da cidade e o uso da crônica como elemento agregador deste processo. Para quem esses textos se dirigem? A partir de qual ponto de vista eles são escritos? Como as ideias de afeto, memória, cultura, observação e registro são acionadas por eles? Quais as Belo Horizontes são "cronificadas" e quais impressões da cidade são descritas? O que essas escolhas significam dentro do gênero literário? Como o tempo alterou a cidade apresentada?

Rebeca Oliveira (UFOP); Sofia Carvalhido (UFOP); Nathália Paes (UFOP); Carlos Jáuregui (UFOP)

Um olhar histórico para as mulheres na capa da revista True Detective

Este trabalho desenvolve uma análise de capas da revista *True Detective*, uma das pioneiras e mais relevantes no gênero do true crime. Criada em 1924, com o nome *True Detective Mysteries*, recebeu seu nome definitivo em 1941 e teve seu último número publicado em 1996. Embora nos seus primeiros anos, ainda trabalhasse com ficção, a mudança de nome evidenciou uma escolha editorial para privilegiar relatos sobre crimes reais, muitas vezes com a colaboração de agentes da polícia. Desse modo, tornou-se ainda mais popular fazendo parte de um disputado mercado editorial, que atingiu o seu auge nos anos 1960, com mais de 200 títulos. Para esta análise, delimitamos um corpus com uma revista por década, partindo de 1925 até 1996.

Observamos cada uma dessas oito capas, de modo a reconhecer temas, imagens e composições recorrentes, assim como variações que possam revelar as diferentes fases da revista. Essa discussão se desenvolve em diálogo com as contribuições de diferentes estudos sobre true Crime (Marr, 2015; Murley, 2008; Punnett, 2018), dando ênfase ao papel que figuras femininas desempenham nesse universo. Dentre os resultados, observamos que, de modo geral, imagens de mulheres hipersexualizadas coexistem com os relatos de violência. Ao longo das décadas, a linguagem do cinema e da televisão influencia a estética da publicação, sem alterar substancialmente as expressões de medo e de surpresa dessas personagens, assim como suas posturas submissas, normalmente representadas em poses sensuais e roupas decotadas, que exibem o corpo. Frequentemente surgem como vítimas, sendo presas, amarradas ou capturadas, mas mesmo quando são criminosas, ainda são mostradas com poucas roupas, expressões sensuais e gestos de submissão.

Felipe Jailton da Silva (USP); Daniel Dantas Lemos (UFRN)

A trajetória da Playboy no Brasil: da ditadura à crise do impresso

Nos anos 1970 e 1980, enquanto duelava com a censura e sob a longeva direção de Mario Escobar de Andrade, a Playboy se tornou uma das maiores revistas do Brasil, com estrelas de relevância nacional e conteúdo editorial de alto valor, com destaque para o “entrevistão”, sempre com um personagem importante da cena política e cultural. Martin Luther King, Fidel Castro, Jimmy Carter, Lula, Mario Vargas Llosa, Tom Jobim, Pelé etc. são alguns dos responsáveis pela disseminação da velha justificativa “comprei pela entrevista” repetida pelos leitores da publicação. A década seguinte foi marcada pela estabilidade do Real de FHC (1995-2002) e pelos recordes da Playboy sob a direção de Ricardo Setti, compreendendo as dez edições mais vendidas da revista. Mas os anos 2000 seriam de reviravolta para a publicação. Assumia a primeira diretora, Cynthia de Almeida, que enfocou o público de 20 a 29 anos e deixou o cargo em 2004. Em seguida, Rodrigo Velloso promoveu uma mudança de diagramação e layout que deixou a Playboy “mais limpa, mais clara, mais prazerosa de se percorrer”. Em 2006, assumiria o segundo mais longo diretor da revista, Edson Aran. Ele havia sido redator-chefe da VIP e diretor de redação da Sexy, tendo reposicionado totalmente a marca, vendendo em alguns meses mais do que a concorrente, o que incomodou a Editora Abril. Aran deu grande importância ao texto e ao cartum na Playboy, lançou edições temáticas e reviveu os rankings que a publicação fazia, como o de cachaaças. Ele logra estancar a queda da revista, investe em capas com ex-BBBs e grandes estrelas, faz a Playboy bater seus últimos recordes e vende 480 mil edições da atriz Cleo Pires em 2010. Em 2013, após sete anos à frente da publicação, Aran é trocado por Thales Guaracy, que fica apenas nove meses no cargo e é substituído por Sérgio Xavier Filho. Ele assume com a missão de tocar a revista enquanto a Abril negocia o fim da licença com a Playboy Enterprises e o pagamento da multa contratual do acordo de renovação, assinado em 2010. Filho é ex-diretor da Placar e comandava o núcleo responsável pela Men’s Health. Foi em dezembro de 2015 que a Abril encerrou a publicação e passou o bastão para a PBB Entertainment, sociedade do Paraná que em abril de 2016 debuta com Luana Piovani na sua primeira edição, seguida de outras nove até encerrar a revista sob a crise do impresso no fim de 2017, com o falecido Hugh Hefner numa capa e as coelhinhas do Brasil noutra fechando o legado da Playboy nas bancas.

**História da Mídia Impressa:
Entre arquivos e memórias II
16h às 18h30 SALA B513**

Jairo Faria Mendes (UFSJ)

Jornalismo humorístico e político do Barão de Itararé

O Barão de Itararé foi um dos grandes personagens do jornalismo brasileiro, não só pela qualidade de seus jornais e seu fino humor, mas por sua crítica ao autoritarismo e aos problemas sociais existente no país. Ele foi mais que um jornalista e um humorista. Foi um personagem da história brasileira. Era o pícaro, presente nas narrativas dos principais fatos históricos, utilizando do humor como permissão para mostrar questões sérias de nossa política e nossa sociedade. "O Barão de Itararé assume a posição do malandro que ludibria, dribla, resiste, engana pelo riso, o poder dominante, trazendo a tona questões proibidas, denunciando e informando" (AGUIAR, 2006, p.28). Disfarçado no papel do palhaço, era mais fácil criticar. "A possibilidade de transgredir a censura era facilitada pelo fato de ser normal não se dar crédito ao que diz o 'palhaço', o 'bobo', os humoristas, pois todos acham que se trata apenas de brincadeira" (AGUIAR, 2006, p. 46). Apparício Torrely, que se nomeou Barão de Itararé, tinha como principal arma política e instrumento transformador o riso. "O riso humilha e provoca", diz MINOIS (2003, p. 3). "Os poderes totalitários tentam, em seus princípios, expulsar o riso, sobretudo o descomedido e inoportuno, pois traz a troça e a subversão" (FERREIRA, 1996, p. 122). O riso também é inconveniente as elites e aos intelectuais. "A Filosofia e o pensar são sisudos (...), remete-se o universo popular para o contrário disso, para o domínio da comunicação emotiva" (FERREIRA, 1996, p.121-122). Atuando em diversas publicações, principalmente em seu jornal A Manhã, incomodou bastante os poderosos, fazendo uma paródia da história real em que o principal personagem era assumido pelo próprio Apparício Torelly, transformado em Barão de Itararé. Um falso barão, que mostrava o resquício monárquico presente nas elites brasileiras, uma figura que em muitas coisas se assemelha ao Don Quixote, de Cervantes. Ambos são personagens caricatos, idealistas e delirantes. Mas a luta do Barão de Itararé não foi contra moinhos de ventos, enfrentou a ditadura do Estado Novo e as elites brasileiras. Por isso, foi vítima de prisões, agressões físicas e perseguições.

Gabriela Santos Pires (UFF); Rachel Bertol (UFF)

As nuances de José do Patrocínio no jornal "Cidade do Rio"

José do Patrocínio (1853-1905) lançou o jornal "Cidade do Rio" em 1887, no auge de sua luta abolicionista. Seu jornal, dizia, era "cheio de vida e pronto para todas as lutas", como afirmou na primeira edição, de 28 de setembro, data comemorativa da promulgação da Lei do Ventre Livre. A folha participou ativamente da campanha da qual foi um dos líderes, naquela que foi uma importante campanha popular, que mobilizou fortemente a opinião pública (ver Alonso, 2015), com participação decisiva do jornalismo. Este artigo (que integra um projeto sobre a vida jornalística na Primeira República) tem como objetivo mapear a contribuição de Patrocínio e seu jornal para a imprensa do período. Depois da Abolição, em 1888, a folha enfrentou seguidas crises até fechar em 1902, mas ficou na memória como "uma escola" para os profissionais que por lá passaram. Embora relativamente pequeno, a força do Cidade do Rio provinha da pena aguerrida de Patrocínio: "E era sempre uma preciosa lição de estilo ou de jornalismo, de técnica de imprensa e até mesmo de português, que [José do Patrocínio] nos dava. A Cidade do Rio era uma escola. E era prazer trabalhar com ele. Prazer tão grande que compensava a exiguidade dos ordenados e ainda a irregularidade dos pagamentos, sempre atrasados" (Coaracy apud Sodré, 1999, p. 272). Embora sua trajetória de abolicionista tenha sido marcada também pela posição republicana (em prol do fim da monarquia), depois da promulgação da Lei Áurea, Patrocínio torna-se adepto do "isabelismo", defensor da Princesa Isabel, ideário inclusiva da Guarda Negra, espécie de milícia a favor de Isabel que teria sido fundada na redação do jornal (ver Farias, 2019). Patrocínio manterá seu apoio a Isabel, embora reafirmando sua posição favorável à República, como se pode

ler em 1896 no artigo de fundo "Ainda uma vez" (30 de julho), em que reitera Isabel como "Redentora". Se na política a posição de Patrocínio mostrava-se cheia de nuances e contradições, por outro lado o jornal tinha atrativos, como a divulgação (era uma folha vespertina) do resultado do jogo do bicho e de uma espécie de mapa de palpites. "Muita gente só comprava o jornal para saber que bicho tinha dado e inspirar-se nos palpites para o dia seguinte" (Coaracy apud Sodré, 1999, p. 272).

Marco Antônio Carvalho Gomes (UFJF); Ana Lua (UFJF); Iris Falcão (CES/JF); Maria Angélica (UFJF); Wedencley Alves Santana (UFJF)

Uma historiografia da imprensa negra brasileira: os Movimentos Negros e suas diferentes estratégias para se comunicar

Após a abolição da escravidão no Brasil, em 1888, a população negra enfrentou um vácuo de representação e reparação, com a mídia tradicional ignorando ou romantizando a realidade do racismo e da discriminação. Diante disso, emergiu uma imprensa alternativa, inicialmente discreta, mas crucial para dar voz aos negros e discutir questões como segregação racial e desigualdade social. O Surgimento da Imprensa Negra* A imprensa negra no Brasil teve início com jornais como "O Homem de Cor", lançado em 1833 por Francisco de Paula Brito, que denunciava abertamente o racismo e promovia a conscientização entre os negros. Esta primeira fase foi marcada por uma abordagem assimilacionista, focada na integração social dos negros na sociedade. Na década de 1920, durante a segunda fase, houve um movimento de maior radicalização e reivindicação de direitos civis. Jornais como "Clarim da Alvorada" e a Frente Negra Brasileira (fundada em 1931) desempenharam papéis significativos na luta por direitos políticos e sociais, antes de serem silenciados pelo Estado Novo de Getúlio Vargas. A terceira fase, iniciada após a queda da ditadura em 1946, testemunhou a revitalização do movimento negro com a União dos Homens de Cor e iniciativas culturais como o Teatro Experimental do Negro (TEN). O jornal "Quilombo", fundado em 1948, destacou-se por sua influência cultural e política. A Comunicação do Movimento Negro Unificado O Movimento Negro Unificado (MNU), formado em 1978, representou uma fase de renovação e organização política, rejeitando a democracia racial e adotando uma postura mais radical contra o capitalismo. Utilizando palestras, reuniões e jornais como ferramentas de mobilização, o MNU focou na conscientização racial e na luta contra a opressão. Conflitos Internamente, o movimento negro enfrentou desafios como divisões de classe e ideológicas. Críticas foram dirigidas à elite negra e à influência de ideologias não alinhadas aos interesses da maioria dos negros brasileiros. Externamente, conflitos com movimentos de esquerda destacaram a dificuldade de se integrar agendas raciais dentro de um contexto político mais amplo. Métodos, Hipóteses e Contribuições Os métodos de comunicação da imprensa negra evoluíram de jornais impressos para plataformas digitais, ampliando o alcance e impacto das mensagens. Hipoteticamente, cada fase do movimento negro contribuiu para uma maior conscientização e organização da população negra, influenciando debates acadêmicos, políticos e sociais.

Marcio de Souza Castilho (UFF); Mayra Lacerda Carvalho (UFF)

Produção editorial e ditadura: um estudo de caso sobre a Alfa-Ômega durante a abertura política no Brasil

O trabalho propõe examinar a atuação da editora Alfa-Ômega no contexto da ditadura civil-militar no Brasil, com ênfase no período da abertura política no final da década de 1970, quando diferentes segmentos de oposição ao Estado autoritário contribuíram para o fortalecimento da campanha pela "Anistia Ampla, Geral e Irrestrita". Criada em janeiro de 1973 pelo casal Fernando e Claudete Mangarielo, a Alfa-Ômega surge numa conjuntura marcada por diferentes tendências no mercado editorial e um quadro multifacetado de repressão e censura. A editora acompanhou essas transformações, publicando livros sobre a realidade política nacional, tendo sofrido represálias durante os governos de Ernesto Geisel (1974-1979) e João Batista Figueiredo

(1979-1985). O corpus da pesquisa inclui pesquisa bibliográfica, consulta aos fundos documentais da ditadura e entrevista com a editora Claudete Mangarielo, realizada em 04/04/2024, via Google Meet. Nesta etapa, interessou-nos analisar o papel da editora dentro de um conjunto de práticas sociais e políticas mais amplas, incluindo a trajetória profissional e política dos fundadores da Alfa-Ômega, os principais títulos editados, as ações para divulgação e comercialização das obras, a relação da empresa com os Comitês Brasileiros pela Anistia (CBAs) e as estratégias para lidar com o aparato censório. A editora Alfa-Ômega é classificada por Maués (2013, p. 225) como “editora de oposição”, integrando uma frente editorial com perfil político e ideológico de contestação à ditadura. Dentre as formas de atuação das editoras de oposição estava a publicação de documentos, relatos de presos políticos, livros-reportagem, romance político, contos e livros de denúncias (Maués, 2013). No caso da Alfa-Ômega, uma série de obras buscou desvelar as arbitrariedades do Estado autoritário, tais como *Em câmera Lenta*, de Renato Patajós (1977), *A guerrilha do Araguaia*, de Palmério Dória, Vocente Corelli, Sérgio Buarque e Jaime Sautchuck (1978), *A sangue-quente: a morte do jornalista Vladimir Herzog*, de Hamilton Almeida Filho (1978), e *Os exilados: 5 mil brasileiros à espera da anistia*, de Cristina Pinheiro Machado (1979). A pesquisa tem, portanto, o objetivo de complementar os estudos já consolidados sobre o campo editorial durante o último ciclo autoritário no Brasil, aprofundando o debate sobre o papel desempenhado pela editora Alfa Ômega durante o processo de liberalização tutelada no Brasil.

Susana Azevedo Reis (UFJF); Talita Souza Magnolo (UFJF)

O mercado editorial no período da redemocratização no Brasil: os best-sellers do Círculo do Livro

Este trabalho tem como objetivo analisar o mercado editorial brasileiro no período de redemocratização, observando os principais títulos de best-sellers da época. Oficializada em 1985, a redemocratização trouxe a implantação do Plano Cruzado em 1986, com o objetivo de reduzir a inflação, e a abertura da economia para o mercado internacional. O setor editorial não perdeu tempo. As feiras de livros começaram a ganhar força; os livros de auto-ajuda e best-sellers internacionais também se destacaram; e surgiram as primeiras agências literárias nacionais (Gomes, 2005, p.98). Entendemos como best-seller ‘uma obra literária extremamente popular cujo valor seria colegitimado pelo próprio mercado, ganhando evidência e aval através da inclusão na lista dos ‘mais vendidos’” (Aranha; Batista, 2009, p.126). Para nossa análise, iremos analisar sete edições da Revista do Livro: número 61, de 1986; 66, de 1987; 70, 73 e 74, de 1988; e 76 e 79, de 1989. A revista era a publicação do clube Círculo do Livro e trazia o catálogo de livros e informações literárias (Reis; Musse, 2021). Através do uso da metodologia de Análise de Conteúdo (Krippendorff, 2004; Sampaio e Lycarião, 2021), pudemos comprovar que, dentre as sessões da revista, que divide os títulos por tema ou gênero, encontramos o best-seller, composto por 296 títulos, ou seja, 15,7% de todo o catálogo. Excluindo as obras repetidas, temos um total de 131 títulos e 66 autores. Destes, dois são latino-americanos, 36 são norte-americanos (Estados Unidos ou Canadá), 25 são europeus, e três são da Oceania; sendo 15 mulheres e 51 homens. Os autores mais recorrentes, em títulos e em edições da revista, são: Sidney Sheldon, com 36 livros, Harold Robbins, com 33, Morris West, com 27, J.M. Simmel, com 23, Marion Zimmer Bradley, com 17, e Irving Wallace, com 16 livros. Verificamos também que os livros estão agrupados nas páginas da revista por “coleção editorial”: “Livros com sobrecapa”; por “temas”: “Clássicos do erotismo” e “Amor, sexo, violência, ambição”; por “autor”: Sidney Sheldon, Harold Robbins, Marguerite Yourcenar, Morris West e J.M.Simmel; e por “coleção do autor”: “As brumas de Avalon”, “Bicicleta azul” e “Casa nobre”. Assim, percebemos como havia um destaque maior para os títulos e autores da Europa e dos Estados Unidos, com uma predominância masculina. A sessão não conta com nenhum título brasileiro, já que a revista possuía uma sessão exclusiva para os livros nacionais.

**História da Mídia Sonora:
Dinâmicas Narrativas I
13h às 15h30 SALA B404**

Hamilton Almeida (Jornalistas&Cia)

125 anos da primeira transmissão de voz por ondas de rádio

A mais antiga experiência pública de transmissão de voz por ondas de rádio foi acompanhada e documentada pela imprensa, em 16 de julho de 1899. A nova fronteira da ciência foi quebrada, surpreendentemente, em um país periférico, longe dos grandes centros de ciência, da Europa e dos Estados Unidos. Surpreendeu também que o autor da façanha tenha sido um padre cientista gaúcho: Roberto Landell de Moura, que trabalhava sozinho e com poucos recursos financeiros. Assim nasceu, no Brasil, o rádio. Vítima do negacionismo científico, Padre Landell ficou à margem da História e ainda hoje não é reconhecido devidamente. “- Toquem o Hino Nacional.” Estas foram as palavras pronunciadas há 125 anos – em 16 de julho de 1899 – pelo padre Roberto Landell de Moura através do tubo de um engenhoso aparelho criado por ele. A primeira experiência pública de transmissão de voz e música por ondas de rádio contou com a presença de autoridades, empresários e a imprensa. O inventor fez uma preleção antes de proceder ao experimento anunciando que os jornais O Estado de S. Paulo e Correio Paulistano divulgaram o que iria acontecer e foram seguidos, pelos cariocas Jornal do Commercio e A Imprensa, reproduzindo material de agência noticiosa. No dia seguinte, apenas outros dois jornais publicaram o resultado da experiência inédita. O monarquista O Commercio de São Paulo descreveu: “Na janela de uma sala, no alto do edifício, tem o padre Landell o aparelho, que consiste em um longo tubo, com receptores em cada uma das extremidades, por onde a voz é transmitida, ouvindo-se cantar a grande distância, o que se observa dentro da sala, ou fora dela, a qualquer distância, como tivemos ocasião de apreciar.” A notícia do Jornal do Brasil, via agência noticiosa, foi curta: “As experiências do telefone sem fios, de invenção do padre Landell, tiveram bom êxito. Foram alcançados 3.800 metros. Este aparelho não pode ainda ter aplicação.” Por que não podia ter aplicação? Não se imaginava, nem por um lampejo, o grandioso futuro da mídia rádio. E o descrédito já rondava as invenções do Padre Landell.

Debora Cristina Lopez (UFOP); Marcelo Freire (UFOP); Natália Cortez (UFOP)

A evolução do áudio a partir de formatos físico e digital: considerações sobre o lugar da tecnologia no rádio

Pensar a evolução de uma linguagem midiática é olhar também para a evolução da tecnologia. Esta afirmação ancora-se na compreensão de que a tecnologia é parte de um movimento sociocultural que afeta as apropriações e o desenvolvimento da sociedade como um todo, inserindo-se em uma ecologia de mídia mutável (Laskowska; Marcynski, 2019; Mattoni, 2019). Pretendemos lançar um olhar sociotécnico (Noortje, 2017) de perspectiva descritiva (Triviños, 2009) para os formatos de áudio, buscando entender como a evolução da tecnologia afeta as práticas de comunicação, a circulação e a difusão de conteúdos sonoros. A tecnologia analógica presente no rádio e na indústria fonográfica começa a ser tensionada mercadologicamente com o lançamento do compact disc em 1982. Neste momento, os investimentos no desenvolvimento de um novo paradigma de armazenamento, gravação e transmissão de sons começam a se concretizar, com a alta resolução. O olhar para a evolução do áudio e seus impactos nos estudos radiofônicos organiza-se em dois eixos: a) o formato físico; b) o formato digital. A partir de lugares distintos, ambas dimensões afetam direta e indiretamente o mercado de produção sonora. Quando pensamos nos formatos físicos vinculados às tecnologias digitais, apontamos como marcos: o CD (1982), que revoluciona a indústria fonográfica, propicia uma ampliação da qualidade do áudio e afeta a atuação dos disk jockeys; o Minidisc (1991), que introduz a gravação digital nas redações e muda a mentalidade laboral nas emissoras (Murelaga Ibarra, 2004); o Streaming (1999), que muda as formas de transmissão e os espaços que poderiam ser ocupados tanto pela transmissão radiofônica quanto pela música (Lopez, 2010). Em relação aos formatos

digitais, os marcos apresentados são: o WAV, formato mais utilizado na gravação profissional e que não apresenta perdas de qualidade sonora, o que impacta no tamanho do arquivo e em sua capacidade de circulação; o MP3, formato considerado uma mudança de paradigma por possibilitar a ampliação da circulação de áudios comprimidos em uma realidade de baixa conectividade e que, mesmo com a diminuição da qualidade do áudio, ainda permitia o consumo com perdas sonoras pouco perceptíveis ao ouvido humano médio; FLAC, um formato de áudio que não apresenta perdas, ocupa espaço médio de armazenamento, mas mantém a qualidade original da gravação, tendo sido popular no compartilhamento de músicas e álbuns via peer to peer.

Ana Luiza Bongiovani B S Figueiredo (UFMG)

Afetos na desinformação em áudio

A partir de 14 conteúdos de desinformação em áudio obtidos pelo projeto Comprova nos anos de 2021 e 2022, realizamos uma análise de conteúdo baseada em Charaudeau (2006) para compreender o que e como é dito nesse tipo de material, para que ele seja percebido como verdadeiro por parte da audiência. Da escuta inicial dos áudios que integram o nosso corpus, conseguimos perceber a ligação de todos eles com temas sociais sensíveis, segundo a proposta de Wander Emediato (2023). Já da auditoria do conteúdo (Meditsch; Betti, 2019) foi possível identificar o uso de estratégias que aproximam falante e ouvinte a partir de diferentes perspectivas, conforme a informação que se pretende transmitir. Dos resultados desta análise, conseguimos perceber como as características inerentes ao formato podem interferir nos afetos mobilizados nos ouvintes dos conteúdos em áudio, e como a mídia sonora pode ser capaz de despertar emoções que arquivos em texto ou vídeo não seriam.

Sônia Caldas Pessoa (UFMG); Camila Alves Mantovani (UFMG)

Podcasts e acessibilidade: eu existo e me movo, experiências e mobilidade de pessoas com deficiência

O "Eu existo e me movo: experiências e mobilidades de pessoas com deficiência" é um projeto de ensino, pesquisa e extensão desenvolvido pelo Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Discursos e Experiências (anteriormente chamado de Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades) desde 2017. Acompanhamos o deslocamento de pessoas com deficiência no campus e em espaços culturais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como o Espaço do Conhecimento, por exemplo. Nestes deslocamentos fizemos a escuta de desafios e sugestões para potencializar a discussão de inclusão e acessibilidade com e a partir da voz de pessoas com deficiência. A ideia principal do "Eu existo e me movo" é promover uma articulação teórico-metodológica que toma por base a natureza intrinsecamente interdisciplinar das atividades da universidade, que buscam associar ensino, pesquisa e extensão. Nesse sentido, o projeto articula sala de aula, produtos midiáticos e atividades de pesquisa, promovendo, sempre que possível, a participação de pessoas com deficiência em todas as etapas: concepção, desenvolvimento e divulgação. Tomando educação e cultura como indissociáveis, o projeto abarcou a experiência da acessibilidade em dinâmicas culturais. O projeto deu origem a uma série de material audiovisual e de podcasts veiculados na Rádio Terceiro Andar e na Rádio UFMG Educativa, publicação de livros de acesso gratuito, como "Comunicação e Acessibilidade: um guia para práticas hospitalares", que está disponível em e-book, audiolivro e livro impresso para bibliotecas públicas de escolas municipais de Belo Horizonte. O livro e os outros produtos foram concebidos em perspectiva acessível, com linguagem hospitalar, que respeita as diferenças, e reúnem um conjunto de elementos epistemológicos para reflexões sobre acessibilidade e inclusão com a colaboração de pessoas com deficiência.

**História da Mídia Sonora:
Dinâmicas Narrativas II
16h às 18h30 SALA B404**

Luana Viana (UFOP); Daniel do Nascimento Santos (UFOP); Humberto Trajano (UFOP)
20 anos de podcast: uma revisão histórica do cenário brasileiro

O ano de 2004 ficou marcado, principalmente para os estudiosos da mídia sonora, pelo surgimento do podcast, quando arquivos de áudio começaram a circular na rede por meio das listas agregadoras de Really Simple Syndication, ou RSS. A origem do nome Podcasting foi uma sugestão do jornalista Ben Hammersley, do jornal inglês The Guardian, em fevereiro de 2004, a partir da junção de Pod - proveniente do dispositivo Ipod - com broadcasting - termo relacionado ao processo de transmissão (Luiz, 2014). Neste primeiro ano, houve no Brasil uma separação em dois formatos transmitidos via podcasting: os programas de áudios passaram a ser intitulados de podcasts e os programas de vídeos de videocast. O podcast Digital Minds de Danilo Medeiros surgiu em 21 de outubro de 2004, sendo considerado a primeira produção brasileira do ramo, abordando temas sobre tecnologia e internet. Já o ano seguinte foi marcado pela organização da primeira edição da Conferência Brasileira de Podcast (PodCon Brasil), primeiro evento brasileiro dedicado exclusivamente ao assunto, entre 2 e 3 de dezembro, em Curitiba, Paraná (Assis e Luiz, 2010). O evento foi organizado por Ricardo Macari e patrocinado pelo podcaster Eddie Silva e pela cervejaria Kaiser. Posteriormente, passou a fazer parte do Fórum de Mídias Digitais e Sociais. No entanto, 2005 também ficou conhecido como o ano do podfade, momento em que acontece o fim de vários podcasts no Brasil e no mundo pelas mais diversas razões. O fenômeno continuou até o início de 2006, adiando projetos como o Prêmio Podcast e novas edições da PodCon (Lopes, 2015). Ao longo dos anos, os ouvintes viram essa mídia ganhar destaque, crescendo o número de produções e investimentos. A própria pandemia de covid-19, entre outros fatores, impulsionou o consumo de podcasts, despertando o interesse de grandes conglomerados midiáticos no meio, como o Grupo Globo, além do investimento das plataformas de mídia, como o Spotify. Diante desse cenário, o objetivo deste trabalho é mapear os principais marcos históricos relacionados ao podcast no Brasil desde o seu surgimento. Como principal justificativa para essa investigação tem-se o fato de que o podcast completa 20 anos em 2024. Dessa forma, sistematizar os acontecimentos mais relevantes que envolvem essa mídia contribui com o registro de sua trajetória no campo da Comunicação, permitindo a concentração de informações que visam, inclusive, contribuir com outros pesquisadores e interessados no tema.

Jéssica Almeida (UFMG)

The Daily, O Assunto e Café da Manhã: a produção da atualidade em podcasts diários de notícias

Embora muitas vezes sejam promovidos com um apelo presentista, relacionado à necessidade de serem ouvidos no momento em que vão ao ar, os podcasts diários de notícias frequentemente mantêm a validade da escuta, mesmo passados dias e até meses ou anos da data de publicação. Dessa forma, o lançamento de um novo episódio não necessariamente torna os anteriores obsoletos imediatamente, da maneira que acontece com outras formas de jornalismo diário, como jornais impressos e telejornais. No jargão jornalístico, tais podcasts seriam “quentes” e “frios” ao mesmo tempo. Este estudo emerge, portanto, de um contexto em que os podcasts despontam no ecossistema midiático como uma outra forma de assimilar informações, incluindo as jornalísticas, de uma maneira que impacta direta e consideravelmente a própria experiência do ouvinte no mundo. De um jeito que pode ser lido até como contraintuitivo, em alguma medida, eles parecem colocar um pé no freio enquanto tudo o mais aponta para a aceleração. Em vez da rolagem infinita das mídias sociais, da atualização automática dos sites de notícia ou da cacofonia dos canais de televisão all news, tem-se outro ritmo, uma perspectiva distinta de relação com o tempo. Olhando para programas que se tornaram grandes fenômenos de audiência e propulsores de investimentos em áudio no Brasil - O Assunto,

do portal g1, e Café da Manhã, da Folha de S.Paulo – e nos Estados Unidos – The Daily, de The New York Times –, o presente trabalho busca compreender as construções narrativas mobilizadas por eles para verificar como se reorganizam sentidos de produção da atualidade no modo como esses textos se estruturam e compõem realidades.

Isadora Gonçalves (UFJF); Leticia de Souza Lapa (UFJF)

Radiojornalismo narrativo: um estudo do gênero no podcast Radio Novelo Apresenta

O texto oferece uma visão abrangente sobre as origens e a evolução do podcast como uma forma de mídia digital. O termo "podcast" surgiu em 2004, uma combinação de "iPod" e "broadcast", destacando a distribuição de áudio via internet. Essa mídia foi possibilitada pela Web 2.0, que transformou a internet em uma plataforma interativa e colaborativa. A tecnologia RSS desempenhou um papel crucial ao permitir que os usuários se inscrevessem em feeds de podcasts e recebessem automaticamente novos episódios em seus dispositivos, facilitando o acesso e o consumo de conteúdo. Nos Estados Unidos, a popularização dos podcasts ganhou força com séries como "Serial", que revolucionou o formato ao contar histórias reais de maneira serializada, capturando a atenção de milhões de ouvintes ao redor do mundo. A ascensão de aplicativos móveis dedicados a podcasts e a integração desses conteúdos em sistemas de entretenimento de carros contribuíram significativamente para a disseminação e o crescimento do meio. No Brasil, o podcast "Projeto Humanos" se destacou ao adotar uma abordagem investigativa e narrativa profunda, atraindo um público ávido por histórias envolventes e bem pesquisadas. Esses podcasts não apenas informam, mas também criam uma conexão emocional com os ouvintes, explorando temas que vão desde crimes reais até questões sociais e culturais complexas. O radiojornalismo narrativo emerge como uma disciplina acadêmica e prática, aplicando técnicas de storytelling para criar uma experiência auditiva imersiva. A Rádio Novelo exemplifica esse estilo com produções como "Praia dos Ossos", uma série documental que reconstitui eventos históricos através de uma pesquisa detalhada e uma narrativa cuidadosamente elaborada. O podcast Rádio Novelo Apresenta expande essa abordagem ao oferecer episódios independentes que exploram uma variedade de temas contemporâneos, apresentados de maneira acessível e informativa. O episódio a ser analisado no artigo, "Bicharada", investiga a comunicação avançada entre cães e humanos através de dispositivos de botões de comunicação, ilustrando como o podcast pode combinar jornalismo investigativo com uma narrativa cativante e educativa. Portanto, o podcast não apenas se estabeleceu como uma forma popular de entretenimento e informação, mas também como um meio para explorar e comunicar questões profundas e complexas de maneira acessível e envolvente para um público global cada vez mais conectado.

Beatriz Melo dos Reis (UFOP); Carlos Jáuregui (UFOP)

Podcasts biográficos: temporalidades na reconstrução das trajetórias de sujeitos notórios

Este trabalho investiga como podcasts biográficos recuperam e reconstróem relatos sobre sujeitos de notoriedade, tendo "Praia dos Ossos" como estudo de caso. Entendemos que "os acontecimentos que constroem tanto a vida privada como a vida pública de personalidades famosas são tematizados em revistas, jornais, programas de TV, nas redes sociais e nas conversas cotidianas" (Simões, 2014, p.87) e estes ainda podem ser reconstruídos com diferentes articulações temporais. Esse tipo de produção sonora utiliza material previamente tematizado, convocando o público a refletir sobre as novas interpretações a partir do tensionamento da temporalidade dos fatos em torno dessas vidas. Em "Praia dos Ossos", o feminicídio que mobilizou a sociedade há 46 anos é revivido no presente por meio da locução de Branca Viana. Os novos tensionamentos criam um presente estendido sobre a socialite, Ângela Diniz, que também performa um retrato trágico da violência de gênero, refletindo altos índices de feminicídio no Brasil. Segundo Leal (2019), o tempo é uma experiência social conectada por marcos temporais, cuja humanização emerge da forma como é narrado. Assim, "o passado não se mantém estático, mas é continuamente moldado pelas recordações e

reinterpretado através das narrativas contemporâneas” (Barbosa, 2007). Neste sentido, a recontextualização do feminicídio de Ângela Diniz Diniz não apenas articula passado e presente, mas também enriquece a compreensão dos eventos, adicionando novas camadas de significado a um fato já conhecido. No podcast, identificam-se seis marcações temporais da mesma pessoa: a moça da missa das dez; Ângela debutante; Ângela casada; Ângela desquitada; Ângela e os crimes; a Pantera de Minas. A complexidade dessas figuras revela nuances de Ângela Diniz e as transformações sociais enfrentadas por mulheres. “Praia dos Ossos” não só resgata a história de Ângela, mas a insere em um contexto contemporâneo dinâmico, à luz das questões do presente, oferecendo uma reflexão profunda sobre sua trajetória e impacto social. Ao explorar diversas identidades da socialite ao longo do tempo, o abre espaço para uma discussão ampliada sobre os desafios enfrentados por mulheres na sociedade atual, inspirando uma reflexão crítica sobre a interseção entre história, memória e transformação social.

Kaique Matheus Ribeiro Silva (UFJF); Ricardo Bedendo (UFJF)

Reapropriações estéticas e convergências sonoras: análise comparativa entre a sonoplastia no podcast jornalístico Praia dos Ossos (2020) e o radioteatro ficcional Teatro do Mistério (1951)

A hipótese deste trabalho surge a partir de uma suposição relacionada às características sonoras do conteúdo dos podcasts jornalísticos atuais. Essas produções, marcadas por trilhas sonoras, músicas, efeitos sonoplásticos complexificados estariam fazendo uma reapropriação estética da sonoplastia utilizada como ferramenta narrativa nos radioteatros da época de ouro do rádio? A partir dessa indagação, pressupõe-se que essa reapropriação, alinhada às características do chamado fazer jornalístico, podem gerar alterações e tornar a narrativa dessas produções mais sofisticadas, acarretando mudanças na composição desses conteúdos, tornando-os mais imersivos, emocionais e os aproximando do público. Na atualidade, a convergência digital se apresenta como um fator importante na compreensão das dinâmicas de funcionamento do rádio. Busca-se, assim, neste estudo, situar, ainda, outra questão estratégica: a história desse meio ao longo das décadas, com a observação de como o conteúdo radiofônico atual possui influência de outras épocas históricas do rádio. Esse trabalho busca, portanto, construir um diálogo entre a comunicação e a história em movimento, estabelecendo um ponto delimitado de contato que passa pela composição da sonoplastia das peças de radioteatro e sua influência e aproximação com a narrativa jornalística dos podcasts atuais. Para elaborar essa investigação propõe-se a análise de conteúdo comparativo (LOPEZ, 2022), pautada em dois momentos: o primeiro busca tecer considerações sobre a linguagem radiofônica e o papel da sonoplastia nos programas de radioteatro da década de 50, voltado a peças ficcionais e ao estímulo do imaginário social. A partir desse contexto, traçamos um caminho comparativo ao rádio contemporâneo, expandido (KISCHINHEVSKY, 2021), observando suas dinâmicas de circulação e fluidez no ambiente digital. Em um segundo momento, buscamos encontrar nos objetos pistas que possam ilustrar e trazer inferências a nossa hipótese. Nessa dinâmica, uma das duas séries analisadas é o programa de radioteatro, Teatro do Mistério, a fim de observar semelhanças em sua estrutura sonora em relação ao segundo objeto do estudo comparativo, o podcast de jornalismo investigativo, Praia dos Ossos. Ao tecermos aproximações e distanciamentos entre as duas produções, no que diz respeito aos seus aspectos sonoros, sintonizamos os objetos em um fluxo de análise e de interpretações que nos ajudam a encontrar respostas às nossas problematizações e hipótese.

**História da Mídia Sonora:
Sons e sentidos I
13h às 15h30 SALA B405**

Thiago M. de B. Guimarães (UFRJ)

Radiodramaturgia: capítulos de um gênero de sucesso

O artigo que ora se apresenta tem o intuito de explorar o cenário radiofônico brasileiro no início dos anos 1940, em especial no tocante à Rádio Nacional do Rio de Janeiro (PRE-8), a fim de analisar as condições que possibilitaram à emissora lançar a primeira radionovela do país, "Em busca da felicidade" (1941-1943). A pesquisa se baseia no reconhecimento de que, muito embora a obra possa ser tratada metodologicamente como marco divisório na historiografia da radiodramaturgia brasileira, é importante admitir que todo um cenário foi construído para que uma emissora como a Rádio Nacional pudesse apostar no formato, até então inédito no Brasil. Nesse sentido, destacam-se três fatores que podem ajudar a entender esse processo: a passagem de um modelo associativo para outro comercial que teve como consequência a modernização das emissoras e a popularização do meio, o desenvolvimento da radiodramaturgia enquanto linguagem no país, deixando de ser reproduções de peças teatrais tais como eram encenadas nos palcos para se tornar um gênero concebido e executado para o meio radiofônico e, ainda, o aporte estatal imposto à Rádio Nacional após a sua encampação pelo Estado Novo, mantendo seu caráter comercial, o que possibilitou arriscar-se em formatos cujo sucesso não era, ainda, garantido. O desenvolvimento da pesquisa se dá a partir de revisão bibliográfica de autores como Luiz Artur Ferraretto, Lia Calabre, Luiz Carlos Saroldi, Marialva Barbosa, entre outros, além de contar com referências a matérias jornalísticas da época. Dessa forma, intenciona-se contribuir com as discussões acerca da história da radiodramaturgia brasileira, em especial, o período nascente das radionovelas, demonstrando que, muito longe de se distinguir por rupturas, ela se caracteriza por deslocamentos nas tendências de produção e, portanto, indicando que não há a substituição de um formato por outro, mas sim a integração de novos modelos, bem como a convivência entre estes e aqueles de outrora.

Guilherme Thomaz Marcelino (UFMG); Laura Silva Araújo (UFMG)

Podcast Contornos: as colunas de Belo Horizonte

Este trabalho é a discussão teórica que baseia o produto prático do nosso Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo. O trabalho prático que vamos desempenhar consiste na construção de um podcast sobre o histórico holístico de personagens que habitam edifícios relevantes da região central da capital mineira. A partir do retrato das experiências desses indivíduos dentro desses espaços, buscamos entender como esses locais - descritos com mais detalhes na página em anexo - serviram como parte da vida dos personagens, assim como de que forma esses personagens em si contribuem para a consolidação do reconhecimento dos edifícios no imaginário social da cidade. Somos guiados por perguntas como: Como as experiências dos indivíduos que ocupam esses lugares formam o imaginário e a história deles? E como esses espaços impactam a vivência dessas pessoas? Para uma residente nascida e criada em Belo Horizonte, o reconhecimento do valor dos locais a serem abordados no imaginário social da cidade é o ponto-chave para a execução do trabalho. Já para alguém que passa a conhecer a cidade agora, esses ambientes servem como expressão do que é a capital mineira dentro da Avenida do Contorno e das histórias que a compõem, além da produção de um podcast público servir como maneira de nós mesmos sermos parte da efetivação da construção dessas narrativas. Os edifícios que pensamos em trazer são relevantes, conhecidos e formam o centro da capital de forma simbólica e efetiva, além de abarcar histórias das pessoas que neles vivem ou viveram. Além disso, esses locais têm seu valor expressado na própria comunicação desempenhada dentro da cidade. Eles estão nas fotos, imagens, livros, poemas, músicas e reportagens, sendo indissociáveis da imagem de Belo Horizonte que é consagrada na mente da população em geral. Assim, o trabalho não se

propõe a reconhecer a estrutura física desses edifícios em si, mas sim trabalhar sobre como eles foram conformados a partir das vivências das pessoas neles e, mutuamente, sobre como esses espaços, mais sociais e simbólicos que físicos, desempenham papéis importantes nas vidas dessas pessoas.

Guilherme do Amaral Gurgel (UNIRIO)

Entre o passado e o futuro: o acervo de Amaral Gurgel

Amaral Gurgel trabalhou por quarenta anos como autor de radionovelas. Entre as emissoras em que atuou, destacam-se a Rádio Nacional e a Rádio Globo. Neste trabalho, apresento brevemente a formação de seu acervo familiar, em diálogo com a história do rádio brasileiro. As passagens de Gurgel pela Rádio Nacional se deram em dois momentos, o primeiro, entre 1940 e 1945, compreende a estatização pelo governo Vargas, o desenvolvimento e popularização das novelas radiofônicas e a ascensão daquela que se tornaria a líder de audiência nos “anos dourados do rádio”. O segundo, entre 1965 e 1985, foi um período de desestruturação da empresa em meio a crises econômicas, interferências da Ditadura Militar e dificuldades para adequar sua programação às demandas do público. Já seu envolvimento com a Rádio Globo compreende o período de 1945 a 1952, sendo Gurgel o primeiro diretor de seu departamento de radionovelas. Nesse período, suas produções para o rádio ambicionaram, além do sucesso de audiência, um prestígio artístico e validação da crítica. Um roteiro encontrado no acervo familiar pode ser uma peça-chave para discutir tal ambição: a adaptação radiofônica do romance São Bernardo, de Graciliano Ramos, em 1949. Uma boa parte dos objetos de Gurgel permaneceu guardado com sua família até os dias de hoje. A construção do acervo familiar em muito se relaciona com o declínio da Rádio Nacional nos anos 1970, quando grandes parcelas de materiais da emissora foram perdidos, e com a escassez de políticas de preservação nesse período. Tal acervo surge como duplicação do que não se perdeu, servindo como fonte para pesquisas sobre rádio e sendo ele próprio testemunho dos momentos que o setor e o país atravessaram. A partir de 2020 inicia-se o trabalho de identificação dos materiais sobreviventes, contabilizando 45 cadernos de roteiros, 17 livros, 43 cartas e diversos materiais como documentos pessoais, bilhetes, rascunhos e fotografias. Desses, já foram digitalizados 5 roteiros e um livro, além de todas as cartas, bilhetes e documentos. Os próximos passos serão a disponibilização online através da plataforma Tainacan e o depósito em instituições de memória. Este trabalho procura, por fim, indicar contribuições que o acervo pode dar a pesquisas futuras. Que novas produções possam surgir a partir do acervo de Amaral Gurgel.

Marco Aurelio Reis (UFJF); Nayara Zanetti Santos (UFJF)

As estratégias da rádio Mega FM para se tornar referência da comunicação comunitária em Juiz de Fora

Rádios comunitárias oferecem oportunidades de participação que fomentam um senso de pertencimento e identidade entre os residentes locais. Esse tipo de mídia é essencial para a democratização da comunicação, um aspecto discutido por Lélia Gontijo (2001), que argumenta que as rádios comunitárias são cruciais para dar voz às comunidades marginalizadas e promover a participação democrática. Marialva Barbosa (2007) também destaca a importância histórica e cultural dessas emissoras na construção da história da imprensa no Brasil, pois elas desempenham um papel vital na preservação e promoção das culturas locais, oferecendo uma alternativa às grandes mídias comerciais. Casos de sucesso, como a Mega FM, uma rádio comunitária de Juiz de Fora, merecem ser resgatados para sua possível reprodução em outras comunidades. Afinal, a abordagem de comunicação comunitária descrita por Cicilia Peruzzo (1999, 2002, 2004) enfatiza a importância da participação popular e da ética na comunicação, aspectos fundamentais para o sucesso e autenticidade da Mega FM. O presente estudo revela, a partir do método de estudo de caso de Robert Yin (2001), as estratégias usadas pela Mega FM para se destacar ao envolver a comunidade em seu processo de comunicação, servindo como modelo para outras iniciativas de rádio comunitária. Programação diversificada,

gestão coletiva e portas e microfones abertos à participação são estratégias que marcam a história da Mega FM. Sua trajetória contribuiu para a identidade dos moradores dos bairros Santa Cândida – onde ficava a sede da emissora –, Vila Alpina e São Benedito, entre outras comunidades da periferia do município da Zona da Mata mineira.. Artigo desenvolvido por Lahni (2008) destaca que a Mega FM tornou-se um marco na comunicação comunitária em Juiz de Fora, estabelecendo-se ao longo de 10 anos, a partir de 1997, como uma emissora de valor reconhecido na comunidade. A partir dessa pesquisa anterior, e com apoio de entrevistas, o presente estudo buscou entender como a rádio serviu não apenas como um canal de comunicação, mas também como uma plataforma de cidadania ativa, permitindo que os moradores das comunidades de Santa Cândida, Vila Alpina e São Benedito se engajassem diretamente na criação e transmissão de conteúdo. A experiência da Mega FM demonstra, por fim, que rádios comunitárias bem implementadas podem ser poderosos instrumentos de cidadania e democratização da comunicação.

Marcos Moreira Barbosa (UFOP); Nair Prata (UFOP)

Rádio Real FM: mineiridade, afetos e resgate de modos de escuta compartilhada

O rádio, como meio de comunicação de massa, está profundamente enraizado na vida dos moradores de Ouro Preto, Minas Gerais, desempenhando um papel crucial nas relações afetivas e nos hábitos de escuta de diversas gerações. Segundo Astudillo e Correa (2006), o rádio é mais que um simples meio de comunicação, é uma rede de interrelações culturais, sociais, estéticas e técnicas. Este trabalho tem como objetivo analisar o modelo de emissão e as relações identitárias e de afetos desempenhadas pela Rádio Real FM, sintonizada na frequência modulada 90.1, da Região dos Inconfidentes, para o desenvolvimento e a criação de vínculos afetivos entre os ouvintes e seus descendentes e, conseqüentemente, com a própria emissora. Para alcançar tal finalidade, a metodologia utilizada é a revisão bibliográfica e entrevistas com os profissionais da empresa e interlocutores da rádio. Dispondo da identidade mineira, o rádio foi, aos poucos, ganhando notoriedade e se destacando como um dos meios de comunicação mais relevantes para aquisição de conhecimento e formação de opinião pública da população. Medeiros (2019) destaca que o rádio local desperta um sentimento de pertencimento nos ouvintes, pois reflete os acontecimentos cotidianos e representa uma comunidade específica. As memórias e laços afetivos são formados a partir das tradições familiares de escutar rádio e do relacionamento diário dos ouvintes com as emissoras. Esses hábitos de escuta de produtos sonoros ganharam uma nova significação quando “o rádio que, num novo meio, a internet, encontra uma nova linguagem para chegar ao seu público” (Prata, 2008, p. 19) e um novo modo de difundir suas programações. Desse modo, o aparelho rádio se reverbera em dispositivos eletrônicos (celulares e computadores) que estão presentes na rotina e na vida dessa população. Com a modernização e a convergência das mídias sonoras, a Rádio Real FM se adaptou às novas tendências, oferecendo conteúdo on demand e se ajustando à rotina dos cidadãos. Isso demonstra uma flexibilidade no consumo de conteúdo radiofônico que se alinha com as necessidades dos ouvintes modernos. Em conclusão, a Rádio Real 90.1 FM destaca-se por seu caráter afetivo e por incorporar elementos da cultura mineira em sua linguagem e produção. Não oferece apenas informações locais, mas também fortalece a identidade cultural e os laços comunitários por meio de suas transmissões e inovações tecnológicas.

**História da Mídia Sonora:
Sons e sentidos II
16h às 18h30 SALA B405**

Eduardo Ribeiro Andrade (UFRJ); Marialva Barbosa (UFRJ)
MPB e o autoritarismo brasileiro: o olhar de Gal Costa e seus discos de 1969

O presente artigo busca analisar a ascensão da cantora Gal Costa no mercado fonográfico durante a ditadura civil-militar brasileira. Rememorando seus dois primeiros discos, “Gal” e “Gal Costa”, de 1969, averigua brevemente a narrativa e a lírica presentes na sua obra, bem como a aproximação com os ideais tropicalistas, movimento importante e, naquele momento, recente na MPB. A análise histórica propõe um panorama de seu desenvolvimento artístico, atravessado pela vivência de um corpo que vivenciou o apogeu do autoritarismo. O trabalho tem como objetivo investigar a influência do regime civil-militar e do movimento tropicalista na construção da figura artística de Gal Costa. Partindo de sua chegada ao Rio, sua adesão ao tropicalismo e o exílio de Caetano e Gil, o texto observa a influência destes episódios na carreira e na performance da artista. Objetiva-se também observar a vivência artística durante o regime militar, o impacto do autoritarismo na produção musical do país e os reflexos de um sistema opressivo na formação de corpos artísticos e políticos. Analisar esses momentos, a discografia e jornada de Gal são gestos importantes para entender uma vivência artística durante o regime militar e os reflexos de um sistema opressivo na produção cultural, que alicerça a defesa de um regime democrático. Foram analisadas entrevistas, canções, reportagens e performances de Gal Costa, a fim de entender os “rastros” históricos deixados pela artista. A análise dessas fontes, principalmente de depoimentos da artista, foi privilegiada na abordagem, retomando o seu olhar sobre sua própria história e as influências vividas por ela. Os artigos de MAIA (2021), SANTOS (2011) e NAPOLITANO (2001) trouxeram reflexões importantes para entender o papel da MPB e do Tropicalismo durante o regime.

Mariana Garcia M. O. da Silva (UFMG); Nísio Teixeira (UFMG); Gabriela Almeida Silva (UFMG)
A narrativa e a sonoridade de “11 RAZONES”: uma análise do álbum de Aitana

“11 RAZONES” é o segundo álbum de estúdio da cantora espanhola e catalã Aitana e foi lançado em dezembro de 2020, tendo sido produzido em meio à pandemia do Covid-19. O disco teve um grande impacto comercial na Espanha e na América Latina e contou com participações especiais de artistas hispânicos em cinco faixas. Apesar de sua contemporaneidade, resgata muitas tendências e referências do início dos anos 2000. A artista citou cantores e bandas da época que a inspiraram no processo de produção do disco e influenciaram na sonoridade apresentada em suas músicas. Com isso em mente, o gênero pop rock, muito popular nesse período, é predominante na obra. Sendo assim, observa-se que o álbum é exemplo do conceito de retromania, desenvolvido por Simon Reynolds, que se refere à “reciclagem” de tendências na música pop de tempos em tempos. Não apenas nas canções, mas também na identidade visual do álbum, podem ser observadas as referências à época citada. A utilização de instrumentos orgânicos e as sequências melódicas seguidas, em conjunto com o cenário e o figurino do videoclipe da faixa-título, são exemplos dessa influência. Ao mesmo tempo, a obra também se enquadra na definição de álbum conceitual que, segundo Roy Shuker, é “unificado por um tema que pode ser instrumental, compositivo, narrativo ou lírico” (SHUKER, 1999, p. 17). Além da sonoridade pop rock, as onze faixas que o compõem contam a história de um relacionamento com características tóxicas. A faixa de encerramento do álbum simboliza o empoderamento do eu lírico ao romper com essa relação e tomar a decisão de seguir em frente. Além disso, também faz parte do conceito do álbum a inclusão de faixas com títulos representados por símbolos matemáticos. Dessa maneira, observa-se como Aitana criou um conceito a ser seguido na obra, que engloba os quatro aspectos citados por Shuker: instrumental, compositivo, narrativo e lírico. Nessa perspectiva, é proposta uma análise de conteúdo tomando o álbum “11 RAZONES” como objeto de estudo, com a finalidade de identificar detalhadamente as maneiras

como ele se encaixa dentro dos conceitos de retromania e de álbum conceitual. Nessa perspectiva, propõe-se uma análise semiótica e narrativa para identificar as referências sonoras e visuais que se relacionam ao gênero pop rock dos anos 2000, bem como traçar os paralelos que são apresentados nas letras das músicas e como elas se interligam na narrativa da mesma história.

Marcelo Esperança Xavier (UFRGS)

O disc-jôquei como tipo ideal: considerações sobre o papel do radialista em sua relação com o campo fonográfico

O objetivo desta pesquisa é o de estabelecer a imagem do disc-jôquei como um tipo ideal, de Max Weber (2003). Entende-se que tal observação da realidade irá auxiliar na construção do objeto de pesquisa, assim como a partir de revisão bibliográfica (Stumpf, 2005, p.59) sobre o tema. O objetivo secundário é investigar os processos e estratégias dos comunicadores em relacionar-se com seus públicos. Os objetivos secundários são: contextualizar o surgimento do modelo, analisar seu processo de relativos a rotinas produtivas e conteúdos; em segundo, verificar as mudanças nos processos através das transformações no tempo. A hipótese é a de que, como comunicador que faz a interface entre os ouvintes e a indústria do disco, ele possui duas faces, servindo a duas lógicas, uma cultural e outra, de mercado. Em segundo lugar, propõe-se delimitar duas fases de sua atuação: uma, entre os anos 1930, e a outra, a partir dos anos 1940 em diante. Busca-se o marco teórico em Ferraretto (2012; 2014; 2018), Bourdieu (1983) e o metodológico em Weber (1983; 2003). Para o percurso histórico que realizei, teve importância fundamental a comparação entre o cenário brasileiro e o norte-americano. Como fundamentação teórica, usa-se o conceito de comunicador de rádio (Ferraretto, 2012, 2018). Para posicioná-lo como comunicador no elo de mediação entre os campos musical e radiofônico, usa-se a teoria de campos sociais de Pierre Bourdieu (1985). Para o estudo do modelo de disc-jôquei como comunicador do rádio musical, usa-se um conceito básico para a análise histórico-social: o tipo ideal, proposto por Max Weber (2003) para o enquadramento do conceito. Para Weber, o tipo ideal é um expediente para orientar a observação do cientista social no interior da inesgotável variedade de fenômenos observáveis na vida social.

Guilherme Amintas D'Avila (UFMG); Rafael Medeiros (UFMG)

DJ's no ar: o som das pistas no rádio de Belo Horizonte

Este resumo parte de uma pesquisa feita com o objetivo de compreender as interseções entre o DJ, as pistas de dança e o rádio belorizontino. Para isso, foi feito um breve resgate histórico a partir de pesquisa bibliográfica e documental (Sá-Silva et al., 2009). No Brasil, o primeiro personagem a comandar bailes utilizando discos foi Oswaldo Pereira, radialista que produziu a "Orquestra Invisível Let's Dance" em São Paulo de 1959 a 1968. No Rio de Janeiro dos anos 1970, o radialista Big Boy tocava Rock, Pop, Soul e Funk no rádio e produzia, conjuntamente com o discotecário Ademir Lemos, o Baile da Pesada no Canecão, referência para o nascimento das equipes de som do movimento Black Rio (Assef, 2002). Essas equipes de som difundiam um Soul mais pesado, atraindo milhares de jovens em bailes semanais. O sucesso dos bailes fez nascer um mercado expressivo, especialmente relacionado à indústria fonográfica, estimulando o lançamento de coletâneas que divulgaram a música dos bailes em todo o país. O mesmo aconteceu com a chegada da Disco Music, ritmo que fomentou o surgimento das discotecas em todo o mundo, incluindo no Brasil. Surge assim a primeira coletânea com mixagens síncronas feitas por um DJ, o LP "New York City Discoteque", mixado por Ricardo Lamounier em 1976 (Abbade; Junior, 2016). Em meio ao cenário efervescente, surgem adeptos e difusores da cultura Black em Belo Horizonte, dentre eles, dançarinos, DJ's, bailes e rádios. A rádio Del Rey foi uma grande divulgadora da música Funk, tendo lançado em 1983 a coletânea "D'el Rey FM" com hits da Black Music. A Del Rey apresentou também o "Pot Pourri do Amaury", sequência mixada com os sucessos das discotecas. Nos anos 1980 e 1990, a BH FM transmitiu o programa "Só Mix". Paralelamente estava sendo

transmitido pela Liberdade FM o Megamix, programa que ganhou notoriedade ao ocupar a grade da rádio 98 FM anos mais tarde. Nos idos dos anos 1990, com a popularização do Rap e da House Music, mais programas com DJs surgiram na capital mineira. A 107 FM, transmitiu os programas “107 Club Mix” e o “107 Dance Charme”. A Extra FM, emissora da rede Itatiaia, também oferecia programas especializados como o “Meio Dia e Dance”, o “Extra Beat”, o “Disco Night” e o “Gás Total”. A Transamérica apresentava o “Adrenalina”, a Líder FM o “Big Mix”, a Top FM tinha o “Top Mix” e a Alvorada o “Night Shift”. Nas próximas fases da pesquisa serão feitas entrevistas de história oral para aprofundamento dos aspectos aqui citados.

**História das Mídias Audiovisuais:
Cinemas, visualidades, experiências I
09h30 às 12h SALA C213**

Glaura Cardoso Vale (UFMG)

Fazer da necessidade virtude: a inventividade no audiovisual brasileiro

Em entrevista ao Roda Viva, em 1994, a cineasta Ana Carolina comenta um projeto de filme em desenvolvimento que se vale de um episódio factual: a passagem da atriz Sarah Bernhardt pelo Brasil, em 1905, quando se acidentou em um dos espetáculos e, mais tarde, precisou amputar a perna. A cineasta, então, evoca a metáfora da “fratura” para se referir ao contexto político desfavorável às produções brasileiras, remetendo, provavelmente, aos efeitos pós Era Collor com a extinção da Embrafilme. Como sabemos, a importância de incentivo do Estado para manutenção da cadeia produtiva do cinema e do audiovisual no Brasil foi desde sempre enfatizada por aqueles que estão nela envolvidos. Desse modo, ao menos três dados importantes devem ser ressaltados a partir desse depoimento de Ana Carolina: (a) em relação ao papel fundamental do Estado em promover políticas de produção, preservação e difusão do cinema e do audiovisual nacional, dado o contexto de disputa desleal entre este e o mainstream; (b) embora se reconheça que em alguns momentos da história foram implementadas políticas voltadas à produção nacional, a censura e o sistemático apagamento da memória audiovisual do país provocaram descontinuidades no seu desenvolvimento; (c) apesar desse processo marcado por descontinuidades, a produção audiovisual brasileira conseguiu se manter vasta e pujante, com um número considerável de produções em cada um dos seus momentos históricos, filiadas muitas vezes a movimentos artísticos de vanguarda. Esta apresentação, circunscrita ao terceiro tópico, argumentará a favor da tese de que certas produções, ao longo da história, encontraram soluções inventivas para contornar a perseguição, a precariedade e a defasagem tecnológica (relacionadas ao primeiro e segundo tópicos). São processos marcados por contingências que resultaram em soluções política e esteticamente inovadoras.

Luísa Neves Martinelli Vidal (UFJF); Nilson Assunção Alvarenga (UFJF)

Encenação ficcionalizante da memória: uma análise da obra Serras da desordem

Serras da desordem (TONACCI:2006) narra a história de Carapiru, um indígena que sobreviveu ao ataque de fazendeiros aos guajás e perambulou ao longo de dez anos pelo Brasil até ser acolhido em uma vila, onde criou laços com os moradores. Foi levado pela FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas) para Brasília a fim de encontrar outro indígena, falante do mesmo dialeto, e finalmente ser levado de volta para junto de seu povo. Como estudado anteriormente no artigo Polissemia e monumentalização: a ficção da memória em Serras da desordem, o uso de diferentes recursos formais ao longo da obra, associado a polissemia de representação de memória, possibilita a produção de uma narrativa de interpretações, que busca colocar o personagem em uma posição ativa de produção e construção da memória. Tomando agora como base uma conceituação de encenação que se baseia nas ações e movimentos dos corpos em cena perante o sujeito que sustenta a câmera, chamado de sujeito-da-câmera, precisamos adentrar em uma discussão sobre as noções de mise-en-scène e auto mise-en-scène no documentário. Segundo Fernão Ramos (RAMOS:2012), a mise-en-scène é uma constituição cênica espacial que leva em consideração todos os elementos dispostos em cena e suas futuras composições narrativas. Em uma perspectiva complementar, o autor Jean-Louis Comolli (COMOLLI:2006) entende o sujeito filmado como atuante da própria mise-en-scène. A partir dessas reflexões sobre a mise-en-scène no documentário podemos retomar as discussões acerca da encenação abordada por Fernão Ramos, sendo elas: encenação-construída, ou seja, a ação e a tomada são previamente preparadas pelo sujeito-da-câmera, possuindo uma certa previsibilidade dos acontecimentos; Enquanto a encenação-direta se constitui como uma ação para a câmera solta no mundo, que aterra a cena documental no tempo presente. Assim, compreendemos que a polissemia que nasce na obra através do elo entre os

recursos formais de fazer fílmico e as diferentes formas de rememoração possibilitam a construção de uma encenação ficcionalizante da memória, que será analisada na obra através de dois parâmetros de análise: o ponto de vista da organização da cena, ou seja, de uma mise-en-scène por parte do sujeito da câmera, que se expressa a partir da montagem e da organização da cena, e através do ponto de vista do sujeito filmado e sua auto mise-en-scène, ou seja, na ação ativa dos personagens a partir do relato oral, que está presente nos momentos de encenação.

Nina Pissolato Camurça (UFJF); Nilson Assunção Alvarenga (UFJF)

Ficção da memória e capitalismo tardio em “Estou me guardando para quando o Carnaval chegar”

A partir do filme “Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar” do cineasta pernambucano Marcelo Gomes, busco pensar como o movimento de recuperar uma memória e ser confrontado com uma nova realidade, suscita questões profundas acerca da própria recordação memorialística e do contexto social e político em que o filme está inserido. Assim, Gomes retoma uma viagem de sua infância e ao retornar à cidade de Toritama no agreste pernambucano se depara com um contexto rural tomado pelo neoliberalismo tardio, a produção em larga escala dominando os lares e o descanso como uma palavra que deixou de habitar no vocabulário dos locais. Porém, existe uma figura que desvia dessa lógica da repetição, que por gestos diferenciados e uma postura distinta demonstra que existe um acordo tácito entre os indivíduos, um consenso silencioso que rege os corpos da cidadezinha. Para pensarmos essas questões e as formas de organização sociopolítica do local aciono o filósofo Jacques Rancière em seus escritos “O dissenso” e “A partilha do sensível” para respaldar indagações acerca da postura dos indivíduos e seus tratos silenciosos, invisíveis até para eles mesmos. Ademais, ainda sobre a temática ampla da memória e seus muitos rumos retomo o ensaio “A ficção documental: Marker e a ficção da memória” para pensar na temática seminal do filme, a rememoração que nunca opera sob a objetividade, e sim em uma trama de elementos complexos. Além disso, adiciono à reflexão um desdobramento prático, reflexo das questões teóricas suscitadas pelo percurso de Gomes no processo de construção do seu filme. Desse modo, incorporo no meu trabalho de cunho teórico um curta metragem que busca seguir a trilha traçada pelo Diretor, aliando questões da memória, questões de montagem e o encontro com personagens. Portanto, o filme é construído em torno de uma viagem de retorno, vinte anos depois, a uma aldeia indígena por duas amigas, recordando os passos dessa antiga jornada agora na companhia de uma jovem (a diretora), filha da protagonista, que à época da primeira viagem ainda estava na barriga da mãe. Assim, trata-se de um filme de encontro entre passado e presente, trazendo a ficcionalização da memória como elemento fundante para as questões trabalhadas.

Flávio Barbara Reis (UFOP)

O que define o cinema queer brasileiro contemporâneo?

A partir do início da década de 2010, o cinema brasileiro testemunhou um aumento na presença de filmes com personagens não heterocisnormativos, principalmente homens gays. Embora esses personagens já existissem em anos anteriores, às vezes de maneira mais explícita, outras vezes de forma mais velada, é a partir da segunda década dos anos 2000 que cineastas e questões queer começaram a ocupar um lugar de destaque. Esse fenômeno pode ser explicado por diversos fatores: as teorias de gênero e sexualidade encorajaram artistas a saírem do armário e a expressarem suas questões nas telas. No caso brasileiro, o advento do cinema digital e a descentralização dos modos de financiamento e produção parecem ter possibilitado o surgimento de mais narrativas queer, que a cada ano se tornam mais plurais e abundantes. Nesse sentido, a pesquisa busca examinar a produção queer nacional, questionando se existe um cinema queer no Brasil e quais são suas principais características, com o objetivo de contribuir para a literatura queer do cinema brasileiro, ainda pouco explorada. Assim, torna-se necessário questionar o que podemos considerar como cinema queer e, para isso, a compreensão do conceito e sua aplicação ao cinema é

fundamental. No início dos anos 1980, a representação homossexual no cinema global tornou-se mais explícita, impulsionada pela contracultura e pelos avanços nas lutas de gênero. O termo queer, anteriormente usado de forma pejorativa para ofender sexualidades não normativas, foi ressignificado e aplicado às teorias sociais que, por sua vez, foram levadas ao campo cinematográfico. Essas teorias auxiliam na compreensão de um cinema que abarca as realidades e vivências não normativas, promovendo um debate sobre representações LGBTQIAPN+ na história audiovisual. Para Benshoff (2006), o conceito de cinema queer vai além da simples representação homossexual. Ele pode apresentar quatro diferentes modos de catalogação: as representações não estereotipadas e respeitadas; a sexualidade dos artistas envolvidos com a obra, mesmo quando a narrativa não acompanha um personagem queer; uma nova leitura de produções sob a ótica das teorias de gênero e sexualidade; e, por fim, a leitura queer em filmes de gênero. Nesse caminho, como definir o cinema queer brasileiro contemporâneo?

Raphaela Benetello (UFMG)

Cinema sonoro multicanal: o princípio e as experiências

Ainda que a história do cinema nos conte que a ideia de múltiplos canais sonoros foi discutida e consolidada apenas após várias décadas de som monofônico, esse trabalho pretende expor e analisar as tentativas de utilização de sistemas multicanais antes de sua popularização no cinema. Anteriormente à própria projeção de imagens, experimentos de Alexander Graham Bell com dois canais sonoros transmitidos por dois telefones foram realizados em 1879. Já nas décadas de 1920 e 1930, o Bell Labs seguiu com experiências de gravações em dois canais distintos e em 1932 lançou o primeiro exemplo de registro sonoro estéreo em disco. Um ano mais tarde, realizou a transmissão de uma mixagem orquestral em três canais da Filadélfia para Washington. Nesse momento, a grande questão era a forma de implantação desse sistema nas salas de cinema e qual a melhor maneira de utilizar o multicanal em um filme. Dentre os fatores considerados estavam o de relacionar o som com a posição de sua fonte visualizada; acentuar a sensação de espetáculo; e criar um espaço narrativo. Justificativas que são consideradas válidas e usuais até o presente. Na década de 1940, o "Vitasound" da Warner Brothers surgiu como um dos primeiros sistemas padrão multi-alto-falante, que consistia em colocar alto-falantes em torno do público, sendo ativados em momentos nos quais a trilha musical e as ambiências ficariam em destaque, enquanto os diálogos seguiriam em caixas atrás da tela. Em 1941 o filme "Fantasia", da Disney, inaugura o sistema Fantasound, considerado o primeiro filme sonoro multicanal e o primórdio do surround. O som foi captado em três canais diferentes e alimentava três alto-falantes atrás da tela de forma horizontal. Além disso, havia uma ideia de canal surround, com noventa e seis alto-falantes menores ao redor da sala, inclusive na parte de trás, utilizados em efeitos sonoros específicos e no musical do final do filme. Devido ao alto custo de implementação e a complexidade técnica da exibição, o Fantasound chegou a apenas seis salas nos Estados Unidos. A consolidação do sistema multicanal viria apenas anos mais tarde, com cinemas-espetáculo como o Cinerama e o Cinemascope e principalmente a partir do surgimento da Dolby e seu formato Stereo na década de 1970. Dentre as experiências listadas fica a ideia de que o cinema busca desde seu princípio a espacialização sonora. Através de multicanais e do surround, o som envolvente aproxima o público e amplifica a narrativa.

**História das Mídias Audiovisuais:
Cinemas, visualidades, experiências II
13h30 às 15h30 SALA C213**

Ulisses Naves Fernandes (UFU); Nuno Manna (UFU)

Hipo-utopia e contra-cinema: as catástrofes na linguagem cinematográfica de Adirley Queirós

A presente pesquisa compõe um esforço de elaboração conjunta de pesquisadores vinculados ao projeto "Catástrofes cotidianas" (CNPq – Pró-Humanidades), e parte de uma revisão bibliográfica de trabalhos que tratam acerca da obra do cineasta de Ceilândia (DF) Adirley Queirós, com objetivo de traçar uma análise dos filmes "A cidade é uma só?", "Branco sai, preto fica" (BSPF) e "Mato seco em chamas". Busca-se compreender as formas de linguagem cinematográfica traçadas pelo diretor ao se debruçar sobre o que compreendemos como catástrofes cotidianas – ou seja, acontecimentos (Leal e Gomes, 2020) que causam deslocamentos e instabilizações relacionadas à problemáticas da vida cotidiana, que abrem margem para a exposição de hegemonias e ressignificações de valores e práticas sociais. Em "A cidade é uma só?", a capacidade do filme de traçar uma crítica à Brasília enquanto utopia modernista e apontar para uma realidade de segregação sócio-espacial reside nos jogos de contaminação mútua entre o cinema ficcional e o documental (Guimarães e Hora, 2015), dando ao filme uma forma de contra-discurso memorialístico (Mesquita, 2011). Se falamos de contra-discurso em "A cidade é uma só?", em BSPF podemos falar de contra-ficção (Cançado, 2014), uma vez que é por meio da ficção científica que Queirós convoca elementos documentais. Ao fabular um agente de futuro, em um presente fictício, para rememorar um passado histórico, o diretor cria seu próprio regime de historicidade (Mesquita, 2021), em que se torna possível tecer críticas ao regime hegemônico que silencia as vozes de seus personagens. De acordo com Mesquita, a construção desta linguagem fabulatória consiste em um potencializador dos elementos históricos convocados pelo diretor, uma vez que os elementos fundamentais da FC se voltam para a memória e não para elementos teleológicos, utópicos ou distópicos (tradicionalmente presentes nas FCS). Este distanciamento entre o filme e as FCs tradicionais podem enquadrar BSPF como uma hipo-utopia (Margotto, 2020). Esta mesma especularização distópica marca "Mato Seco em Chamas" que, ao se debruçar sobre o encarceramento feminino e propor a criação do mito das gasolinehas da quebrada, utiliza-se de elementos como desvio e linhas de fuga, para dar luz a histórias que ocorrem em experiências temporais dilatadas e disfuncionais (Mesquita e Coutinho, 2023), à margem de um regime histórico marcado pelo progresso e pelas grandes narrativas.

Daniela de Paula Gomes (USP)

Pais Peregrinos e Pais Fundadores: mitos de fundação e de fim do mundo no cinema catástrofe estadunidense na era Bush-Cheney (2001-2009)

Um novo ciclo de filmes catástrofe se apresenta nos anos 2000, especialmente após o atentado as Torres Gêmeas em 2001. Em minha pesquisa de doutorado, exploro as possibilidades narrativas dentro do gênero catástrofe, que apresenta uma jornada de redenção das personagens masculinas, paternas, em meio a desastres de ordem natural, social e política. Analiso três filmes estadunidenses lançados durante o mandato presidencial de George W. Bush e Dick Cheney (2001-2009), quais sejam, O Dia Depois de Amanhã, Guerra dos Mundos e Fim dos Tempos, que exploram temas relacionados ao clima, meio ambiente, guerra ao terror e crise política e social por meio de jornadas individuais de personagens masculinas em resgate a seus filhos. Nos três filmes, a resolução da Catástrofe se alinha a um processo de redenção da figura paterna que, ao se reestabelecer enquanto parte essencial para a sociedade, se alinha a um happy-ending de superação e reafirmação de força da nação estadunidense. As narrativas da nação estadunidense, reforçadas ao longo dos séculos e essenciais mesmo para a constituição de uma Nação que, ao contrário do que objetivam transmitir, não se constituiu sem uma intensa batalha social, política e cultural, são categorias determinantes para a nossa análise fílmica. Entendemos os filmes enquanto documentos para a escrita da história e os analisamos

nessa perspectiva monumental, enquanto objeto que carrega, em sua especificidade, o potencial de “perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas” (LE GOFF, 1996). Enquanto discursos, esses três filmes tensionam dinâmicas sociais e temporais ao trabalharem com referenciais mitológicos da nação estadunidense, como a constituição das figuras dos Pais Peregrinos e Pais Fundadores, que são “heróis nacionais [...] frequentemente lembrados e exaustivamente citados para defender esta ou aquela posição. São ídolos públicos que contribuem para conferir aos norte-americanos envolvimento comunitário. Eles fornecem também exemplos de conduta na vida pública.” (JUNQUEIRA, 2018, p. 36). Nos filmes aqui analisados, evidenciamos pontos da narrativa de catástrofe que se valem de aspectos constitutivos dessas figuras mitológicas na construção de seus personagens principais e na elaboração de suas jornadas de redenção.

Danilo Marques Philigret Rego (UFRJ); Marialva Barbosa (UFRJ)

Imagens imersas em tempos movediços: cinema e fotografia como instrumentos de desterritorialização

O presente texto tem por objetivo discutir os usos do cinema e da fotografia como instrumentos de poder. Para além disso, busca, sob a análise da obra “Sobre Fotografia”, de Susan Sontag, dialogar os novos métodos de poder com um capitalismo que estetiza e normaliza a crise e a repressão, reflexos mecânicos da forma em que se deu e em que se dá o acúmulo de riquezas e a produção de pobreza. Questiona, também, como isso se reflete especificamente no Brasil, a partir do Cinema Novo e de outras obras imagéticas contemporâneas brasileiras. Assim, tem como objetivo principal alinhar fatores históricos que reforçam certos estigmas políticos e estéticos acerca do que Sontag chama de “inconveniência pública”, usando-se da obra da fotógrafa estadunidense Diane Arbus. É realizado o mesmo movimento teórico em relação ao cinema brasileiro, fazendo uso de dois textos fundamentais para o desenvolvimento do artigo: “Eztetyka da Fome” e “Cosmética da Fome”, de Glauber Rocha e Ivana Bentes, respectivamente. Faz isso com o fim de entender e esclarecer as heranças ocidentais na representação e na performance da miséria brasileira feita pelo cinema brasileiro. Os métodos utilizados foram teóricos e analíticos, a partir de textos que fundamentam o diálogo entre a obra fotográfica de Arbus, e seu olhar externo sobre os corpos que performam comportamentos desviantes, e as tentativas de Glauber Rocha de realizar o que ele chama de “cinema contra-estético”, cuja finalidade é desfazer o olhar estrangeiro direcionado ao “terceiro mundo”. A análise realizada descortinou 1) as heranças ocidentais no cinema brasileiro, que, como apontam a análise das obras utilizadas, estetizam a miséria, a crise e a repressão, 2) o impacto das imagens — foto e cinematográficas — no comportamento social e político contemporâneos e, 3) por fim, a desestruturação da memória coletiva em função de um fluxo informacional que banaliza o passado. A análise das obras citadas, tendo como principal norte a obra “Sobre Fotografia”, de Susan Sontag, revela uma complexa teia que intersecciona fotografia, cinema e política, descortinando as capacidades na percepção social sobre a história e os efeitos que exercem sob a memória coletiva.

Christina Ferraz Musse (UFJF); João Gabriel Marques (UFJF); Ana Clara Campos (UFJF)

Cinema de família: os Assis de Juiz de Fora e a tradição audiovisual de Minas Gerais

O objetivo deste artigo é contribuir para a Historiografia do cinema brasileiro, a partir de um olhar regional. Assim, nossa questão é demonstrar como os processos de produção e exibição fílmica, no interior de Minas Gerais, tiveram um caráter não apenas comercial, mas também amador, e, em especial, doméstico e familiar. Para tanto, recorreremos à pesquisa documental, em arquivos públicos e privados, e às entrevistas de História Oral. Nosso objeto de investigação é a atuação, no setor do audiovisual, da família Assis, que se fixou no município de Juiz de Fora, Zona da Mata de Minas Gerais, em meados do século XIX. Dedicando-se inicialmente à produção cafeeira, seus descendentes formaram um império, que se estendeu à fabricação têxtil, ao transporte de bondes, à geração de eletricidade e à telefonia, entre outros. A família investiu

também nas artes. Os Assis inauguraram, em 1945, um dos raros cinemas do país, que funcionou em um galpão de fábrica, localizado, então, na área rural da cidade, o Cine Teatro Floresta, com capacidade para 500 pessoas. A programação incluía filmes de Mazaropi, Tarzã, os faroestes de Roy Rogers e os seriados de Zorro e Búfalo Bill. Na véspera do final de semana, os padres, que residiam no Seminário Redentorista da Floresta, a menos de um quilômetro da fábrica, assistiam à projeção, para decidir qual a faixa etária de público que poderia comparecer. Muito da iniciativa da criação do cinema se deve a Júlio Álvares de Assis, engenheiro e inventor nato, que fundou, em 1947, época em que viveu em São Paulo, a Produtora Regina de Cinema, que chegou a ter Mazaropi em uma de suas produções. Fechada a produtora, em 1950, ele voltou a Juiz de Fora, onde registrou, em filmes de 16 mm, as festas familiares, hoje, um pequeno acervo, mas de grande valor documental. Seu filho, Márcio Alcântara de Assis, fotógrafo, teve destaque na cobertura de eventos culturais na década de 1970, colaborando para a memória do período. Este artigo resulta de dois projetos de pesquisa: "Cidade e memória: a construção do imaginário urbano pela narrativa audiovisual" (2014-2023) e "A experiência da ida ao cinema: subjetividade, memória e comunicação" (2023-atual), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

**História das Mídias Audiovisuais:
Cinemas, visualidades, experiências III
16h às 18h30 SALA C213**

Mayara Fernandes (UFJF); Maria Clara Magalhães Cabral (UFJF)

Análise da nostalgia na ida ao cinema de rua: Cine Benfica, o principal da zona norte de Juiz de Fora

O objetivo do trabalho é apresentar a história de um cinema de rua de Juiz de Fora e discutir o vínculo entre a sala e seus ex-frequenteres. Através de entrevistas com tais indivíduos, propomos verificar a presença do sentimento nostálgico em suas memórias do espaço compartilhadas conosco, além de refletir sobre a experiência única de consumir filmes em um cinema de rua. Como embasamento teórico, serão utilizados os conceitos de memória, nostalgia e ida ao cinema, representados por referências a Pierre Nora (1993), Svetlana Boym (2008) e Kevin Corbett (1998). Além disso, a metodologia da História Oral, referenciada neste texto através de Paul Thompson (1992) e Verena Alberti (2004), será utilizada para orientar o recolhimento dos depoimentos. Os cinemas de rua são caracterizados como espaços de construção de relações sociais. De acordo com a obra de Arantes e Musse (2014), a subjetividade no hábito de frequentar o cinema permite uma análise do comportamento do tecido social urbano, bem como a cultura local. Ao analisar a frequência ao cinema de rua, é possível considerar elementos como a memória e a nostalgia. De acordo com (NORA, 1993, p.9) "a memória é vida sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. A história, uma representação do passado." Boym (2008, p. 93) afirma que "nostalgia é a saudade de um lar que não existe mais ou nunca existiu. A nostalgia é um sentimento de perda e deslocamento, mas também é um romance com a própria fantasia". O Benfica está localizado na rua Tomé de Souza, número 200 no bairro Benfica, foi inaugurado em 1955, como salão paroquial Pio XI, sendo vinculado à Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Durante os quase 70 anos de atividades, o espaço passou por diferentes usos, mas de 1968 a 1978 funcionou exclusivamente como cinema. Apesar de Juiz de Fora, em seu período áureo de popularidade dos cinemas de rua, contar com cerca de 20 salas de exibição, a maioria se situava em regiões próximas ao centro da cidade, longe do bairro Benfica. O Cine Benfica fica em umas das principais ruas do bairro e mantém a sua fechada, evocando, em antigos frequentadores, recordações e memórias de idas ao cinema e participações em outras atividades culturais no local.

Ryan Brandão (UFF); Livia Cabrera (UFF); Sancler Ebert (UFF)

A plataforma "histórias de cinemas" e o mapeamento das pesquisas sobre exibição cinematográfica em Minas Gerais

Inicialmente, a nossa comunicação apresentará o banco de dados "histórias de cinemas" (<https://www.historiasdecinemas.com.br/>). Concebida por Livia Cabrera, Ryan Brandão e Sancler Ebert, essa plataforma reúne as pesquisas sobre exibição cinematográfica realizadas nos cursos de pós-graduação stricto sensu das Instituições de Ensino Superior públicas e privadas do Brasil. A ideia de desenvolvê-la surgiu no segundo semestre de 2018, quando seus criadores cursaram, no PPG em Cinema e Audiovisual da UFF, a disciplina "Histórias de cinemas, memórias e experiências das audiências", que foi ministrada pelos professores João Luiz Vieira e Talitha Gomes Ferraz. Ao longo das últimas décadas, o número de teses e dissertações sobre exibição cinematográfica aumentou significativamente no país, o que reforça a ideia de que um campo – nomeado por João Luiz Vieira (2021) como "histórias de cinemas" – encontra-se em formação. De acordo com o autor, é essencial grafar a terminologia com iniciais minúsculas e no plural, na medida em que a finalidade é realçar as múltiplas trajetórias dos espaços de projeção filmica nacionais. Segundo ele, a partir dos anos 1980, ocorreu uma revisão do olhar hegemônico da História do Cinema com o objetivo de descentralizar o foco mais tradicional das investigações sobre os filmes e seus diretores para uma apreciação de outras questões relacionadas com a distribuição, exibição e recepção, nos mais diversos

cenários culturais, econômicos, sociais e temporais. Ainda que tenha ocorrido um expressivo crescimento da produção acadêmica sobre salas de cinema no Brasil, a dificuldade de acesso a essas pesquisas – sobretudo as que, pelo fato de terem sido realizadas no século XX, raramente possuem uma versão digital – faz com que importantes estudos não circulem como deveriam. Muitas vezes, eles acabam ficando restritos às bibliotecas das Instituições de Ensino Superior nas quais foram elaborados. Portanto, o banco de dados “histórias de cinemas” foi pensado para agrupar, em um só local, as investigações encontradas, o que facilitará a sua difusão entre as pessoas interessadas no assunto e, certamente, estimulará novas contribuições para o campo. Na primeira etapa do projeto, foram coletados os estudos produzidos nos quatro estados da Região Sudeste do país. Depois de apresentarem a plataforma, os seus idealizadores farão uma análise dos trabalhos que foram produzidos sobre as salas de cinema localizadas nas cidades de Minas Gerais.

Helena Oliveira Teixeira de Carvalho (UFMG); Livia Cabrera (UFF); Sancler Ebert (UFF)

O estranho mundo de Tim Burton chega ao streaming: uma análise da visualidade expressionista em “Wandinha”

Consagrado um dos melhores diretores do cinema contemporâneo, Tim Burton apresentou uma estética singular desde o início de sua carreira, fugindo da órbita da estética dominante. Fã dos filmes de terror da produtora Hammer, da literatura de Edgar Allan Poe e do Expressionismo alemão, liderado por F.W Murnau, Fritz Lang e Robert Wiene, traz uma nova visão do universo gótico, mórbido e uma inversão dos conceitos de monstro e de “bem” e de “mal”. Já em Vincent, seu filme de estreia, é possível ver as influências expressionistas, com cenários pontiagudos, sombrios, jogo de luz e sombra e interpretação exagerada dos personagens. Até mesmo em seu projeto mais comercial, a saga Batman, o diretor imprimiu sua identidade e trouxe uma Gotham City com uma atmosfera sombria, grandiosa, semelhante ao clássico expressionista Metrópolis, de Fritz Lang. Nesse contexto, pode-se observar que Wandinha (Wednesday, 2022), seu mais recente sucesso, carrega as influências do Expressionismo, com cenários dramatizados, intenso jogo de luz e sombra e perambulação entre o real e o imaginário. Na série para o streaming Netflix, Tim Burton traz uma inversão de valores e de papéis entre os humanos e os monstros, o bem e o mal. Afinal, os vilões aqui são os humanos comuns, que perseguem as criaturas especiais. Além disso, a própria Wandinha é uma personagem que traz essa inversão e uma dualidade: as maldades da protagonista são realizadas contra aqueles que praticam bullying e perseguem seus pares. Para melhor compreender a estética singular do diretor e a maneira como articula diferentes elementos cinematográficos, de forma a dramatizar a mise-en-scène e potencializar a experiência visual do espectador – herança do cinema mudo que agora traz para o streaming – o presente artigo irá fazer uma breve abordagem de suas principais obras à luz da influência do Expressionismo Alemão e dedicará uma análise mais aprofundada da série Wandinha. Com isso, pretende-se não só explorar mais a fundo a obra do diretor, mas também contribuir para o enriquecimento do pensamento crítico em torno da estética do cinema, alcançando um espectro mais amplo a respeito das relações entre a linguagem cinematográfica e a experiência do espectador, alimentando o horizonte teórico-conceitual do audiovisual e permitindo uma maior exploração de possibilidades estéticas.

Dionisio de Almeida Brazo (UFF)

Entre memória e esquecimento, esquecimento: proposta de caminho metodológico para pesquisa histórica sobre desenho animado televisivo

Este texto tem o objetivo de oferecer aos pesquisadores de desenhos animados televisivos (teledesenhos) um caminho metodológico para a realização de pesquisas na “ausência” de fontes históricas “oficiais”. Partimos do entendimento de que os teledesenhos carecem de certa legitimidade tanto do ponto de vista do produto cultural quanto de problema de pesquisa histórico (Meda, 2014). Nesse sentido, os “sinais” (Ginzburg, 1989) deixados são os caminhos que podem ser percorridos na composição de projetos de pesquisa. A

afirmação de Andreas Huyssen (2000) de que a memória tornou-se central na preocupação cultural e política das sociedades ocidentais continua atual. A partir de Halbwachs (2000), entendemos a memória como um fenômeno social coletivo, uma vez que a lembrança existe porque somos constantemente atravessados por outros sujeitos. Para Pollak (1992), a memória possui marcos relativamente estáveis. São eles os “acontecimentos vividos”, “lugares” e “personagens”. Partindo dessa ideia, Bressan Junior (2019) defende a televisão como um “lugar” da memória na medida em que (re)produz imagens e aciona outras memórias por meio das reprises. Contudo, para essa produção de imagens e memórias compreendemos que existe uma disputa sobre o que será lembrado, funcionando como capital simbólico. Observando a tv aberta, notamos que os principais produtos de revisitação são as telenovelas, o jornalismo e, em alguma medida, o esporte. Nesse contexto, qual é o lugar dos teledesenhos? Dada a dificuldade de pesquisa de cunho histórico sobre o tema, a não ser via programas infantis, os quais reafirmam mais o produto televisivo e as apresentadoras do que o conteúdo animado, isso faz com que nos voltemos para os “sinais” deixados. Elencamos três sinais - fontes digitais e/ou virtuais, segundo a descrição feita por Barros (2022): 1) Olhar para as revistas infantis como uma forma de jornalismo infantil (Furtado, 2015), que podem evidenciar práticas para o consumo e programação televisiva; 2) Blogs mantidos por fãs, que atuam como acervos históricos focados em um único desenho, construindo uma autoridade de fala sobre o assunto por meio da especialização, apesar da dificuldade de confronto com outras fontes; 3) Memes que, por meio da sátira, mostram como as emissoras tratavam os conteúdos infantis. Esses caminhos metodológicos proporcionam uma nova perspectiva para a pesquisa histórica dos teledesenhos, explorando fontes alternativas e suas implicações na memória coletiva.

História das Mídias Audiovisuais:

Corpo das imagens I

09h30 às 12h SALA C414

Raabe Bastos (UFMG); Joana Ziller (UFMG)

Ainda está no seu histórico: lesbianidades e Insights Pornhub (2023)

O trabalho questiona: como as lesbianidades, em suas práticas e identidades, aparecem nos dados do Insights Pornhub 2023? O relatório anual disponibilizado pela rede social mostra gráficos sobre cada país, como: "Principais pesquisas", "Tráfego e tempo no site", "Categorias populares", "Pesquisas gays", "Estrelas pornô", "Homens e mulheres em demografia", "Dispositivos e tecnologias", "Personagens", "Videogame", "Feriados e eventos" e "Os 20 principais países em profundidade". Este ano, fez uma década que os relatórios são expostos. Os dados referentes ao ano de 2023 expuseram que "lésbica" foi a quarta categoria mais assistida no Brasil e a terceira no mundo, estando sempre entre os cinco termos mais pesquisados (Pornhub, 2024). Outro fator de interesse, diz sobre o Brasil ser o país onde há a maior quantidade de mulheres assistindo pornografia, sendo sobre lesbianidades, em sua maioria (Ibidem, 2024). O Pornhub, criado em 2007, tem cerca de 100 milhões de usuários diários, é uma rede social que possibilita a construção de identificação através de postagens, conversas, sexo virtual, venda de materiais, comentários e curtidas, assim como a visualização dos conteúdos sem qualquer inscrição do usuário. O fato de Pornhub ser uma comunidade virtual não definida espacialmente, mas por práticas compartilhadas, permite aos consumidores mediar os conteúdos e possíveis tensionamentos gerados por eles, trata-se de compreender a pornografia como propositora de novos arranjos sociais e imaginários, apreendendo emergências decorrentes do que coloca em veiculação. É o pornô como texto não inerte, sem significado intrínseco, em constante transformação. O pornográfico não deve ser lido por ótica moral, antes, como propositores de tensionamentos e construções, são produções que dizem sobre o social, é um instrumento cultural de amplo acesso no Brasil. Encaramos os Insights Pornhub como uma das formas para pensar um recorte das lesbianidades, assim como das mídias, sendo uma das chaves de reflexões possíveis no que se refere às construções midiáticas referentes aos gêneros e as sexualidades. A metodologia utilizada trata-se da instrumentalização dos dados apresentados pelos Insights Pornhub 2023 na observação a respeito das lesbianidades, relacionando-os com conceitos de Preciado (2018), Butler (2022), Rich (2010) e Wittig (2022).

Maria Clara Magalhaes Cabral (UFF); Christina Ferraz Musse (UFJF)

Análise de "Feminicídio" (2017) do Programa Profissão Repórter: cinco pontos da ATC e a não urgência em abordar o tema

Esse artigo pretende analisar o episódio "Feminicídio" do programa "Profissão Repórter" da Rede Globo, através dos conceitos de Análise Televisiva Convergente (ATC) de Becker (2019), além de reflexões sobre como aprimorar enquadramentos nas produções telejornalísticas que abordam o feminicídio, explorado por Moraes (2022). Veiculado em 04 de outubro de 2017, o episódio foi exibido dois anos após entrar em vigor a Lei 13.104/2015, que pretende punir o assassinato de mulheres pelo motivo de serem mulheres. O programa foi escolhido por ter uma história duradoura. Começou como um quadro dentro do "Fantástico" e tornou-se fixo desde 2008. Ele apresenta outros aspectos de produção que não são frequentes no telejornalismo, como os bastidores e reuniões de pauta. "Profissão Repórter" tem desde seu início, o compromisso de apresentar pautas progressistas e de interesse público. Entretanto, demorou quase 3 anos para abordar um tema grave e de importância para a sociedade, já que na época 8 mulheres por dia eram vítimas de feminicídio. A escolha do episódio foi feita a partir de uma busca, utilizando palavras-chave para encontrar o primeiro episódio do programa que abordasse o feminicídio. Tem duração de 34 minutos e 41 segundos e foi veiculado em uma quarta-feira, no período noturno. Acompanhando variadas equipes de reportagem e em diferentes localidades, o episódio busca apresentar a nova legislação - até então recente - e suas implicações na

sociedade. O episódio passa por diversos tópicos, entrevistando sobreviventes, familiares, assassinos, acompanhando um velório e até mesmo um julgamento. Aborda a temática, até então, recente no telejornalismo brasileiro de uma forma a seguir o slogan do programa: “Os bastidores da notícia e os desafios da reportagem”. Para o trabalho, serão analisadas as singularidades da ambiência, as características das organizações e consequentemente das práticas produtivas, os modos como são estruturados e ordenados os vídeos e áudios, a maneira como o episódio circula no ambiente convergente e como são as interações da audiência. Ao mesmo tempo, pretende-se mostrar como o episódio reforça estereótipos envolvendo o feminicídio, como a desculpa do assassinato por estar alcoolizado ou a culpa da mulher por não ter denunciado antes as violências sofridas.

Mariana Barbosa Gonçalves (UFOP)

A beleza como valor no protagonismo feminino das telenovelas

O objetivo do trabalho é apreender como o valor da beleza emerge nas representações construídas a partir das protagonistas das telenovelas exibidas pela Rede Globo de Televisão no horário das 21 horas durante a década de 2010. O corpus abarca tramas que tiveram transmissão de capítulos inéditos entre o dia 1º de janeiro de 2010 e 31 de dezembro de 2019 (ainda que tenham começado pouco antes e encerrado após o período). Partiremos de alguns pontos, que estão interligados com esse valor para realizar essa análise: a concepção de beleza e o olhar direcionado às personagens femininas. A beleza não seria uma constante. Segundo Eco (2004), as ideias sobre o que é o belo variam de acordo com o lugar no mundo, o momento histórico e, ainda, a cultura em que estamos inseridos, estando ligadas aos valores de determinada sociedade que lhe atribui o seu caráter a objetos, atos e pessoas. No século XX, o nosso modelo de beleza está associado aos ideais propostos pela mídia, fortemente ligados ao consumo. A televisão e, de forma específica, as telenovelas, podem operar como um ideal a ser alcançado, apresentando exemplos a serem seguidos para atingir o que seriam os corpos, cabelos, vocabulários e modos de se expressar que agradariam ao outro (nesse caso, o olhar masculino). Em certas representações há uma normalização – e até idealização – do olhar masculino sobre o corpo feminino, seja em relação a outros personagens ou está à mostra para o olhar do espectador, que se torna cúmplice do olhar sobre os corpos das mulheres nas telenovelas. Diversos autores já discutiram as representações de mulheres em obras a partir de um olhar masculino (Berger, 2000; Mulvey, 1983, Kaplan, 1995). Assim como nas pinturas renascentistas, na publicidade, no cinema hollywoodiano, as telenovelas transmitidas, já na década de 2010, também estão inseridas em uma grande estrutura midiática dominada por sujeitos do gênero masculino. Mesmo que sejam produtos tipicamente tidos como para o público feminino e que tenham produção direcionada para ambos os gêneros. Desta forma, nossa proposta é analisar uma tendência de padronização da beleza nas representações das protagonistas, seguindo um ideal de seu tempo; como essas representações estão inseridas a partir de um “olhar masculino”; bem como a dupla cumplicidade entre espectador(a) e obra assistida, sendo a beleza um ideal a ser atingido (pelo desejo de ter ou ser).

Paula Beatriz Coelho Domingos Faria (UFJF)

Verônica Torres e a ascensão do protagonismo feminino em narrativas policiais

A terceira e última temporada da série brasileira “Bom dia, Verônica”, produzida pela plataforma de streaming Netflix e baseada no romance homônimo escrito por Ilana Casoy e Raphael Montes, foi lançada em fevereiro de 2024 dando um desfecho à trajetória da personagem Verônica Torres, no mesmo momento em que o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) divulgou um relatório que revela a ocorrência de, em média, um feminicídio a cada seis horas durante o ano de 2023. Destaca-se na série a postura destemida e a persistência da protagonista no propósito de combater uma grande rede criminosa, que funciona como uma metáfora da própria sociedade patriarcal, considerando que a origem da banalização da violência contra

mulheres está no próprio patriarcado (Saffioti, 2015). Se a personagem Janete não sobrevive às diversas violências sofridas na primeira temporada, as jovens vítimas de tráfico de pessoas presentes na terceira temporada se rebelam e, lideradas por Verônica, conseguem desmantelar a grande rede criminosa e a protagonista, consciente de que ainda há muito o que ser feito, mantém unida uma espécie de sociedade secreta composta por mulheres que recorrem à própria violência para combater a violência. A ideia de que a solidariedade entre mulheres é necessária para lidar com a violência patriarcal (Hooks, 2021), portanto, impera no desfecho da trama. A série prioriza o protagonismo feminino dentro do gênero policial, historicamente dominado por diferentes masculinidades. Ainda que, ao investigar sua trajetória, seja possível encontrar investigadoras notáveis, como Miss Marple, criada por Agatha Christie, não há dúvida de que os detetives mais lembrados são homens, como Auguste Dupin, Sherlock Holmes, Hercule Poirot, Sam Spade e Philip Marlowe. Todavia, a ascensão de detetives femininas tem sido notável nos últimos anos e obras como “Bom dia, Verônica” merecem atenção não apenas por colocarem a mulher numa posição de protagonismo, mas também discutirem a questão da violência associada à própria sociedade patriarcal. Assim, considerando que a ficção seriada reflete questões em voga no contexto social e cultural em que se insere e que, na pós-modernidade, personagens que anteriormente não ocupavam o centro das narrativas, os ex-cêntricos (Hutcheon), ganham protagonismo, o objetivo deste trabalho, que segue uma metodologia qualitativa, é o de compreender os aspectos narrativos da série analisada que entram em conflito com a ficção policial tradicional.

Rhayller Peixoto da Costa Souza (UFRJ)

Chicas/Xicas da Silva em disputa: a construção da personagem da Rede Manchete (1996-1997)

A história de Chica/Xica da Silva é recontada desde o século 19 por diferentes fontes. Jornais, livros, teatro, cinema, televisão, entre outros meios, se tornaram espaços onde a personagem é construída e disputada. Francisca da Silva foi uma mulher ex-escravizada que viveu no Arraial do Tejuco, atual município de Diamantina-MG, durante o século 18, e esteve por 15 anos em uma relação de concubinato com João Fernandes de Oliveira, à época o contratador dos diamantes da Coroa Portuguesa. A união entre uma mulher negra e um nobre português no contexto da escravidão brasileira abriu margem para que diversas interpretações fossem feitas. No audiovisual brasileiro duas adaptações da história tiveram grande repercussão: o filme *Xica da Silva* (1976), de Cacá Diegues e a telenovela homônima da Rede Manchete escrita por Walcyr Carrasco com direção de Walter Avancini (1996). Nos atentamos para a *Xica da Silva* da Rede Manchete dos anos 1990 e protagonizada por Taís Araújo para investigar a construção desta versão da personagem levando em consideração que, ao reconstruírem o passado, os meios de comunicação buscam materialidades que produzam uma integralidade deste tempo (BARBOSA, 2017). Como são feitas, portanto, as leituras do passado durante os anos 1990 que permitiram à Rede Manchete criar uma *Xica da Silva* naqueles termos? É a partir desta leitura do passado que nos atentamos para uma personagem em constante diálogo com seu tecido social que não é inventada, mas construída (BRAIT, 2017). Baseados na experiência televisão, objetivamos neste trabalho investigar o processo de criação da personagem *Xica da Silva*: quem são seus autores e quais os desdobramentos da adaptação baseados não apenas em suas representações anteriores, mas na própria obra. Para isso, compreendemos a noção de acontecimento (FRANÇA, 2012) como importante para o entendimento da adaptação da história. As muitas vozes no qual Bakhtin (2018) se valia para identificar o romance polifônico são compreendidas aqui como os muitos lugares que constroem a *Xica da Silva* de telenovela. Os atores responsáveis pela construção da *Xica da Silva* dos anos 1990 tiveram um campo de disputa: a imprensa especializada. Investigamos 183 matérias publicadas entre 1996 e 1999 nos veículos *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e a *Revista Manchete*, que nos auxiliam na compreensão do tempo em que a Rede Manchete exibiu *Xica da Silva*.

História das Mídias Audiovisuais:
Corpo das imagens II
13h30 às 15h30 SALA C414

Ana Carolina Martins Nunes (UFJF); Eli Borges Junior (UFJF)

Por uma história anacrônica das imagens: Aby Warburg e sua ciência da cultura

A história da arte, como disciplina do conhecimento, tem sido um dos campos privilegiados para estudos mais aprofundados sobre as imagens produzidas em diferentes épocas e contextos culturais. No entanto, é possível admitir – se recorremos, por exemplo, às reflexões de G. Didi-Huberman –, que a concepção formalista e cronológica dessa disciplina pode sugerir uma abordagem limitada de apreensão das imagens, recorrendo a enquadres que as tratariam a partir de certa passividade, ignorando influências mútuas e significativas entre diferentes períodos históricos. Nesse sentido, a percepção da história da arte como uma estrutura linear, cumulativa e evolucionária parece obscurecer e mesmo inviabilizar possibilidades mais produtivas de estudo e leitura das imagens produzidas nos mais diferentes contextos. Diante disso, nosso objetivo é discutir alguns elementos fundamentais daquilo que Aby Warburg chamaria de uma "história das imagens", na perspectiva de uma ampliação do olhar, a favor de uma "tendência para a superação dos limites da história da arte" (AGAMBEN, 2015, p. 113). Warburg incorpora aspectos psicológicos, simbólicos e afetivos em sua abordagem alternativa e propõe um continuum na história a partir de seu conceito de *Nachleben*, "sobrevivência" (DIDI-HUBERMAN, 2013) ou "vida póstuma" (AGAMBEN, 2015), que possibilitaria pensar em uma espécie de "persistência" ou de "re-aparecimento" de figuras e símbolos culturais, transfigurados, ao longo do tempo. A noção de *Nachleben* nos conduz a uma compreensão mais dinâmica das imagens, apreendendo suas relações de modo mais complexo, a partir de seus novos comparecimentos e expressões em contextos morais, afetivos e culturais diversos. O esforço em pensar as imagens dentro de um verdadeiro mosaico – como em seu *Atlas Mnemosyne* – seria uma tentativa de explicitar, por parte do historiador alemão, um "problema central" da sociedade ocidental, a obsessão pela história cronológica. A fim de aprofundarmos os debates sobre a concepção de uma história das imagens que nos ajude a pensar a própria história das mídias, pretendemos refletir sobre a noção de história como percurso anacrônico e como "ciência sem nome" (AGAMBEN, 2015). Isso nos permitiria pensar em um campo de estudos amplo das imagens, capaz de reunir suas vertentes artísticas ou não artísticas e que ofereça, partindo da *Nachleben* warburguiana como conceito operativo, novas chaves de compreensão sobre o universo de imagens no qual hoje habitamos.

Lorena Melo Salum (UFF)

Diários fotográficos da Folia de Reis: fotografia, festas populares e articulações temporais

A Folia de Reis, manifestação cultural brasileira, carrega múltiplas camadas de significado e temporalidades. Ao explorar essa tradição através da fotografia, podemos desvendar as ricas interações entre cultura popular, representação visual e memórias. O objetivo principal deste trabalho é apresentar o levantamento inicial realizado com grupo de folia de reis e os resultados preliminares desta etapa da pesquisa. A Folia de Reis é uma tradição de origem colonial, que celebra o nascimento de Jesus, através da peregrinação dos Magos do Oriente. Formados a partir de uma devoção aos Santos Reis, os grupos realizam a jornada visitando casas, os devotos os recebem, esperando deles colher bênçãos para sua vida (MAGNO, 2022). Em 2020, iniciei uma documentação fotográfica com a única bandeira existente na cidade de Itaboraí - RJ, a Estrela do Oriente 2. A bandeira representa uma tradição familiar centenária e realiza sua jornada do dia 25 de dezembro até o dia 02 de fevereiro. A fotografia documental tem papel vital na captura e preservação dessa tradição efêmera e é desenvolvida a partir de uma apuração prévia, elaboração e estudo sobre um tema, referindo-se a projetos de longa duração, através de uma narrativa que concentra a captura no homem e o seu espaço, tratando de temas cotidianos, assumindo uma função problematizadora para questões sociais. (LOMBARDI, 2007).

Constantemente vinculada à memória visual, a fotografia documental registra e ressignifica a ação social do olhar. Para Silva, há algo que aproxima a fotografia e a memória, ambas realizam um mesmo processo, selecionando previamente o que vamos ver e memorizar, a partir de critérios conscientes e socialmente elegíveis (SILVA, 2011). O envolvimento da bandeira Estrela do Oriente 2 no processo de construção de narrativas e da memória é fundamental. Ao se pensar em memória é importante considerar o seu caráter individual e social. Como afirma Halbwachs, quem lembra é o indivíduo, e este toma como suas as lembranças do grupo em que se relaciona (HALBWACHS, 1990; Apud AUGUSTO, 2011). Nessa linha, Ricoeur aponta a relação das narrativas individuais na construção de uma memória coletiva e o seu papel na afirmação da identidade (RICOEUR, 2000; Apud SILVA, 2011). Para concluir, a fotografia e a celebração aos santos reis se encontram e nos convida a partilhar a dimensão da experiência vivida, permeada por rituais, significados, vivências individuais e coletivas, que se entrelaçam nos tecidos da memória.

Lucas Mourão Tavares (UNIRIO)

Transformação Digital no Fotojornalismo

A proposta de artigo explora a evolução do fotojornalismo, destacando sua importância na documentação histórica e na formação da consciência pública. O fotojornalismo é descrito como uma interseção entre a objetividade informativa e a expressividade visual, sendo crucial para moldar a compreensão do mundo por meio de uma lente informativa e artística. O surgimento do fotojornalismo no final do século XIX, impulsionado pelo desenvolvimento tecnológico da fotografia e pela crescente demanda por conteúdo visual, marcou uma transformação significativa na maneira de reportar notícias. A fotografia começou a ser utilizada como uma ferramenta para documentar eventos com maior precisão e veracidade, ajudando a formar a opinião pública e a memória coletiva. Além de ser uma testemunha ocular dos eventos, o fotojornalismo atua como um narrador ativo, capaz de interpretar e oferecer uma visão única dos acontecimentos históricos. Historiadores e críticos analisam o fotojornalismo não apenas desvelando sua história, mas também atribuindo significados variados baseados nos contextos sociais e políticos em que as imagens são produzidas e consumidas. A fotografia no jornalismo, portanto, não é apenas um recurso técnico ou estético, mas um elemento fundamental que interpreta jornalisticamente os eventos, fornecendo provas visuais que autenticam os fatos noticiados. O artigo destaca a transição das câmeras analógicas de grande formato para a era digital, enfatizando as diferenças entre fotografia digitalizada e nato digital. Essa mudança representou um avanço significativo na forma como compreendemos e utilizamos imagens para contar histórias e documentar a realidade. A era digital trouxe também desafios relacionados à autenticidade e à manipulação de imagens, questões éticas que continuam a ser debatidas no campo do fotojornalismo. No contexto brasileiro, o fotojornalismo começou a se desenvolver com a introdução da fotografia no país em 1840. O artigo conclui ressaltando a importância de se compreender o fotojornalismo não apenas como um meio de comunicação e expressão artística, mas também como uma entidade técnica que requer gestão e preservação devido à sua relevância na documentação e representação de momentos históricos.

Daniel Macêdo (UFMG)

Paradoxos de uma reportagem em sépia: questões temporais a partir de uma estética monocromática no telejornalismo

O uso de imagens em sépia em produções audiovisuais é um recurso estilístico que, criado antes do advento de gravações em escala de cores, emprega o aquecimento da coloração das imagens para, com os tons acobreados, manejar referentes que mobilizam imaginários sobre o envelhecimento das obras e das narrativas que com ela se elaboram. Ao pensarem o emprego estético de imagens em sépia no cinema contemporâneo, Paulo Victor Duarte (2018), Luis Nogueira (2014) e Ana Paula Penkala (2011), dentre outros, identificam que podem constituir proposições nostálgicas em torno de determinados acontecimentos ou de

um modo de consumo cinematográfico. Se há uma aparente convenção nos empregos de sêpia em produções cinematográficas a fim de promover experiências nostálgicas; em outro rumo, quando visualizadas em produções telejornalísticas, o que se estabelece é um paradoxo dos referentes de “novidade” e de “atualidade” que orientam o jornalismo moderno, discutidos por Phellipy Jácome (2017). Isto é, na medida em que o jornalismo se empenha em (re)afirmar seu lugar de renovação e de atualização das dinâmicas sociais e dos acontecimentos, ao realizar-se em tons de sêpia, articula-se com referentes nostálgicos que o posicionam num lugar atordoado e ambíguo: em sendo uma produção atual, em razão dos exercícios de apuração que o fundamentam, é também progresso, a partir dos sentidos que o apontam em discronia; em sendo uma feitura envolvida por um dado presente em que textualizações são exercidas, torna-se também anacrônico a partir dos elementos que o propõem sob outras dinâmicas com o tempo. É neste sentido paradoxal que, com a reportagem ‘Campo de Concentração de Senador Pompeu’ realizada em sêpia para o quadro ‘Ceará da Gente’, do Programa Gente na TV da TV Jangadeiro – afiliada ao SBT no Ceará – somos envolvidos pela produção. Diferente de outras elaborações para o quadro ou para o programa, a particularidade do uso de imagens em sêpia, aliada às políticas do presente conferidas pelas práticas jornalísticas, confere um esforço de montagem para propor o acontecimento em contornos delimitados; admitindo sua presença em anacronia, como um passado à revelia do presente em que emerge e em que atua ao ser narrado.

Graciele Soares de Carvalho (UFJF); Cláudia Thomé (UFJF)

Telejornalismo literário e a fórmula da grande reportagem: estratégias narrativas que resistem ao tempo

A subjetivação no telejornalismo tem se configurado como estratégia narrativa contemporânea de aproximação com a audiência (Becker, Thomé, 2023), com marca autoral e adoção de recursos do jornalismo literário (Martinez, 2009). Como referência da aplicação do estilo que engloba traços de subjetividade e humanização, e valoriza o relato em primeira pessoa do jornalista, está o premiado jornalista José Hamilton Ribeiro, que desenvolveu uma fórmula para a grande reportagem e se torna referência neste sistema de narrativas. A narrativa literária começou a ser adotada por jornalistas como Truman Capote, Tom Wolfe e Gay Talese, na década de 1960, nos Estados Unidos. O estilo reconhecido como jornalismo literário também foi acolhido no Brasil por repórteres como José Hamilton Ribeiro, que na mesma década fazia a cobertura da Guerra do Vietnã pela Revista Realidade. O profissional, um dos mais premiados do país, migra para a tela, marcando uma produção telejornalística que absorve estratégias do jornalismo literário não só em texto mas também em imagens. Entre suas reportagens, destacam-se a Rotina dos Garimpeiros na Serra Pelada, A Florada do Café, A História e a Dança da Enxada e a cobertura do Vietnã pós-guerra. Nesta última, o jornalista expõe relatos íntimos, como por exemplo, quando esteve no local e perdeu a perna esquerda depois de pisar em uma mina terrestre aos 32 anos de idade. A partir da Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2016), a pesquisa detectou que as reportagens analisadas apresentam estratégia de subjetivação, em que “o jornalista coloca-se como personagem de uma narrativa de si” (Thomé, 2021, p. 3), com características do jornalismo literário (Martinez, 2009) e da “videoteratura” (Thomé, Reis, 2017).

História das Mídias Audiovisuais:
Corpo das imagens III
16h às 18h30 SALA C414

Ricardo Macêdo (FAOP)

Alguns parêntesis sobre morte, imagens e jogos online

Proponho no texto um mergulho na evolução das representações de morte nos videogames, começando com um contraste entre jogos clássicos como Donkey Kong e abordagens contemporâneas, como em Call of Duty. Em Donkey Kong, a morte do protagonista Mario significava o reinício do jogo desde o início, uma estrutura que enfatizava a linearidade e a necessidade de evitar falhas. Por outro lado, em jogos modernos como Titanfall 2 e Watch Dog's 2, a morte não interrompe a narrativa; em vez disso, permite uma continuidade fluida da experiência de jogo. Essa transição é enriquecida por abordagens de Maurice Blanchot e Georges Bataille, que propõem respectivamente que a morte é impossível de se experimentar ou que a morte é a experiência. A mudança se torna ainda mais evidente nos jogos multiplayer como Second Life e Call of Duty, onde a morte virtualmente desaparece. Nestes ambientes, a derrota de um personagem não resulta em um fim abrupto, mas em um retorno instantâneo à ação, mantendo a imersão e o fluxo constante do jogo. Esse fenômeno é reflexo de uma cultura digital e midiática contemporânea que valoriza a conectividade contínua em regime de experiência ininterrupta. A reflexão sobre as representações da morte nos videogames se justifica pela sua importância cultural e sociológica, pois essas representações não apenas refletem avanços tecnológicos e mudanças na dinâmica de jogos, mas também influenciam a forma como os jogadores percebem e interagem com a mortalidade virtual. Para tanto, realizei análises textuais de jogos específicos, explorando como diferentes abordagens à morte refletem e moldam a experiência do jogador ao longo do tempo. Além disso, a pesquisa dialoga com autores da filosofia para entender como concepções de morte podem ser reinterpretadas no contexto dos videogames. Por fim, o estudo sugere que as representações da morte nos videogames desafiam concepções tradicionais de mortalidade e experiência. Enquanto jogos clássicos priorizavam o reinício e a superação de desafios lineares, jogos modernos e online enfatizam a continuidade e a conexão imediata. A emergência de práticas "retro", como a preservação de jogos antigos através de abandonwares, indica um movimento cultural para resgatar e reinterpretar experiências passadas no contexto digital atual. Isso aponta para uma interação complexa entre morte, memória e tecnologia, onde o virtual desafia e reconfigura nossas noções de vida e morte.

Julia Alvarenga (UFMG)

Cronotopo da estrada e presente estendido: articulações no especial de 50 anos do Fantástico

Cronotopo, proposto por Mikhail Bakhtin, é a expressão de inseparabilidade entre espaço e tempo, em que as relações de interligamento entre ambas as dimensões são tomadas como categorias de análise. Apesar do autor se apropriar de um conceito da física para analisar a literatura, propomos investigar a comunicação a partir da ótica cronotópica. O artigo busca analisar a trama temporal construída pelo Fantástico em seu aniversário de 50 anos, em que são articuladas cinco décadas de acontecimentos ao longo de cinco episódios especiais. Para isso, partimos da perspectiva do cronotopo da estrada e direcionamos nosso olhar para esse programa de autorreferenciamento da rede Globo, exibido em 2023, em busca de articulações de tempos, espaços e discursos. O cronotopo da estrada, para Bakhtin, tem enorme vínculo com os encontros, já que é na estrada onde se cruzam, em determinado ponto espaço-temporal, os caminhos percorridos por outros sujeitos em espaços e tempos diversos. Nesse ponto de enlace e concretização de acontecimentos, a dinâmica cronotópica, ou seja, espacial e temporal, tem muito protagonismo, já que em qualquer encontro, o tempo é indissociável do espaço. Investigamos o especial a partir de uma contemporaneidade que vivencia um presente perpétuo que busca produzir seu próprio tempo histórico, englobando um futuro que só se realiza no hoje e que vê o passado como objeto de apropriação. Nesta perspectiva, o artigo intenta

compreender a relação espaço-temporal estabelecida no especial de 50 anos do Fantástico ao entrelaçar a dimensão de cronotopo e os regimes de historicidade de François Hartog. Ao observar o momento de resgate e rememoração do Fantástico, propomos explorar a estrada em que somos levados pelos episódios comemorativos de 50 anos, onde seus encontros corroboram para a legitimação do programa a partir da reconstrução do passado como história.

Pedro Antun Lavigne de Lemos (UFMG; UFOP); Bruno Guimarães Martins (UFMG)

Da caricatura à hermesrenatização do mundo: a constituição do humor em Irmão do Jorel

Irmão do Jorel é a primeira série brasileira no quadro das animações originais do Cartoon Network. É possível identificar diversos elementos que integram este desenho animado no ecossistema de animações da emissora, como um tipo de atenção às interseccionalidades das identidades representadas por suas personagens, conforme estudo de Suby (2019), apoiado no conceito de Crenshaw (1989), acerca das políticas identitárias que emergem nas animações originais do canal. Irmão do Jorel parece dialogar com a biodiversidade do Cartoon Network a partir de formas específicas de representação e sátira, identificadas como um sentido de brasilidade, e que acabam por construir um retrato irônico e reimaginado da realidade. O humor, para nós, parece ser um modo de explorar, no desenho, uma relação oculta entre as coisas do mundo, algo que Gombrich (1999) identifica como um dos elementos inaugurados pelo estilo caricatural, que brinca com a criação de tipos, com o exagero e a comparação. Irmão do Jorel parece representativo desse humor visual, que enfatiza o ridículo e o exagero de personalidades políticas, celebridades e, por extensão, de uma indústria de cultura pop, o que entendemos, conforme Picado (2024), como uma herança de longa duração dessa discursividade visual da caricatura. Neste artigo, nos atentamos para como a estruturação do humor, em Irmão do Jorel, pode ser herdeiro não só da caricatura, mas também de uma elaboração do cômico que é típica dos programas de comédia veiculados nas duas primeiras décadas dos anos 2000 na MTV Brasil, como os programas Hermes e Renato, Comédia MTV e O Último Programa do Mundo. Parece haver, nesse sentido, uma brasilidade, em Irmão do Jorel, que não emerge apenas nas personagens, nos cenários e nas técnicas de animação, no que pode ser percebido como um tipo de performance de precariedade e escassez, mas que se faz ver também no tipo de sátira, nos objetos do riso e nos formatos midiáticos ironizados na narrativa desses programas. Não à toa, o laboratório humorístico cultivado na MTV Brasil se encerra, em 2013, com o Último Programa do Mundo, criado e produzido pela mesma produtora de Irmão do Jorel, a TV Quase. Nesse humor que traz ecos da caricatura, com seu modo de brincar - ou profanar - as anatomias das coisas, e que se hermesrenatiza, com narrativas que ironizam constantemente um mundo hipermediatizado, Irmão do Jorel parece reimaginar criticamente um mundo possível, em suas potências e violências.

Lorena Cordeiro (UFOP); Frederico Tavares (UFOP)

A disputa pela narrativa econômica nacional: Greg News e a crítica ao bolsonarismo

O resumo proposto é parte de uma pesquisa maior sobre o programa audiovisual Greg News. A pesquisa foca em como o programa construiu uma crítica aos valores da extrema-direita e do bolsonarismo. Foram analisados nove episódios disponíveis no YouTube, selecionados com base em três campos semânticos centrais do bolsonarismo: Economia Liberal, Costumes Conservadores, e Violência e Autoritarismo. Para esta análise, foi selecionado o campo da Economia Liberal, com três episódios: "Direito ou Privilégio", "Liberalismo" e "Em Defesa do Agro". De acordo com Miguel (2021), o discurso de economia da extrema-direita é alimentado pelo descontentamento da classe média, que teme a perda de privilégios, e pela promoção da economia liberal e do mercado mínimo. O campo da Economia Liberal reflete as políticas econômicas preferidas pelo governo de Jair Bolsonaro. Mangerona (2011) observa que o liberalismo econômico tem raízes na direita, anteriores ao bolsonarismo. No entanto, enquanto o conservadorismo moral permanece, a economia segue a livre iniciativa. Miguel (2021) argumenta que essa nova direita não vê uma crise no

capitalismo, mas sim na meritocracia, onde o desempenho econômico é a única métrica relevante. A pesquisa buscou identificar como o programa critica a ideia de economia promovida durante o governo de Jair Bolsonaro, utilizando análise qualitativa para explorar a tensão entre informação, entretenimento e politização no programa. A Análise do Discurso, focada em "argumentação", "enunciação" e "endereço", permitiu examinar como o programa reconta eventos políticos de forma diferente da bolsonarista, criando uma disputa narrativa e apresentando uma nova perspectiva sobre a economia do país. Cruz (2020) aponta que essa disputa visa influenciar a percepção pública sobre eventos e ideias. Enquanto o governo promovia um viés, o programa oferecia interpretações baseadas em outros valores, criando novas narrativas. Utilizando mídia tradicional, redes sociais e discursos políticos, as partes buscam apoio e legitimidade, moldando a compreensão pública dos acontecimentos. Essa disputa é central na política contemporânea. O programa realiza uma crítica à economia liberal promovida pelo bolsonarismo, em que destaca-se o uso do humor para abordar temas políticos e sociais, oferecendo uma narrativa alternativa e influente no cenário midiático brasileiro.

Susana Azevedo Reis (UFJF); Lara Cavalheri Soares (UFJF); Ana Lua Bacelar de Souza (UFJF); Lara Rezek Alves de Souza (UFJF); Christina Ferraz Musse (UFJF)

As vozes brasileiras da guerra Israel-Hamas: o depoimento como recurso de subjetivação

O objetivo deste trabalho é compreender como os depoimentos de pessoas comuns são utilizados na cobertura telejornalística de conflitos e guerras, oferecendo uma atenção especial às vozes infantis. Percebemos como, contemporaneamente, o telejornalismo está cada vez mais humanizado, buscando retratar os acontecimentos em um estilo mais pessoal e emocional. É o que Sacramento e Goulart (2009) denominam de "guinada subjetiva", onde o testemunho e o depoimento acabam sendo artifícios utilizados para sensibilizar o espectador. Nos propomos, assim, a analisar os depoimentos de brasileiros nas reportagens veiculadas no Jornal Nacional, da TV Globo, que são usados como fontes, na guerra Israel-Hamas. A amostra é composta pelas reportagens de sete, dia em que se inicia o conflito, a 31 de outubro de 2023, totalizando 21 edições e 83 reportagens. Encontramos as seguintes vozes brasileiras: aqueles que sobreviveram ao ataque na rave em Israel e descrevem sua experiência; moradores e turistas brasileiros, que estão em Israel e na Palestina, e narram o que veem pelas ruas ou como estão tentando sair dos países; e os brasileiros que retornam ao Brasil pelo avião da Força Aérea Brasileira (FAB) e que, em sua maioria, agradecem ao governo pelo resgate e demonstram alívio por estarem de volta à terra natal. Durante as reportagens, localizamos apenas duas crianças brasileiras entrevistadas: Bader Monir está feliz por estar abrigado em uma escola na Faixa de Gaza; enquanto Gil Ring está seguro em sua casa, com seus pais, em Tel Aviv. Percebemos como existe um silenciamento das vozes infantis, sendo elas muito pouco empregadas como fonte de informação no contexto telejornalístico (Musse et al., 2022; Marôpo, 2015). Os depoimentos dos brasileiros valorizam a individualidade e a experiência pessoal, já que trazem uma visão mais autêntica de quem está vivenciando aqueles fatos. Destacamos os brasileiros que testemunham os acontecimentos de dentro da Faixa de Gaza, gravando declarações e imagens através do próprio celular, já que o local não é seguro para os jornalistas. Assim, eles se tornam a única voz do que acontece por lá, certificando de certa forma a informação. Já as vozes das crianças aparecem para reforçar a ideia de insegurança. Os seus depoimentos são utilizados nas reportagens de forma breve, sem proporcionar informação relevante, mas emoção. Elas são retratadas como inocentes, não compreendendo a dimensão da guerra, e, desta maneira, sensibilizando o espectador.

**História da Publicidade e das Relações Públicas:
Entornos contemporâneos
13h às 15h30 SALA C307**

Daniel Reis Silva (UFMG)

A invisibilidade enquanto elemento estratégico da atividade de Relações Públicas: reflexões históricas sobre a influência indireta e seus dilemas

O artigo investiga a invisibilidade estratégica como elemento constituidor de um amplo conjunto de práticas de Relações Públicas, entendendo que tal aspecto desafia princípios normativos relacionados com o caráter público de tal atividade (Henriques, 2009). Em especial, o artigo destaca os “relacionamentos invisíveis” que a indústria farmacêutica desenvolve com médicos e que se tornaram o elemento basilar de sua estratégia de influência. Estudos apontam que 7 entre os 10 maiores laboratórios farmacêuticos do mundo gastam anualmente mais recursos financeiros com comunicação e marketing do que com pesquisa e desenvolvimento (AHIP, 2021), e que quase 90% desse montante é voltado para o relacionamento direto com médicos (Cegedim, 2013). Em geral, essas práticas ocorrem longe do espaço público, e são regidas por princípios que remetem às lógicas de influência indireta (Henriques; Silva, 2020), aspectos que ampliam significativamente a vulnerabilidades dos sujeitos perante essas ações. Visando construir uma reflexão sólida capaz de embasar investigações futuras sobre o tema, o artigo propõe lançar um olhar histórico sobre essas práticas, pautado em uma revisão bibliográfica acerca da invisibilidade enquanto elemento estratégico das práticas de Relações Públicas. Tal gesto é balizado por princípios críticos sobre as Relações Públicas (Silva, 2017; L'etang & Piezcza, 2006; Edwards, 2016), e consiste em três movimentos. O primeiro é a revisitação do pensamento de Edward Bernays (2005; 2011), considerado como um dos pais fundadores da atividade de Relações Públicas e que abertamente defendia a atuação indireta e invisível como aspectos centrais para a efetividade da área. Em seguida, é construída uma reflexão sobre aspectos que remetem a tal estratégia nas práticas da indústria do tabaco nas décadas de 1950 e 1960 (Proctor, 1996; Michaels, 2008; Brandt, 2007). O terceiro movimento, por sua vez, foca nas visões críticas sobre a “mão invisível”, que apontam para como a invisibilidade é um elemento anatômico fundamental das práticas abusivas de Relações Públicas (Stauber, Rampton, 1995; Rampton, Stauber, 2002). Por fim, argumentamos sobre a importância de reconhecermos a invisibilidade como aspecto constituidor de certas estratégias de Relações Públicas, assim como pela necessidade de reflexão sobre os dilemas e desafios que tal aspecto traz para uma agenda de pesquisa crítica voltada para compreender o impacto dessas práticas nas disputas de sentido contemporâneas.

Rennan Lanna Martins Mafra (UFV); Renata Maria Bittencourt Gomes (UFV); Maria Vitória do Nascimento B. Gervasio (UFV); Luara Miranda dos Santos (UFV)

Políticas do tempo e historicidades nos contextos organizacionais contemporâneos: novos futuros possíveis a infâncias e adolescências vulneráveis na Fundação Menino Jesus (Ponte Nova-MG)

Este trabalho, fruto de uma pesquisa financiada pela FAPEMIG, objetiva compreender como contextos organizacionais contemporâneos, afetados pela emergência de historicidades, constroem políticas do tempo no modo como estabelecem publicamente seus processos comunicacionais. Como contexto empírico, a proposta do texto é observar os modos como a Fundação Menino Jesus (FMJ) - organização da sociedade civil organizada, localizada no município mineiro de Ponte Nova - busca construir políticas do tempo a partir da proposição de práticas comunicacionais de abordagem a infâncias e adolescências vulneráveis, com vistas a projetar novos futuros possíveis a tais sujeitos. Como fundamentação teórica, o trabalho mobiliza as noções de: a) políticas do tempo, de Mudrovic (2018); b) contemporaneidade, em Gumbrecht (2015), e ideologia do progresso em Benjamin (1987); e c) organizações modernas em Mafra (2022). Como metodologia, a pesquisa busca selecionar e analisar indícios presentes nos discursos organizacionais (Baldissera e Mafra, 2020) da FMJ, em suas falas oficiais. As análises preliminares têm indicado que infâncias e adolescências, com a criação

do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) a partir de 1990, obtiveram a possibilidade pública da abertura/intensificação de passados, com vistas a possibilidades de ressignificação histórica de crianças e adolescentes, tomados a partir de então como sujeitos de direitos. Tal movimento comunicacional em direção a historicidades forçou a existência de políticas do tempo nos contextos de organizações de proteção à infância e à adolescência – gesto este que, nas práticas comunicacionais da FMJ, aparece nos modos de produzir novas significações, a partir da intensificação de passados violentados. Contudo, tais organizações continuam sendo também forçadas a admitir discursos de progresso oriundos dos âmbitos do Estado, do Mercado e da Ciência, lidando com tensões e desafios em seus processos comunicacionais. Como resultados preliminares, a pesquisa tem apontado que, ainda que “certos pedágios” sejam pagos ao progresso, tais políticas de tempo, afetadas pelas historicidades das infâncias e adolescências vulneráveis, têm forçado a construção de novos futuros possíveis a sujeitos vulneráveis, ainda que o risco de estigmatizações e marginalizações das diferenças permaneça como parte constitutiva das tensões comunicacionais contemporâneas, presentes em seus contextos organizacionais.

Marcela Vouguinha (UFMG)

Mercado Novo de Belo Horizonte: representações e significações em notícias online

Este estudo explora a representação do Mercado Novo de Belo Horizonte em notícias online utilizando uma abordagem praxiológica da comunicação. A pesquisa analisa as práticas comunicativas e os processos de significação nas notícias sobre o MN antes e durante o movimento "Velho Mercado Novo". A coleta de dados foi realizada por meio de buscas no Google em dois períodos: até 30/11/2018 e de 1/12/2018 a 31/12/2019, resultando em um corpus de 20 notícias. A análise comparativa focou na frequência da cobertura midiática, na natureza das menções ao Mercado Novo e nas narrativas construídas em torno de sua existência histórica e processo de revitalização. O estudo de fenômenos urbanos complexos, onde se entrelaçam dinâmicas sociais, culturais e políticas, tem norteado pesquisas no âmbito da comunicação e dos estudos organizacionais. Nesse contexto, os mercados têm recebido atenção da comunidade acadêmica a partir de diferentes perspectivas. Considerado um símbolo do modernismo e desenvolvimento de Belo Horizonte na década de 1960, o MN foi projetado para ser o centro de distribuição, mas enfrentou dificuldades e nunca foi inaugurado como planejado. Nos últimos anos, o movimento "Velho Mercado Novo", promovido por empresários mineiros, emergiu como agente de (re)ocupação e (re)apropriação do território. Para alcançar os objetivos propostos, lemos todas as notícias na íntegra e nos orientamos pela análise de conteúdo definida por Bardin (1977). Identificamos cinco unidades de codificação: não cita o MN; genéricas, neutras; narrativas, comparativas; atividades e eventos; espaço e revitalização. No período pré-movimento as representações eram majoritariamente superficiais e funcionais, já durante o movimento, observamos um aprofundamento nas representações, com maior destaque para a história e a revitalização do Mercado. Os resultados desta pesquisa contribuem para um melhor entendimento das dinâmicas comunicacionais e das representações relacionadas ao MN, destacando como a mídia traz as marcas de uma sociedade, constrói sentidos e representações sobre a transformação social e física de espaços urbanos. A perspectiva relacional dos fenômenos comunicacionais resgata a circularidade do processo, compreendendo a comunicação como um processo de “modelagem mútua do mundo por meio de ações conjugadas”. Além disso, o estudo destaca a importância da midiaticização no processo comunicacional, promovendo novas perspectivas de interação e relações entre atores sociais.

Karen Cristina Kraemer Abreu (UFSM)

História dos Cartazes: um olhar sobre o pôster da Copa do Mundo FIFA na Suécia, em 1958

Esta investigação se propõe a registrar parte da história da produção cartazista publicitária que circula em mais de 120 países que recebem a transmissão dos jogos da Copa do Mundo FIFA de Futebol, ao observar

aspectos da criação e do design gráfico do pôster criado para o evento na Suécia, em 1958. Analisar as produções publicitárias nos permite compreender a sociedade e a comunicação contemporânea. Esta pesquisa segue a abordagem qualitativa e a técnica do estudo de caso. Para as análises utiliza-se autores referenciais da área da Publicidade e Chinen (2011) na área do design gráfico. Pode-se indicar como resultados a partir da análise efetuada que o cartaz, apresenta elementos visuais da cultura sueca. Também pode-se dizer que a mídia impressa cartaz permanece na atualidade, convivendo com outras mídias impressas, eletrônicas, digitais e alternativas, mantendo sua eficácia comercial e comunicativa.

Boanerges Lopes (UFJF)

Rádio release: ferramenta de evolução, conexão e inovação nos comunicados de imprensa na contemporaneidade

O que mudou e o que mudará no mercado de mídia daqui para a frente? Esta foi a pergunta que marcou a 2ª edição do Media Thinker Day, realizada no final de 2022. A editora-executiva e âncora da Band News FM, Sheila Magalhães, ao falar sobre a transformação do rádio, destacou que foi o veículo que mais soube 'beber' nas novas tecnologias. Segundo o Inside Radio 2022, estudo feito pela KANTAR Ibope Media, 83% dos brasileiros ouvem rádio. O consumo por plataformas digitais contribui para que ele siga como uma das mídias de maior proximidade com os ouvintes/espectadores. Ao acompanhar as transformações ocorridas pelo mundo, o rádio se aprimora. Adapta-se às mudanças mais constantes pelas tecnologias e ferramentas, inclusive no uso de determinadas ações comunicativas oriundas da produção jornalística das assessorias de imprensa. Os dados mostram que a tradicional e renovadora ferramenta de comunicação, o release, permanece relevante e se conecta ainda mais ao rádio por experiências desenvolvidas em anos mais recentes pelas assessorias e agências de comunicação, inclusive acadêmicas. Por exemplo, em um universo de 1200 jornalistas, entrevistados ao redor do mundo em 2022, 63% veem o press release como muito importante para seu trabalho diário. No relacionamento com os veículos de comunicação, as assessorias de imprensa fazem uso de vários tipos de release. Autores como Duarte (2003) e Kopplin e Ferraretto (2001), adotam categorizações em que, entre outras possibilidades, o áudio-release (ou rádio release) se destaca, normalmente destinado a emissoras de rádio, com comentários ou entrevistas. Bem produzido, apresenta informações sobre as organizações e é enviado para jornalistas com a intenção de sugerir pautas bem como outras possibilidades. No projeto Facom em Pauta, desenvolvido na disciplina de Laboratório de Assessoria de Imprensa da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, a iniciativa de utilização da ferramenta tem sido aprimorada e se soma às possíveis ações comunicativas de divulgação previstas em qualquer atividade de assessoria, como por exemplo, edição e distribuição de newsletters e e-letters, conteúdos para as redes sociais etc. Busca-se neste momento exploratório mapear autores envolvidos com o tema e possibilidades de difusão desta ação comunicativa a partir de exemplos do projeto da Facom-UFJF, no intuito de ampliar o conhecimento sobre a ferramenta, ainda um tanto desconhecida entre estudantes e profissionais.

**História do Jornalismo:
Temporalidades em disputa I
09h30 às 12h SALA B515**

Kelly Mwenda (UFOP); Nair Prata (UFOP)

Tempo histórico e tempo midiático: um olhar sobre a história de imprensa em Moçambique

A história se relaciona com o tempo, seja de natureza social ou cultural. Barbosa (2017) sugere que o tempo é uma coordenação de várias mudanças, reais ou representadas, produzida por sinais que refletem características das épocas históricas. A mídia desempenha um papel crucial ao trazer o passado ao presente através de suas narrativas, atuando como produtora de uma história imediata e reconstrutora do passado. Este trabalho visa construir uma perspectiva histórica sobre a mídia em Moçambique. A metodologia é qualitativa, baseada em revisão bibliográfica e entrevistas com profissionais de mídia moçambicanos. Moçambique, no sudeste da África, tem cerca de 30 milhões de habitantes. Colonizado por Portugal no século XV, obteve independência em 1975 após a luta liderada pela Frente de Libertação de Moçambique. A língua oficial é o português, mas são falados mais de 20 idiomas nacionais. O jornalismo moçambicano passou por três fases: colonial, estatal e pluralismo midiático (Joanguete, 2016). Durante a fase colonial, a imprensa servia à comunidade portuguesa. Após a independência, tornou-se uma ferramenta de propaganda política. A Lei de Imprensa de 1991 marcou o início do pluralismo midiático, permitindo a emergência de meios independentes como Mediafax e Savana. A alfabetização é um desafio, com 40% da população analfabeta, principalmente mulheres. A mídia está concentrada em áreas urbanas, deixando as zonas rurais menos informadas. Contudo, rádios comunitárias são essenciais para a disseminação de informações em idiomas locais. Na província de Manica, inovações na mídia impressa e sonora incluem a cooperativa Megamídia, que criou o Megajornal, e projetos culturais como a Revista Alvorada e o Telecentro. Rádios comunitárias, criadas em Sussundenga, são vitais para a inclusão das comunidades rurais (Cadangue, 2023; Maduco, 2023). A evolução da imprensa em Moçambique reflete as mudanças políticas, sociais e culturais. Desde servir aos colonizadores até se tornar um instrumento estatal e alcançar o pluralismo midiático, a mídia busca identidade e autonomia. A liberdade de imprensa e um ambiente que permita a expressão livre são fundamentais para o desenvolvimento contínuo da comunicação no país. Em conclusão, a trajetória da mídia em Moçambique destaca uma narrativa de resistência e adaptação. O jornalismo deve continuar evoluindo para garantir que todos os cidadãos tenham acesso à informação, promovendo uma sociedade mais justa e inclusiva.

Giulia Lamas de Souza (UFJF); Talita Souza Magnolo (UFJF)

A história do Globo Repórter e a construção narrativa sobre o Japão

De acordo com Marcondes (2000, p.10), "o jornalismo é filho legítimo da Revolução Francesa [...] Ele expande-se a partir da luta pelos direitos humanos". Nesse sentido, o papel do jornalista é o de um defensor de direitos sociais e humanos, que age como ator social por meio da promoção de críticas e questionamentos à autoridade e à política. A partir deste contexto, formulamos a pergunta de partida deste artigo: "Como o papel do jornalista se transformou ao longo dos anos nas reportagens de viagem do Globo Repórter?". Produção da Rede Globo, o programa que teve sua estreia em 1973, se destaca pela sua longevidade e relevância no cenário jornalístico nacional. Para compreender o impacto e a importância desse programa, vamos contextualizá-lo dentro do cenário do jornalismo televisivo brasileiro, traçando uma linha do tempo de como era estruturado desde seu início até os dias atuais. O programa se mostra pertinente para ser estudado porque conta com grande aprovação popular e abrangência de alcance, uma vez que é veiculado na TV Globo, que é uma rede aberta (NaTelinha de 2022, meio digital, 2024). Utilizaremos para a análise no artigo, episódios referentes ao Japão, visto que o país já foi foco de um número considerável de episódios do programa em diferentes épocas, tornando possível traçar uma linha do tempo que ilustra as mudanças no

programa e na figura do repórter. Para essa análise, será utilizada a metodologia da Análise Crítica da Narrativa, elaborada por Motta (2013), que elenca sete movimentos operacionais que permitem um estudo das narrativas de forma empírica. O foco da análise estará no 4º Movimento proposto por Motta (2013), que lança seu olhar para a sequência que foi selecionada para narrar os fatos e a importância dos fatos que são elencados. Diante disso, durante a análise, devemos observar o que Motta (2013) chama de *frame*, ou seja, os momentos em que o narrador se coloca dentro da história. Esse movimento tem profunda relação com o objetivo do trabalho, uma vez que nos permite voltar o nosso olhar para o papel que o jornalista está exercendo nas reportagens. Almejamos, para além da exposição histórica sobre o programa Globo Repórter, que o artigo demonstre que os jornalistas da área, de fato, podem ser considerados atores sociais, uma vez que valorizam as vozes locais e histórias autênticas e significativas e possibilitam que os telespectadores mergulhem nas experiências por meio da sensibilidade e subjetividade das narrativas.

Giovanna Abelha Rodrigues (UFU); Nuno Manna (UFU)

Ação e metarreflexão midiática: uma discussão sobre como o jornal digital da BBC Brasil, durante o início da pandemia, narra e articula o imaginário chinês

Este trabalho objetiva estender as discussões iniciadas no meu Trabalho de Conclusão de Curso, que buscou entender “como a compreensão em torno da China e seu imaginário aparecem e se configuram na cobertura jornalística do portal da BBC Brasil sobre a COVID-19, e como podemos discutir narrativa, cultura e temporalidade a partir dos elementos ligados ao país asiático” (Abelha, 2024). Na monografia, observamos uma tendência dessa mídia em narrar de forma pouco complexa a China, ao longo da pandemia, em uma cobertura que pouco explorou as dinâmicas envolvendo o país asiático. Uma das matérias que analisamos é intitulada “Coronavírus: como o surto está espalhando antigos preconceitos sobre a China e seus hábitos culturais”, na qual são apontados discursos preconceituosos que, de forma mais intensa, foram narrados ao longo da pandemia (mas, claro, não surgiram e nem se findaram com ela). A BBC Brasil mostrou um esforço não apenas em tentar falar sobre o país asiático sem cair ela mesma nessas narrativas, como também evidenciou que essa atitude de enxergar e tratar a China com desconfiança e preconceito está intrinsecamente ligada à forma como o país é abordado na mídia (inclusive noticiosa). Contudo, todos os pontos que escolheu destacar acabaram contribuindo, na verdade, para que os mesmos discursos convencionalizados sobre a China fossem os protagonistas das discussões que levantou. Ou seja, se para a mídia não há outro discurso sobre o país asiático, que não esse atrelado aos preconceitos — e se não há um movimento forte em, de fato, explicá-los de forma complexificada —, então ela, ainda que consciente do seu papel e dos resultados que provoca, vem servindo mais como uma ferramenta de perpetuação do que elucidação de determinados imaginários (e disputas) sobre a China. É neste ponto de metarreflexão, utilizando a mídia como um mecanismo de compreensão sobre história e imaginário da China, que vamos nos orientar neste trabalho. Aqui, buscaremos tratar de discussões que envolvam narrativa, cultura e temporalidade, arcabouço teórico-metodológico ao qual discuto em meu Grupo de Pesquisa (Narra), além de temáticas específicas que serão abordadas por autores como Bruno Leal (2022), que discute jornalismo e Narrativa; Nuno Manna (2021), que estuda as catástrofes cotidianas; Michel Maffesoli (2001), que trata da construção dos imaginários; Wolf Eberhard (1969), voltado para a história da China; Raymond Williams (2015), que estudava a cultura; entre outros.

Helena de Lyra Azoubel (UFMG); Nísio Teixeira (UFMG)

O início da imprensa em Minas Gerais: um estudo sobre o Compilador Mineiro

O início da imprensa no Brasil remonta os primeiros anos do século XIX, com a chegada da família real portuguesa à sua então colônia. Antes da mudança da corte para o Rio de Janeiro, que trouxe consigo a primeira prensa autorizada ao território, esse tipo de prática — impressão sobre papel — ficava desautorizada

pela coroa, temente da circulação de ideias que pudessem ser contrárias aos seus interesses. Em razão dessa censura, o Brasil viveu um atraso em relação a seus vizinhos latino-americanos no que diz respeito ao início da imprensa: mais de duzentos anos antes, o México já havia dado início às suas impressões, no ano de 1538; e o Peru em 1583. Nas colônias inglesas, esse processo demorou quase um século a mais do que nas espanholas, dando início a uma imprensa própria em 1650. Mesmo assim, estava à frente do Brasil, que só foi conhecer a sua imprensa, oficialmente, em 1808 (Sodré, 1966), com a chegada da Corte ao Rio. Depois da liberação da impressão de jornais na colônia pela família real, a então província de Minas Gerais demorou mais que suas vizinhas a inaugurar seus periódicos. Outras cinco províncias começaram a imprimir seus jornais antes de Minas, sendo elas, por ordem cronológica, o Rio de Janeiro (1808), Bahia (1811), Pernambuco (1821), Maranhão (1821) e Pará (1822) (Mendes, 2007). Em Minas Gerais, a imprensa teve início com a publicação do *Compilador Mineiro*, editado pelo Padre Viegas na então Vila Rica, hoje Ouro Preto. Publicado pela primeira vez em 13 de outubro de 1823, o *Compilador Mineiro* teve 29 edições, encerrando as atividades em 9 de janeiro de 1824. Depois dele, houve um crescimento constante do número de jornais mineiros, notadamente em Ouro Preto (Xavier da Veiga, 1898). Tendo esse histórico em mente, assim como o pioneirismo do *Compilador Mineiro* no cenário da imprensa de Minas Gerais, este trabalho propõe uma análise descritiva dos conteúdos veiculados nas edições de número 5, 12, 15 e 17 do *Compilador Mineiro*, a fim de dar a ver os princípios editoriais da publicação, a autoria dos textos e a circulação de ideais políticos, dada a recente independência do Brasil em relação a Portugal à época. Este trabalho busca fazer conhecer em detalhe este que foi o primeiro jornal de Minas Gerais, compreender seu conteúdo e como ele se inseria no contexto de sua publicação, bem como a relevância de seu fundador para o início da tipografia em Minas Gerais.

Stéfanie Xavier Curcio (PUC Minas)

Figuras do Barreiro: jornalismo e memória no YouTube

Pretendemos realizar um estudo de caso sobre jornalismo, memória e territorialidades a partir da análise da produção “Figuras do Barreiro”, criada e mantida pelo *Jornal Milionários*. Ao averiguar os cinco episódios da 6ª e última temporada, até então, da série de vídeos publicada no YouTube, buscamos identificar como os personagens escolhidos para contar sobre si mesmos e suas relações com o Barreiro constroem certo imaginário acerca dos moradores da região. Além disso, objetivamos refletir sobre as razões desses indivíduos terem sido selecionados para estrelarem a produção e representarem os mais de 200 mil habitantes do Barreiro (IBGE, 2022). O *Jornal Milionários* foi criado em 12 de dezembro de 2010 no aniversário de Belo Horizonte. Desde então, o veículo de comunicação atua compartilhando notícias sobre a região por meio de jornal impresso, Instagram, Facebook, Twitter e YouTube. Na última rede social citada, o canal do veículo é nomeado “TV *Jornal Milionários*”. Recortes acerca do cotidiano da região, sob espectro positivo, possuem destaque em todas as mídias do veículo de comunicação. Seu fundador, Anderson Siqueira, justifica tal predileção ao explicar os critérios de noticiabilidade do *Jornal Milionários*: “Nosso critérios de noticiabilidade envolvem várias questões. Não cobrimos, diretamente, tragédias, como casos envolvendo drogas e assassinatos. A ‘pegada’ do *Jornal Milionários* é essa questão de engrandecer a região, de valorizar os personagens e as culturas” (Trecho de entrevista de Anderson Siqueira concedida à Stéfanie Xavier Curcio em 27/02/2024). Colocando em perspectiva a contextualização trazida pelo fundador do veículo de comunicação frente aos tipos de Jornalismo, podemos inferir que o *Jornal Milionários* possui atributos do Jornalismo Comunitário porque informa com o intuito de gerar melhorias para os moradores e fortalecer a identidade local do Barreiro (Melo, 2006). O chão em que se faz esse tipo de jornalismo com traços de comunidade é tão relevante para a produção jornalística dita comunitária que, para Melo (2006), um jornal só poderia ser classificado

como tal quando funcionasse “[...] como meio de comunicação autêntico de uma comunidade. Isto significa dizer: produzido pela e para a comunidade” (Melo, 2006, p.142).

**História do Jornalismo:
Temporalidades em disputa II
13h30 as 15h30 SALA B515**

Isadora Mendes Pinheiro (UFU); Nuno Manna (UFU)
Joan Didion e a presença de mulheres no Novo Jornalismo

Este presente trabalho tem como objetivo refletir acerca da presença de Joan Didion no chamado no chamado “Novo Jornalismo”, frequentemente o único nome feminino citado quando se trata do movimento. O tópico foi desenvolvido no Trabalho de Conclusão de Curso desta pesquisadora, e busca traçar um panorama histórico da atuação da autora no que conhecemos como Novo Jornalismo, enquanto reflete, e critica, a pouca frequência de nomes femininos nele. O “Novo Jornalismo” foi um momento em que os jornalistas aspiravam o viés artístico dos romancistas, e fizeram uso de técnicas típicas da literatura (Wolfe, 2005). Apesar do caráter disruptivo em seu modelo produtivo e em áreas como política e cultura, o Novo Jornalismo acabava por reproduzir a dinâmica de gênero das redações tradicionais, uma vez que seus representantes mais famosos são masculinos. Um dos poucos, e frequentemente o único nome feminino citado é o de Didion. A escritora e jornalista norte-americana nasceu em 1934 e faleceu em 2021. Os obituários publicados no Brasil no dia seguinte de sua morte traziam títulos como “Morre ícone do Novo Jornalismo aos 87 anos” (Poder 360) ou “Morre Joan Didion, escritora pioneira do jornalismo literário” (Folha de São Paulo), que apresentavam a autora para aqueles que a desconheciam ressaltando sua participação e relevância no movimento. Weingarten (2010) traça um breve perfil de vários autores do Novo Jornalismo em seu livro, e Didion é a única mulher da lista. Seu trabalho se caracterizou por uma escrita crítica e ensaística, que reportava enquanto se posicionava constantemente; suas coletâneas de ensaios “Rastejando até Belém”, de 1968, e “O Álbum Branco”, de 1979, se tornaram marcos dos retratos dos Estados Unidos nos anos 60 e 70. A crítica literária Caitlin Flanagan diz que Didion “deu às mulheres dias sossegados em Malibu e flores no cabelo” (Flanagan, 2012), exaltando a identificação frequente do público feminino da autora e ressaltando sua importância para ele. Certamente, ela não era a única jornalista mulher que fazia uso de aspirações artísticas para se produzir um novo tipo de jornalismo, e tal história única provoca reflexões a respeito do porquê ela é a mais citada, e onde estavam as outras. Além disso, pensar a relevância de Didion para o movimento contribui com as questões do corpo e corporeidade, tema central da monografia citada, ao esboçar ideias a respeito da presença e reafirmação do corpo desta mulher, em espaços repletos de homens.

Karina Santos (UFOP); Nair Prata (UFOP)
A evolução do jornalismo esportivo em Minas Gerais: uma perspectiva histórica e de gênero

A imprensa esportiva no Brasil teve início na década de 1910, ganhando força em 1931 com o Jornal dos Sports e se concretizando em 1970, com a revista Placar (Stycer, 2015). Em Minas Gerais, os primeiros registros da editoria são de 1910 e 1916 (Sepa, 2021). Tanto no país em geral, quanto em Minas, a área surgiu dominada pela presença masculina. Esse cenário demorou décadas para começar a ser revertido, e somente em 1947 uma mulher conseguiu atuar na área. Seu nome era Maria Helena Rangel. Quando buscamos informações sobre este tema em Minas Gerais, esbarramos em dificuldades devido à falta de estudos sobre o tema. Dessa forma, o presente trabalho tem o objetivo de investigar o surgimento da imprensa esportiva no estado, assim como identificar as primeiras mulheres que atuaram nessa editoria. Para atingir este propósito, foi realizado um levantamento histórico tendo como base estudiosos da história da mídia, como Sodré (1999). Como o artigo tem um recorte em Minas, a investigação sobre a imprensa no estado foi dividida em três tópicos: jornalismo esportivo impresso, radiojornalismo esportivo e telejornalismo esportivo. Essa divisão propiciou uma investigação mais aprofundada e teve como base teórica autores como Sepa (2021), Prata (2003) e Mattos (1990). Ao direcionar o olhar para as mulheres no jornalismo esportivo de Minas Gerais, o caminho metodológico deste artigo permitiu encontrar alguns dos primeiros nomes de que se tem registro. Por meio

da Enciclopédia do Rádio Esportivo Mineiro (2014), identificamos Tânia Mara, que atua na área desde 1987. Já o telejornalismo esportivo mostrou-se menos favorável às mulheres, sendo que os primeiros registros identificados na pesquisa foram na Rede Minas, entre os anos 2000 e 2001, com Patrícia Costa e Juliana Franqueira. A partir desse estudo, é possível compreender como se deu o surgimento do jornalismo esportivo em Minas Gerais e sua evolução. Além disso, ao observar o percurso histórico feito pelas mulheres dentro da área no estado, vemos que as dificuldades de inserção identificadas nacionalmente também se repetiram no estado. Primeiramente, devido à dificuldade de localizar o nome e a história dessas mulheres na área; segundo, pelo lapso temporal entre o começo da editoria e os primeiros registros da participação feminina no jornalismo esportivo no estado. Portanto, o trabalho mostra-se relevante para contribuir com o avanço das pesquisas sobre gênero e esporte no país.

Gaia Bê Limah (UFMG)

Vulvas caladas: o silenciamento das corporeidades trans no portal digital R7 no debate público sobre a PL 1904/24

“Porque se homem engravidasse o aborto já seria legalizado”. Para a (ainda) surpresa de muitas pessoas, homens transgêneros e pessoas não binárias, assim como mulheres cisgêneras também engravidam, passam por violência obstétrica e são excluídas de pautas sobre saúde reprodutiva e gestação, como afirma o multiartista trans, pai parturiente e influenciador digital Aqualien em seu perfil na rede social Instagram. Tal exclusão segue sendo reiterada em considerável parte do debate público sobre a PL 1904/24 que versa sobre a criminalização das pessoas que pratiquem o aborto após a 22ª semana de gestação. Segundo a deputada federal trans Érica Hilton no programa Papo de Segunda do canal fechado GNT, as pessoas que apoiam a referida proposta de lei não estão preocupadas com a vida, pois quando é o viver de pessoas LGBTQUIAPN+ e crianças em situação de rua há tacitamente a abertura moral para que seus direitos sejam revogados, inclusive que tais existências sejam exterminadas. Conforme a parlamentar, a preocupação maior dos homens cis, brancos e heterossexuais que detêm em sua maioria o poder político é com a manutenção de uma narrativa patriarcal que busca o perene controle de corpos considerados abjetos, inclusive silenciamento de outras corporeidades que gestam para além de meninas e mulheres. Nesse ínterim, o artigo objetiva investigar a possível transfobia ocorrida em coberturas jornalísticas a partir da análise de seis matérias publicadas de 11 a 23 de junho, do corrente ano, no portal virtual de notícias R7. Em doze dias de debates midiáticos e manifestações populares contra a proposta de lei, inclusive com a presença de pessoas trans, analisar-se-á nos textos jornalísticos o provável silenciamento das corporeidades transgêneras que gestam promovendo, assim, um ocultamento midiático que corrobora com o discurso transexcludente perpetuado pela extrema direita brasileira e por alguns movimentos de caráter aparentemente progressista. O referencial teórico utilizado parte dos estudos sobre gênero, sexualidade, interseccionalidade, textualidades midiáticas, violência institucional cisheteropatriarcal, estupro corretivo de pessoas transgêneras e mulheridades lésbicas. A bibliografia também contará com obras que dissertam sobre o aborto como temática nas mídias brasileiras e na política, o fazer jornalístico brasileiro, saúde coletiva da população transgênera do Brasil, colonialidades do ser, do saber e do poder.

Karina Gomes Barbosa (UFOP)

Miriam Brandão: cobertura jornalística, meninas mortas, anarquivamento e reparação

Mortes femininas são objeto de cobertura desde os primórdios da atividade jornalística. Se essas mortes são violentas, a atenção aumenta. A primeira cobertura de um feminicídio enquadrado como crime passionai, por exemplo, data do fim do século XVIII (Gomes Barbosa, 2023). Atenção especial é dada pelo jornalismo ao extermínio de meninas, como mostram os casos de Ana Lídia Braga (DF) e Araceli Cabrera Crespo (ES), ambos em 1973. Tais crimes têm sido lidos jornalisticamente como assassinatos inaugurais da modernidade

em grandes cidades, mortes prototípicas de corpos vulneráveis (Silva, 2013). No caso de Ana Lídia, a cobertura promove uma desumanização da menina, elevada à santa; o(s) feminicida(s), nunca julgado(s), perde(m) a humanidade: monstro(s) (Silva, 2013). Outro efeito dessas coberturas é, eventualmente, apagar a dimensão gendrada da morte (Silva, 2013) – sobretudo em casos com violência sexual – em nome de uma captura da violência por outros sentidos, como a pena de morte (Caldeira, 2000). É com este pano de fundo que me debruço na cobertura do assassinato da menina Miriam Brandão, 5, ocorrido em Contagem (MG), em dezembro de 1992. Miriam foi sequestrada em casa. No dia seguinte, após chorar no cativo, os sequestradores a sufocaram com éter. Depois, foi estrangulada, esquartejada e queimada. Os restos mortais só foram encontrados em janeiro de 1993 (Lara, 2011; Globo, 2023). Busco entender os sentidos evocados historicamente por este caso, que retorna no jornalismo mineiro ao longo do tempo e pode ocupar o lugar de crime prototípico no imaginário das Gerais. Na contramão de uma exploração deste crime pelo chamado true crime (Crimes que abalaram Minas Gerais, 2024), minha perspectiva é gendrada: observo analiticamente esta cobertura interpelando-a com questionamentos feministas a respeito do jornalismo. Para isso, aplico sobre o corpus um protocolo desenvolvido a partir da análise de cobertura jornalística (Silva; Maia, 2011). O segundo movimento contrapõe os sentidos hegemônicos circulados historicamente a uma narrativa a contrapelo, ou o que se esboça como jornalismo de reparação, a partir da escuta de relatos de jornalistas que cobriram o acontecimento. Este trabalho é um primeiro movimento sobre tal arquivo, em busca de 1) descrevê-lo e compreendê-lo; 2) desarquivá-lo; e 3) anarquivá-lo (Gomes Barbosa, Mendonça, 2021) para reparar (Diniz, 2022) as violências sofridas por Miriam, ainda que no campo simbólico.

Renata Rodrigues Coutinho (UFMG)

A inserção de mulheres no jornalismo e a perpetuação da desigualdade

A história da construção da cidadania feminina é longa e marcada por lutas e conquistas importantes. Durante séculos, as mulheres foram subjugadas e impedidas de exercerem plenamente seus direitos e deveres como cidadãs. No entanto, a partir da década de 1970, os movimentos feministas ganharam força e visibilidade, impulsionando a luta pela igualdade de gênero e pela cidadania plena das mulheres (DE GREGORI, 2017). No jornalismo brasileiro a inserção feminina aconteceu, de maneira geral, a partir de veículos da imprensa alternativa. O jornal das senhoras, primeiro periódico escrito por mulheres no país, surgiu em 1852, na cidade do Rio de Janeiro, com circulação até 1855 e tinha como objetivo principal propagar mensagens que despertassem a consciência feminina para a reivindicação de direitos como o ingresso ao mercado de trabalho e a educação, buscando cooperar com a emancipação social e moral das mulheres (RODRIGUES, 2017). Entretanto, ainda há muito a ser conquistado, já que as consequências do sistema patriarcal continua a atingir diversos aspectos da nossa sociedade. No mercado de trabalho as mulheres ainda ganham aproximadamente 20% menos que os homens ocupando os mesmos cargos, além de, possuírem menos chances de alcançar posições de liderança. O padrão dentro das redações não é diferente, apesar da intensa presença feminina nos jornais, os cargos de liderança dentro dessas organizações são ocupados por homens. A pesquisa anual do Instituto Reuters para Estudos de Jornalismo, publicada durante as celebrações pelo Dia Internacional da Mulher (2022), examinou 240 redações dos principais veículos de 12 países e constatou que apenas 21% dos 179 principais editores são mulheres. No Brasil a média geral é ainda pior, pois, apenas 7% dos principais editores são mulheres, mesmo a proporção de homens e mulheres nas redações sendo equilibrada. Contudo, é importante reforçarmos que o alto percentual de mulheres no jornalismo, não é capaz de evitar violências e injustiças ligadas ao gênero, já que de modo geral a perspectiva masculina é privilegiada.” (LELO, Thales Vilela; 2019). Desta maneira, a presença das mulheres é continuamente afastada desses cargos dominados majoritariamente pelo sexo masculino, não por falta de competência mas por argumentos segregacionistas de controle social sob o corpo feminino, além do constante assédio moral e sexual praticados nas rotinas trabalhistas dentro das redações.

**História do Jornalismo:
Temporalidades em disputa III
16h às 18h30 SALA B515**

Marina Carrano Lelis (UFMG); Carlos Alberto Carvalho (UFMG)
Jornalismo, modernidade e o massacre da Guarda Especial de Brasília

Em 1987, a cidade de Brasília tornou-se o primeiro conjunto urbano construído no século XX a ser reconhecido como Patrimônio da Humanidade pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), por sua consonância com os princípios urbanísticos e arquitetônicos do movimento moderno (Iphan, 2024). Em 2022, sessenta e dois anos após a inauguração da cidade, foi legado aos resultados desse trabalho mais um título de destaque: o de maior favela do Brasil à Sol Nascente, situada na Ceilândia (IBGE, 2023) — a mais populosa cidade satélite de Brasília, fruto da “Campanha de Erradicação de Invasões” (CEI) implementada em 1971. A CEI deu continuidade a um “processo de desativação e remoção dos acampamentos de obras e a erradicação de favelas nas proximidades do Plano Piloto”, que visava remover das áreas de grande interesse imobiliário famílias de operários que trabalharam na construção da cidade (Oliveira, 2008). A campanha se insere entre uma série de violências que tiveram início no período de construção, perpetuadas de maneira a tornar possível a compressão temporal contida no gesto de erguer uma cidade no tempo recorde de três anos e meio. O dado trazido pelo IBGE evidencia os efeitos, no tempo presente, do prolongamento dessa prática urbana violenta e sectária. O massacre de trabalhadores da construtora Pacheco Fernandes Dantas, uma das responsáveis por administrar as obras da capital, também conhecido como massacre da GEB (Guarda Especial de Brasília), é um dos principais marcos desse processo. Ocorrido no domingo de carnaval de 1959, ele materializa a relação de opressão e sujeição que se estabelecia entre os operários e a Novacap (Companhia Urbanizadora da Nova Capital). Provocado pela não aceitação, por parte dos trabalhadores, das condições de precariedade impostas a eles, e uma conseqüente repressão violenta por parte da GEB, o episódio — cujo número de operários mortos permanece incerto — foi apagado da história oficial da cidade a partir de uma ação conjunta que envolveu, entre outros atores, grandes veículos de imprensa do país (Sousa, 2014). O veículo alternativo “Binômio” foi o único a cobrir localmente o massacre (Memorial da Democracia, 2024). A partir da análise das edições 16 e 23 de fevereiro de 1959 do “Binômio”, acessadas no acervo digital da biblioteca da UFMG, o artigo demonstra como a prática jornalística do veículo desestabiliza a perspectiva positiva de modernidade associada à construção da cidade.

Mauricio Monteiro de Salles (Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos da Escola de Guerra Naval da Marinha do Brasil)
A cobertura jornalística da primeira ocupação brasileira permanente da Ilha da Trindade, de 1916 a 1919, na Grande Guerra

Incorporada ao território nacional em 1825, a Ilha da Trindade, que está localizada a cerca de 1.200 km do ponto mais próximo da costa brasileira, só passou a ser ocupada permanentemente por uma guarnição militar, em junho de 1916, na Grande Guerra. O motivo foi evitar a utilização da ilha como base naval por alguma nação beligerante. Esta ocupação durou até 1919, quando a ilha voltou a ficar desguarnecida, meses após o término da guerra, em outubro de 1918. A expedição que marcou o início desta ocupação, teve a participação de uma comissão científica brasileira que realizou estudos na ilha. Liderada pelo diretor do Museu Nacional, Bruno Lobo, esta comissão foi composta por pesquisadores do Museu, além do Dr. Lauro Travassos, médico do Instituto Oswaldo Cruz. Em 1917, outros representantes de instituições científicas do país realizaram estudos em Trindade, como Campos Porto, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, e Mário Rodrigues, do Observatório Nacional. Apesar da grande repercussão na imprensa e da sua relevância militar e científica, esta história foi pouco divulgada na literatura acadêmica. Com o objetivo de resgatar a memória e

promover a divulgação deste evento histórico, que em 2016 completará 110 anos do seu início, o autor realizou uma pesquisa que identificou mais de 700 publicações de periódicos da época, de todas as regiões do Brasil, incluindo notas, notícias, reportagens, crônicas sociais, poesias, charges, fotografias, ilustrações e enquetes populares. Além da grande diversidade de estilos de narrativas, formatos, linguagens, público-alvo e posicionamento político, este material também revelou um conteúdo inédito, nunca publicado na literatura acadêmica: a primeira cobertura jornalística in loco de uma expedição oceânica militar e científica brasileira. Composta de 13 reportagens escritas por Paulo Cleto (A Época) e Idelfonso Falcão (A Rua), esta cobertura apresenta uma visão original destes jornalistas sobre a ilha e a sua ocupação, o oceano e as primeiras pesquisas científicas realizadas pelo Museu Nacional em Trindade com apoio da Marinha do Brasil. Esta pesquisa faz parte da tese de doutorado a ser defendida em outubro deste ano pelo autor. Neste trabalho inscrito para ser apresentado no ALCAR, o objetivo é revelar os principais resultados da análise destas publicações, com foco nos recursos textuais e visuais que foram utilizados pelos periódicos para retratar os ambientes marinhos, as ciências oceânicas e a Ilha da Trindade.

Lucas Guimarães Resende (UFMG)

O guerrilheiro que a direita opera: Carlos Eugênio Paz instrumentalizado por Augusto Nunes e Reinaldo Azevedo na Veja em oposição ao PT e às políticas de reparação do período ditatorial (1964-1985)

A proposta aqui trabalhada é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento sobre o narrar do ex-guerrilheiro Carlos Eugênio Paz em seu livro *Viagem à Luta Armada* (1996) e suas implicações no tempo. Aventamos discutir neste resumo seis textos dos ex-colunistas da *Veja* Augusto Nunes e Reinaldo Azevedo, que têm Paz como personagem principal. Nosso olhar para os escritos de Nunes (2010; 2011; 2014) e de Azevedo (2011; 2012; 2014) busca perceber os movimentos de inscrição no mundo e de fazer mundos dos textos em questão. Procuramos, a partir da relação entre texto e contexto em Ribeiro, Martins e Antunes (2017), tatear as colunas no site da *Veja* em seus atravessamentos, diálogos e manuseamentos no (e do) tempo. Movemo-nos com a percepção de uma estreita ligação entre as lembranças de Paz pelos jornalistas com a atuação dos mesmos em oposição aos governos do PT e as políticas de reparação da ditadura, com protagonismo a Comissão Nacional da Verdade (CNV) instaurada pela presidenta (e ex-guerrilheira) Dilma Rousseff em 2011. Carlos Eugênio, o Clemente, foi um importante comandante da Ação Libertadora Nacional (ALN) na resistência à ditadura civil-militar brasileira (1964-1985); sobreviveu aos anos de guerrilha e tornou-se alguém que contava abertamente daquele tempo. Clemente, a partir do acionamento dos justicamentos de Henning Boilesen (Nunes, 2011; Azevedo, 2011; 2012; 2014) e Márcio Leite de Toledo (Nunes, 2010; 2011; 2014; Azevedo, 2014) é tido pelos jornalistas da *Veja* como “serial killer dos anos 70” (Nunes, 2011), “assassino frio, convicto, metódico e apaixonado pela morte” (Azevedo, 2011), entre outras construções. Emergem dos textos duras críticas à revisão da Lei de Anistia (Nunes, 2010), às indenizações da Comissão da Anistia (Nunes, 2011; Azevedo, 2011; 2012; 2014), e à CNV (Nunes, 2014; Azevedo, 2012; 2014), além de ligações diretas entre Paz e o PT por meio de personagens como Dilma, Tarso Genro e Franklin Martins. Através dos textos propomos perceber como Paz foi instrumentalizado por uma parcela da direita brasileira do e no jornalismo; como os colunistas da *Veja* operacionaram Clemente em meio aos movimentos do Estado brasileiro de reparação ao passado ditatorial e as discussões efervescentes sobre os anos de chumbo naquele contexto; ou, colocado de outro modo, como Carlos Eugênio era usado como “carta na manga” de Nunes e Azevedo para os jornalistas marcarem suas oposições ao PT, aos ex-guerrilheiros e às políticas de reparação da ditadura.

Josiany Fiedler Vieira (UFPR)

O estudo do cinema de guerra nas pesquisas de comunicação nacional

O artigo faz um apanhado das dissertações e teses defendidas no Brasil que estão relacionadas a temática cinema e guerra, disponíveis no repositório da base de dados da Capes com as palavras-chave: cinema e guerra. Foram evidenciados 212 resultados de trabalhos apresentados em território nacional. Os trabalhos acadêmicos foram analisados a partir de uma ficha elaborada com o propósito de verificar qual abordagem teórico-metodológica adotada e quais as principais matrizes teóricas da comunicação apresentadas. Foi evidenciado que somente quatro trabalhos se encontram na área de conhecimento da comunicação e que em história a temática conquistou maior relevância.

Marcelo Afonso (UFOP)

Bolsonarismo revistado: lógicas editoriais, revista piauí e a emergência de um neologismo

Uma revista se constitui por um grupo de editores e intelectuais que ensejam, a partir do discurso, intervir no presente de forma a modificá-lo (Sarlo, 1992). Entender a revista como um dispositivo que reiteradamente dá corpo e sentido às lógicas estabelecidas em instâncias da vida social implica apontar para suas particularidades. Para isso, Tavares (2022) recorre aos conceitos revistação e revistativo. Enquanto o primeiro se refere ao circuito que faz funcionar práticas, referentes, contextos e interlocutores, o segundo se refere à postura da revista de revisitar acontecimentos de modo a informar, educar e entreter “o leitor”. Assim, dizer que algo foi revistado implica compreender que, além da observação e análise das revistas e de seu jornalismo, há também uma lógica intrínseca entre a circulação das publicações e aspectos mais complexos, sociais e históricos. Descrever esta lógica editorial significaria adotar uma perspectiva que nos permita ressaltar a intrincada relação entre periódico e vida social, que molda e é moldada por ela. Com tais pressupostos em mente, a pergunta que move este projeto, ainda em fase inicial, é: como entender a posição que a revista piauí assumiu frente ao fenômeno que se convencionou chamar bolsonarismo? Para testar alguns caminhos, uma primeira pesquisa exploratória mapeou o uso do termo nas edições publicadas entre janeiro de 2016 e dezembro de 2022 – observando sua primeira aparição em julho de 2018, na edição 142. A partir de um conjunto de publicações, aquelas em que ensaios descrevem as peculiaridades deste fenômeno, nos propomos a investigar como o tema foi abordado ao longo do tempo, considerando: sua primeira aparição em meio ao período pré-eleitoral de 2018; a gestão de Jair Bolsonaro e as crises que se sobrepuseram àquele período; e as eleições de 2022, de modo a compreender o balanço feito sobre aquele governo e o que seria legado ao país. Espera-se que a discussão nos permita compreender o que significa este primeiro registro, dentro deste circuito (piauí), que carrega significados distintos quando consideramos sua formação: a figura de seu idealizador, João Moreira Salles; a inserção em uma tradição jornalística que aspiraria o prestígio cultural acima do comercial (Rollemberg, 2013); e as condições de produção que alinhariam sua linha editorial à direita do espectro político (Silva, 2019; Ormaneze, 2019), colocando em cheque a autodenominação “uma revista diferente” dentro do mercado editorial brasileiro.

**História do Jornalismo:
Ranhuradas Narrativas I
09h30 às 12h SALA B306**

Radígia Santos de Oliveira (Fiocruz); Izamara Bastos Machado (Fiocruz)

Primeira morte causada pela gripe espanhola e covid-19 nas páginas do jornal O Estado de S. Paulo

Esta pesquisa analisa como o jornal O Estado de S. Paulo noticiou a primeira morte causada pela gripe espanhola, em 1918, e covid-19, em 2020, e tenta identificar as diferenças e aproximações nos discursos que emergem do periódico. O jornal é um dos três mais vendidos do Brasil (Newman et al., 2023) e, como nos tempos da gripe, ainda circula de forma impressa. METODOLOGIA Os textos para análise foram selecionados a partir da consulta ao jornal, por meio do endereço www.estadao.com.br/acervo/. Em 1918, o recorte temporal vai de 21 de outubro, data da primeira morte pela gripe espanhola em São Paulo, até quatro dias após esse registro. Em 2020, começa em 17 de março e, da mesma forma, termina quatro depois. Recorte de pesquisa de mestrado, este estudo está baseado nas teorias da Análise de Discursos defendidas por Milton Pinto (2002). Fairclough (2019), Foucault (2022), Bakhtin (2016), Marialva Barbosa (2010), Ana Paula Ribeiro (2000) e Dosse (2013) também embasam esta investigação. Em 22 de outubro, dia seguinte à primeira morte causada pela gripe, o assunto aparece rapidamente na frase “apenas um óbito”, no interior no jornal (A marcha [...], 1918, p. 4). Esse é um exemplo de como o veículo tratou a doença naquele momento, apesar das várias notícias do próprio jornal sobre a situação crítica no Rio de Janeiro, como as notas sobre corpos “insepultos em todos os cemitérios urbanos” e “cadáveres expostos na rua”. No mesmo dia, o veículo afirma que “as autoridades prosseguem ininterruptamente no estudo de novas medidas” (As providências [...], 1918, p. 4). Em 2020, além de a primeira morte virar manchete de capa em 2020, o jornal publica várias páginas internas, prevê cenários, ouve especialistas. Em 21 de março, quatro dias depois a primeira morte oficial, a covid-19 é apelidada de “gripezinha” pelo então presidente da República (Mandetta [...], 2020, capa). Os textos publicados pelo jornal logo após a primeira morte por gripe espanhola, em 1918, indicam que, apesar das notícias alarmantes sobre o Rio, o veículo minimizou a doença e, ao mesmo tempo, apoiou as decisões do governo. Em relação à covid-19, a primeira morte virou destaque, mas a minimização da pandemia também apareceu. A diferença principal está na falta de sintonia entre o jornal e autoridade máxima do país

Pedro Inácio Mendonça Rodrigues Xavier (UFRJ); Marialva Barbosa (UFRJ)

A cobertura da AIDS no Brasil: desafios do jornalismo científico

O artigo tem por objetivo mostrar alguns exemplos de como foi feita a cobertura jornalística da AIDS no Brasil. Busca expor a produção de matérias sobre o tema na mídia tradicional, dando destaque aos conteúdos. A partir dessa análise, procura-se compreender como as instituições da época conscientizavam a população e faziam a divulgação científica sobre a doença. A comunicação de pesquisas na área da saúde é essencial para que a população possa cuidar de seu bem-estar físico e mental. Em momentos epidêmicos, essa difusão é ainda mais urgente, uma vez que medidas de conscientização devem ser adotadas rapidamente para que seja possível frear o avanço da doença. No caso da AIDS, quando da sua primeira explosão, não foi diferente. Assim, como exercício de análise, abordaremos a história da AIDS no Brasil, mostrando como os principais eventos históricos que marcaram a epidemia se relacionam com a cobertura jornalística do período. O trabalho analisa os conteúdos jornalísticos sobre o tema, refletindo sobre erros e acertos da divulgação científica na conscientização da população sobre a doença. Para isso, analisamos as manchetes de jornais brasileiros sobre o aparecimento do HIV, bem como grupos e personalidades que resistiram e lutaram contra o preconceito e os estigmas associados às pessoas portadoras da doença. O trabalho propõe uma breve análise crítica sobre a história da AIDS no Brasil, buscando a compreensão do contexto histórico, para compreender o impacto da cobertura jornalística. Para isso, analisa brevemente conteúdo dos jornais Estado de Minas, Folha de São Paulo e O Globo, mostrando a relação entre AIDS e homofobia, no tipo de conteúdo

por eles produzidos A retomada da história da AIDS, relacionada às características das matérias produzidas, mostrou 1) as matérias sobre HIV careciam de um olhar humanizado em relação aos portadores da doença, bem como uma diversidade de gêneros jornalísticos, que dessem espaço para uma abordagem mais sensível; 2) a maior parte das relações entre AIDS e homofobia nas matérias foi feita de forma indireta, reforçando a dificuldade de identificar o papel da imprensa na consolidação dos estigmas associados aos portadores do HIV.

Marco Túlio Pena Câmara (UFT)

Para nunca esquecer? A cobertura especial do jornalismo impresso como memória de Bento Rodrigues

O rompimento da barragem da Samarco (Vale/BHP Billiton), em novembro de 2015, marcou não só a vida das pessoas atingidas, mas reconfigurou o espaço e os artefatos de memória de Mariana, dos distritos e subdistritos do município. Além de todas as perdas materiais e de vidas, a memória também foi brutalmente ressignificada e rematerializada no contexto desse acontecimento histórico, em uma mudança significativa da relação com o passado (Dosse, 2013). O presente trabalho visa discutir como a mídia se firmou como guardiã da memória de Bento Rodrigues nesses quase 10 anos do desastre-crime (Gambassi, 2022). O objetivo é demarcar que a imprensa, além de seu papel informativo, também pode se ancorar como dispositivo de memória, inserida e representada na memória coletiva (Pollak, 1992). Como objeto de estudo, elencamos o jornalismo impresso em seus cadernos e reportagens especiais nas ocasiões de aniversários do rompimento da barragem, entendendo que esses materiais passam por processos mais longos e profundos de produção, análise, interpretação e relações, a partir do maior contato e confiança com as fontes e conhecimento aprofundado do tema a ser retratado (Câmara, 2018). Para tanto, escolhemos os especiais do jornal Estado de Minas, por ser o principal jornal impresso de Minas Gerais. A escolha por este tipo de mídia em detrimento a outras digitais ou audiovisuais se dá pelo papel de acionamento de memória que materiais impressos carregam, aliado à relação afetiva que se estabelece nesses armazenamentos. Para auxiliar nessa análise, evocamos a Análise do Discurso da vertente francesa, principalmente o contrato de comunicação (Charaudeau, 2015) na formação de um lugar de memória (Nora, 1978) em uma relação dela com a mídia (Ribeiro e Ferreira, 2007), tanto como suporte como espaço de sua manifestação e armazenamento (Pfeiffer et al, 2021). A partir das primeiras análises empreendidas, percebemos que, com o passar dos anos, a cobertura especial foca nos desdobramentos da tragédia, principalmente no que se refere à reconstrução de Bento Rodrigues e nas reconstituições das famílias atingidas, que buscam por reparação e justiça. Essa abordagem se justifica pela distância temporal ao acontecimento retratado e pela função de vigilância social atribuída ao jornalismo informativo (Melo e Assis, 2016). Assim, acreditamos que a mídia atua não somente como registro de acontecimentos históricos, mas no papel de guardiã e materialização da memória coletiva.

Gabriel Bussolotti Silveira (USP); Rachel Bertol (UFF)

As contradições produtivas de João do Rio

Neste trabalho, buscamos mapear aspectos da linguagem de João do Rio (1881-1921), evidenciando contradições de sua escrita, a partir de proposições discutidas em curso na Universidade de São Paulo (USP) em março de 2024, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), com o título "Jornalismo e Literatura - No meio-fio entre boêmios e realistas", ministrado pela professora da UFF Rachel Bertol, no âmbito de seu pós-doutorado na instituição. Em livros como "As religiões do Rio", o primeiro que publicou, de 1904, e "A alma encantadora do Rio", de 1908, o jornalista reuniu textos publicados na imprensa, com grande sucesso de público. Essas obras são reconhecidas pelo valor documental (ver Rodrigues, 2010), como as reportagens iniciais do livro de estreia, que apresentaram de forma inédita a prática de religiões de matriz africana na cidade. O'Donnell (2008) destaca a intuição etnográfica acerca da cidade em seus textos. O autor escreve

com base na entrevista e no trabalho de reportagem dos tipos e cenários urbanos. No entanto, João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto e ele próprio negro (filho de pai branco e mãe negra), bem diferente de um etnógrafo que se autoquestiona sobre a forma de sua intervenção na realidade, tinha como compromisso atrair a atenção dos leitores de jornal numa sociedade saída, na época, há pouco tempo da escravidão. As elites e as classes médias letradas cultivavam uma visão pejorativa e racista sobre culturas não europeias e as realidades dos morros. Nossa hipótese é que João do Rio fez a travessia da "cidade partida" ao apresentar às classes médias brancas um cotidiano pobre e negro, fazendo uso, porém, de elementos sensacionalistas, acenando (e cedendo) para o preconceito vigente. O recurso ao diálogo, as descrições e as dramatizações dos ambientes, de certo modo cinematográficas, dão dinamismo e sabor a seu texto. O autor utiliza expressões em tom hiperbólico e irônico para apresentar os personagens, revelando o suposto medo e o desconhecimento do leitor acerca destes. O uso do narrador em primeira pessoa é outro artifício presente que gera empatia em relação às figuras retratadas. João do Rio, nesse sentido, pode ser destacado como uma espécie de mensageiro, ao conseguir envolver e instigar seus leitores (de ontem e hoje) a conhecerem os malandros, as religiões de origem africana e os trabalhadores da estiva.

Carolina Grobberio (UFF); Ayam de Oliveira Fonseca (UFF); Rachel Bertol (UFF)

Quem estuda João do Rio? Um levantamento de teses, dissertações e artigos

A obra de João do Rio (1881-1921) costuma ser reconhecida como inovadora na imprensa do início do século XX por diferentes comentadores (ver Rodrigues, 2010; O'Donnell, 2008; Sodré, 1999). Mesmo o levantamento crítico de Farias (2010), que destaca a linguagem racista em sua obra, reconhece o papel relevante do jornalista na imprensa. A investigação dos tipos urbanos, retratados pela "pintura" realista de seus textos, empolgou os contemporâneos; seu trabalho tornou-se marco de uma renovação da prática jornalística, com ênfase na reportagem e na entrevista. No entanto, levantamento nos bancos de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no Portal de Periódicos da mesma agência indica que o autor continua mais estudado na área de Letras, ou seja, dá-se mais ênfase aos aspectos literários de seus textos. Inicialmente, a pesquisa mapeou 131 teses entre 9 de outubro e 27 de novembro de 2023, utilizando o termo de busca "João do Rio" no campo específico. Após a coleta inicial, procedeu-se a uma revisão para excluir aquelas que não estavam diretamente relacionadas ao tema de pesquisa "João do Rio". Após essa revisão, a análise se concentrou em 88 trabalhos, sendo 22 doutorados e 66 mestrados. O ano de 2012 apresentou o maior número de teses sobre o escritor, com um total de 10, seguido por 2013 e 2014, cada um com seis. Em termos de áreas de concentração, a maioria dos estudos está na área de Letras (44 teses), seguida por História (24 teses), Comunicação (10 teses) e Educação (6 teses). No Portal de Periódicos, a busca por João do Rio (colocando o nome entre aspas, a fim de recuperar os registros que contenham as duas palavras juntas), do total de 230 resultados, apenas 17 encontram-se na área de ciências sociais aplicadas (à qual pertence a Comunicação), e o número cai para quatro quando se inclui na busca ao lado do nome João do Rio o termo "jornalismo". É preciso, todavia, relativizar esses dados, na medida em que os estudos teóricos na área de Letras possivelmente acontecem (ou aconteciam, levando-se em conta a série histórica) em maior número e frequência que os de Jornalismo/ Comunicação. Por outro lado, comprovando-se esse resultado preliminar, seria preciso se perguntar por qual motivo João do Rio, situado nesse binômio jornalismo/ literatura, torna-se objeto mais sedutor para as Letras.

**História do Jornalismo:
Ranhuras Narrativas II
13h30 as 15h30 SALA B306**

Amanda Thomaz Monteiro (UFJF); Rennan Lanna Martins Mafra (UFV)

As organizações modernas e a emergência pública da maconha/cannabis: historicidades como possibilidade de enfrentamento à ideologia do progresso

Nosso argumento é de que as organizações modernas, no contemporâneo, insistem na permanência de uma lógica do progresso e, assim, acabam determinando o modo como a maconha/cannabis aparece publicamente, impedindo que historicidades e outras formas de se relacionar com ela emergem e constituam, também publicamente, um espaço de legitimidade da relação dos sujeitos com a planta. As organizações modernas são espaços que se originam a partir do Estado, do Mercado e da Ciência, instituições que, mesmo em profunda crise de legitimidade, são instituidoras de espaços de experiência pelo epicentro da ideologia do progresso, nos quais os sujeitos são convidados a coexistir, a produzir memórias e futuros e a estruturar seus cotidianos (Mafra, 2021). O autor (2021, p. 2) reconhece as organizações modernas como “ambientes relacionais privilegiados a uma problematização do contemporâneo”, tomando tal temporalidade, junto com Gumbrecht (2015), como tempo-espaço atravessado pela constatação pública da crise do projeto moderno. Ancorado em Benjamin (1987), Mafra (2023, p. 8) compreende historicidades como “energias sentimentais mobilizadas nos corpos a partir da noção de instante (jeitzeit)” e, nesse sentido, segundo o ele, “a história não se apresenta como narrativa universal e estática, mas como contingência aberta, a partir de fraturas temporais no presente que intensificam passados encobertos e/ou negligenciados”. Para nossa discussão, tomamos como objeto a entrevista “O avanço no debate sobre cannabis medicinal”, concedida por Sidarta Ribeiro a Drauzio Varella no YouTube. Nela, eles explicam como, no Brasil, a maconha/cannabis está envolta por controvérsias que giram em torno de estigmas, preconceitos e tabus oriundos dos processos históricos de racialização e criminalização da planta e do proibicionismo como política pública de combate às drogas (Brandão, 2017). Em suas falas, observamos como eles tentam confrontar as lógicas do progresso — materializadas em ações do Estado, do Mercado e da Ciência, que buscam, o tempo todo, capturar a relação dos sujeitos com a planta a partir de historicidades. Dessa maneira, ambos acabam construindo uma relação comunicacional com o passado, a partir de historicidades, para tentar confrontar as lógicas do projeto moderno, que retiram o sujeito do passado e buscam jogá-lo num futuro idealizado, formando, dessa maneira, um campo de tensões em que as historicidades emergem como possibilidade de enfrentamento à ideologia do progresso.

Leticia Araújo Resende Guimarães Pereira (UFV) Rennan Lanna Martins Mafra (UFV)

Midiatização e contextos canábicos contemporâneos: ancestralidade e luta por legitimidade

Este trabalho, fruto de uma pesquisa de iniciação científica em andamento, financiada pelo CNPq, objetiva compreender como o discurso da ancestralidade aparece publicamente como uma disposição experiencial nos processos contemporâneos de midiática da maconha. Como fundamentação teórica, o trabalho mobiliza: a) compreensões sobre midiática, seguindo, principalmente, reflexões de Braga e Calazans (2001) e Braga (2012); b) discussões sobre a mobilização da ancestralidade na contemporaneidade, por meio das reflexões de Oliveira (2018) e Krenak (2022); e c) olhares sobre demandas contemporâneas de intensificação de passados silenciados/roubados, a partir dos trabalhos de Gumbrecht (2012), Rangel (2016) e Benjamin (1994). Como contexto empírico, a pesquisa se volta a reunir, selecionar e analisar fragmentos midiaticizados de Antônio Bispo dos Santos (conhecido popularmente por Nêgo Bispo, liderança e pensador quilombola, falecido em 2023), a partir de indícios de sua presença na rede social Instagram, fazendo uso de metodologia pautada na pesquisa indiciária de Braga (2008). As análises preliminares têm se encaminhado a partir de duas categorias principais, constituídas por subcategorias, voltadas a compreender como o discurso

da ancestralidade emerge nos fragmentos midiáticos de Nêgo Bispo em relação à presença da maconha, a saber: 1) midiatização, por meio da qual emergem as subcategorias de i) circulação da oralidade como agente de legitimidade; ii) construção de novas aprendizagens públicas sobre a maconha; e iii) mediação como espaço de resistência e resposta à intolerância; e 2) disposição experiencial da ancestralidade, por meio da qual emergem as subcategorias de i) intensificação de passados violentados; ii) mobilização de saberes ancestrais; e iii) invenção de futuros possíveis. Como resultados preliminares, a pesquisa tem apontado que, nas simultâneas mobilizações da maconha dispostas na contemporaneidade, o discurso da ancestralidade caminha como uma estrutura confluyente à construção da legitimidade de povos afropindorâmicos presentes na cena pública, a partir do recente fenômeno da midiatização.

Gabrielle Tito Silva (UERJ)

A utilização da mídia e tecnologia para o ensino - pesquisa

As disseminações de informações falsas são prejudiciais, tanto para adultos quanto para o público infante-juvenil, para contribuição com o ensino de História, se deve aprender e ensinar nas escolas a utilizar a mídia para pesquisas já que cada vez mais estamos envolvidos em meios tecnológicos, os alunos têm acesso a fake News, sendo possível uma contribuição significativa das mídias para o ensino de História se utilizado para métodos de pesquisa como sites confiáveis, aplicativos dentre outros. Para o desenvolvimento da pesquisa foram utilizados textos acadêmicos “História Digital” de José de Assunção, menções a vídeo aulas contendo técnicas para um ensino de História através das mídias e um formulário preenchido por estudantes denominado de “O uso da mídia e tecnologia no ensino e na pesquisa”. Dos dados obtidos, até o momento apresentados por estudantes universitários, foram percebidos que utilizam meios midiáticos e tecnológicos no seu cotidiano, porém se preocupando com a veracidade das informações, estando em fase de andamento a pesquisa do formulário que logo será concluído, faltando a análise do ensino básico. Conclui-se que se tem benéficos e contras na utilização de conteúdos presentes na internet, sendo necessário cuidado com fake News, este bom uso da internet para pesquisas é através de vídeos de professores, utilização da internet para contribuir na escrita acadêmica e informações.

Frederico Ranck Lisboa (UFMG)

Aporias modernas: do bom jornalismo à boa prisão

Este trabalho não visa uma historicização do jornalismo em sentido estrito, mas historicizar o “moderno” a partir da sua aparição em discursos jornalísticos sobre a prisão. Ainda que modernidade possua “tantos sentidos quantos forem os pensadores ou jornalistas”, suas definições dizem da passagem do tempo, e quando “‘moderno’, ‘modernização’ e ‘modernidade’ aparecem, definimos, por contraste um passado arcaico e estável” (Latour, 1994, p. 15). Buscamos pelo que a adjetivação “moderna” e suas variantes podem dizer das aspirações do jornalismo para o sistema prisional e o que isso deixa ver do jornalismo enquanto projeto de si. O acionamento de uma “prisão moderna” em contraste à arcaica é comum em assessorias estatais e está em notícias de grandes empresas jornalísticas. Aqui, partimos do Rio Grande do Sul — que, segundo matéria no site da Veja (Ferraz; Caniato; Bechara, 2024), está entre “os estados mais vitoriosos contra o crime”, destacando sua “modernização do sistema prisional”. Há ocorrências no G1 e em sites de veículos regionais importantes como Correio do Povo e GZH. Isso posto, tomamos o caso da nova Penitenciária Estadual de Bento Gonçalves, “considerada uma das mais modernas do Estado” (Ecker, 2019), “uma exceção que serve de esperança para o sistema carcerário” e que “mantém proposta de reinserção social” (Lopes, 2020). Acionar o “moderno” para uma “boa prisão” parece estar implicado nas próprias reivindicações da “modernização do jornalismo” enquanto processo de normatização de suas práticas — o bom jornalismo seria o moderno. Ao “promover um forte apagamento de suas contradições” (Jácome, 2023, p.11), os discursos jornalísticos em

torno do “moderno” esvaziam seus sentidos políticos e escondem a relação inextricável entre modernidade-colonialidade. Regime que gesta o jornalismo e também a prisão moderna (Flauzina, 2006; Malaguti, 2011). Se objetividade e neutralidade jornalísticas são marcadas pelas ideologias dominantes, como o racismo (Silva; Moraes, 2019), e a normatividade dessas práticas não diz do que são mas do que deveriam ser (Jácome, 2023), isso aparece nos discursos sobre a prisão — “esse grande elefante branco, o legado mais indigesto da modernidade” (Flauzina, 2006, p. 29). Como o jornalismo, “a pena não pode ser pensada no ‘dever ser’, mas sim na realidade letal dos nossos sistemas penais concretos” (Malaguti, 2011, p. 40). O horror da vida no cárcere não se dá na falta de modernidade, ele é sua própria condição.

**História do Jornalismo:
Ranhurais Narrativas 03
16h às 18h30 SALA B306**

Igor Lage Araújo Alves (UFMG)

Nós e as catástrofes por vir: reflexões sobre narrar o futuro

Nos últimos anos, podemos observar um crescimento bastante significativo nas discussões acerca da crise climática que assola o planeta, tanto na mídia de modo geral quanto nas universidades e nos centros de pesquisa. Na política e na produção artística, e mesmo nas conversas cotidianas, a sensação é de que há uma inquietação suspensa no ar que respiramos, uma preocupação cada vez mais sufocante com o nosso futuro e com o futuro do planeta. O termo Antropoceno, cunhado pelos cientistas Paul Crutzen e Eugene F. Stoermer para definir um marco temporal em que a ação do ser humano na Terra causou-lhe mudanças significativas demais para serem desconsideradas, já não é mais estranho; pelo contrário, sua menção no noticiário parece ser cada vez mais frequente. A impressão é de que o futuro sempre foi incerto, mas, diante de tal crise, suas incertezas se mostram mais e mais assustadoras. No campo das Humanidades, o debate acerca do Antropoceno tem se espalhado por diferentes áreas, mas, a meu ver, sua inserção ainda é razoavelmente tímida no campo da Comunicação. Com este trabalho, gostaria de oferecer algumas contribuições para refletir acerca dos modos como a crise climática tem sido abordada nas mídias, com foco especial nas possibilidades abertas pela primeira pessoa e pelo testemunho como formas de construção narrativa. A minha hipótese é que, pela forte vinculação que propõem com a dimensão da experiência, essas formas textuais do “eu” podem constituir ferramentas de trabalho interessantes, isto é, estratégias narrativas com rico potencial para relatar sobre esses nossos tempos de emergência climática planetária. Trata-se, em resumo, de tentar pensar modos de narrar o futuro e as potências da escrita em primeira pessoa. Nessa reflexão, meu interesse se volta especialmente para aspectos relacionados à produção textual, aos processos que dão vida e forma às narrativas, mais do que aos (também muito importantes) processos de circulação desses textos. Desse modo, pretendo abordar o “eu” como uma espécie de lugar de trabalho, um espaço enunciativo que convoca articulações singulares com o mundo narrado e que, considerando a dimensão catastrófica dos cenários propostos pelo Antropoceno, convoca também uma reflexão ética absolutamente fundamental.

Alicia Gomes (UFJF); Rodrigo Barbosa (UFJF)

O Jornalismo perante uma perspectiva humanizada: como o “Novo Jornalismo” e a atuação de Fabiana Moraes se distanciam do jornalismo tradicional

O presente artigo propõe uma análise aprofundada sobre a abordagem mais humanizada no jornalismo, com foco na obra “O Nascimento de Joicy” de Fabiana Moraes. Em busca de compreensão, o estudo examina como essa prática se distancia dos paradigmas tradicionais do jornalismo, notadamente questionando a imparcialidade e objetividade, princípios fundamentais do jornalismo clássico. O presente artigo destaca a relevância dessas análises diante das transformações sociais e questionamentos sobre a neutralidade dos veículos de comunicação, especialmente em contextos de crises humanitárias. A pesquisa se concentra na indagação fundamental: de que maneira a postura singular de Fabiana Moraes introduzem uma dimensão mais humanizada ao jornalismo? A metodologia adotada compreende desde a obra de Lippmann (1922), para entender a visão do autor sobre o papel do jornalismo como uma “ponte” entre o público e os eventos do mundo real, destacando a importância de jornalistas profissionais na interpretação objetiva e imparcial das informações até obras mais recentes como A tese de Valéria Maria Sampaio Vilas Bôas Araújo, “Jornalismo de si: subjetividade e partilha de experiências na cultura contemporânea”, apresenta uma contribuição valiosa ao trazer discussões sobre o jornalismo autobiográfico e a partilha de experiências na cultura contemporânea.

Assim, a pesquisa culmina na busca por desconstruir conceitos arraigados ao jornalismo, reconhecendo a importância de uma abordagem mais subjetiva na construção das narrativas jornalísticas.

Pedro Henrique Oliveira de Souza (UFMG); Nísio Teixeira (UFMG)

Fernando da Gata: entre narrativas, fissuras e (re)cortes

Este artigo aborda a trajetória de Fernando Soares Pereira, conhecido como Fernando da Gata, um assaltante e esturador em série que ganhou notoriedade na mídia brasileira nos anos 80. O estudo da trajetória dessa figura controversa dos anos 80, transcende a mera narração de crimes e revela as complexas relações entre experiências, tempo e narrativas. Por meio de 35 matérias jornalísticas, encontradas no acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, nos debruçamos em compreender as "narrativas fissuradas" que moldaram a imagem desse sujeito. O conceito de "narrativa" assume centralidade na pesquisa, reconhecendo sua pluralidade e abrangendo diversas origens, disciplinas e abordagens. A obra de Paul Ricœur, em especial seu estudo sobre tempo e narrativa, serve como base para compreendermos como a trama e a inteligibilidade dos eventos se entrelaçam, construindo uma história única e coesa. A narrativa não se limita a um "texto fechado" ou "gênero específico do discurso", mas sim a uma operação que articula, reúne e dispõe objetos e sujeitos em uma história, conferindo significado ao associar acontecimentos e ações dentro de um tempo determinado. Essa articulação social da experiência, como aponta Antunes (2014), é fundamental para a compreensão da narrativa. As narrativas, guardiãs do tempo, garantem a continuidade da experiência. Através da narração, articulamos o mundo e as experiências, tornando-os inteligíveis. No entanto, o campo das narrativas não é homogêneo, existindo diversas disputas pelo direito de narrar, de articular tempo e experiências. Nesse conflito, entre os diversos modos que foi contado a história reside a essência da pesquisa. Ao analisarmos as aparições de Fernando Soares Pereira nas materialidades estudadas, percebemos as formas das narrativas construídas pelos jornais sobre ele, evidenciamos certas padronizações e "réplicas" ao se abordar sobre o caso. Além disso, foi possível constatar as fissuras e incongruências presentes nas reportagens encontradas, principalmente quanto a quantidade de policiais na busca, os locais por onde o sujeito fugiu, e principalmente, sobre a morte desse homem. Ao olhar para as narrativas encontradas, não buscamos construir uma verdade absoluta, mas sim oferecer uma análise crítica da história, reconhecendo as falhas e lacunas na forma como o caso foi retratado pela mídia.

Paola Vitória Ferreira Rosa (PUC-RS); Gustavo Luiz Ribeiro (PUC-RS)

Jornalismo antirracista: como repórteres negros contam as histórias de 56% da população

O artigo elabora de forma teórica o conteúdo do workshop homônimo apresentado no Terceiro Encontro Continental em Estudos Afro-Latino-Americanos da Universidade de Harvard, realizado em parceria com a Universidade de São Paulo em julho de 2024. O estudo aborda práticas jornalísticas adotadas por profissionais pretos e pardos para uma cobertura mais justa e igualitária das questões de raça no Brasil. Em nome de critérios de noticiabilidade como o ineditismo, a objetividade e a priorização das chamadas fontes confiáveis, veículos de comunicação reproduzem formas de discriminação racial, reforçam estereótipos e oferecem uma cobertura pouquíssimo representativa da população brasileira (formada por 56% de pretos e pardos, segundo o IBGE). Na grande mídia, composta majoritariamente por homens brancos, pessoas negras estão fadadas a serem notícia em página policiais, à desconfiança ou às narrativas heróicas --quando se faz um esforço para contar um lado positivo da vivência negra, como se ela por si só não pudesse ser vista como algo bom. Por outro lado, veículo de mídia alternativa e repórteres negros da imprensa tradicional têm se destacado na cobertura racial do Brasil, interseccionando questões de raça e gênero a política, acesso à saúde, inserção no mercado de trabalho, entre outros. Além de apresentar uma bibliografia diversa sobre o fazer jornalístico tradicional e alternativo, o presente artigo apresentará práticas aplicadas por jornalistas

negros comprometidos como uma cobertura mais justa e igualitária, do ponto de vista racial, com exemplos da mídia tradicional brasileira de de portais como o Alma Preta Jornalismo, de mídia independente.

Carlos Jáuregui (UFOP); Nísio Teixeira (UFMG); Raphael Castilho Bueno Silva (UFMG)
Quem fala e quem faz a folia nos jornais carnavalescos de Belo Horizonte

Este trabalho se propõe a olhar para 19 periódicos carnavalescos da capital mineira que circularam no início do século XX, com o objetivo de compreender a identidade discursiva de enunciadore e destinatários desse tipo de publicação. A análise faz parte da pesquisa “O Carnaval de BH: organização e resultantes socioeconômicos - Estudo, avaliações, perspectivas”, que têm desenvolvido estudos sobre a história, características, composições, temáticas de agremiações carnavalescas (em diferentes formatos) desde os primeiros anos do município (TEIXEIRA, 2023; TEIXEIRA & CASTILHO, inédito). De forma mais específica, concentramo-nos no catálogo presente na obra “Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954” (1995), editada por pesquisadores do Departamento de Comunicação Social da UFMG, a partir do catálogo elaborado pelo colecionador Joaquim Nabuco Linhares, adquirido pela biblioteca dessa mesma universidade. Para uma delimitação conceitual dessa “imprensa momesca” partimos tanto dos comentários do próprio Linhares (1995), que no contexto da chamada modernização da imprensa brasileira, criticou duramente o caráter humorístico e publicitário desses veículos, assim como da pesquisa desenvolvida por José Ramos Tinhorão (2000) a partir de 200 exemplares dessas mídias, que deixaram de circular ainda nos anos 1930. Num corpus em que a identificação de editores, diretores de redação ou redatores é disfarçada por codinomes como “Fulano de Tal”, “Rei Momo” ou “Pierrot”, com endereços e tipografias por vezes fictícias como “Debaixo da ponte” ou “Casa da Sogra”, buscamos, nas capas, anúncios e expedientes, rastros que permitam vislumbrar os sujeitos que compõem as trocas comunicativas mediadas por esses jornais. Nesse sentido, mostraram-se relevantes a composição verbo-visual das páginas (que revelam tanto temáticas de interesse quanto valores e imaginários convocados), indícios dos padrões de consumo (itens anunciados) e o aspecto territorial (trajetos de blocos de carnaval e endereços de estabelecimentos comerciais ou equipamentos urbanos).

GRUPOS TEMÁTICOS

História do Jornalismo

Coordenação: Izamara Machado (Fiocruz), Marcio de Souza Castilho (UFF)

A multiplicidade das experiências jornalísticas no Brasil. Processo de institucionalização do jornalismo como profissão. A relação do jornalismo com a sociedade como fenômeno cultural e político. A contribuição do jornalismo para a história do Brasil. Conformações jornalísticas em relação ao sistema de comunicação em diferentes momentos históricos. A produção jornalística em múltiplas mídias: impressa, radiofônica, televisiva, online. História do texto, das práticas e dos modos de consumo jornalísticos. Contribuição de jornais e de jornalistas como atores da história. Questões teóricas e empíricas acerca de coberturas e narrativas jornalísticas numa perspectiva histórica. Estudos de caso referentes a espaços sociais e veículos determinados. Os produtos jornalísticos como fontes historiográficas. O jornalismo e a construção de uma imaginação histórica. Os vínculos entre jornalismo, tempo e memória.

História da Mídia Alternativa

Coordenação: Vinícius Ferreira (UFRJ), Bárbara Lima (UFMG)

A presença de veículos alternativos (impressos, sonoros, audiovisuais e on-line) na história da comunicação, compreendendo os seguintes enfoques: mídia alternativa em tempos de repressão; mídia nos movimentos de resistência; comunicação nas organizações populares; mídia e minorias representativas; demais formatos e alternativas de produção popular/comunitária/independente. As pesquisas envolvem a memória dos meios alternativos, sua participação em determinado período histórico, características da mídia alternativa e abordagens teórico-conceituais sobre o tema.

História das Mídias Audiovisuais

Coordenação: Fernanda Maurício (UFMG), Josué Gomes (UFMG)

O objetivo do GT é discutir temáticas ligadas à história e à memória do cinema, da televisão, do vídeo e de outras formas de comunicação audiovisual. São de interesse do grupo questões econômicas, sociais, políticas, tecnológicas, técnicas, estéticas e profissionais; linguagens, discursos, narrativas, gêneros e formatos; formas de produção, circulação, recepção e consumo. São também bem vindos trabalhos que se proponham a debater aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa sobre audiovisual.

História da Mídia Digital

Coordenação: Carlos d'Andréa (UFMG), Dayane Barretos (UFMG)

O objetivo do GT é refletir sobre o papel das mídias digitais na construção da memória histórica e social, incluindo a história do tempo presente. Tais reflexões podem centrar-se, entre outras possibilidades, na investigação das mídias digitais em termos de suas interfaces, discursos, imaginários, materialidades e suportes. Exemplos de temáticas pertinentes incluem estudos sobre a história e desenvolvimento das mídias digitais; jornalismo digital em suas interfaces com as redes sociais digitais como locus de memória social e de representações; estudos sobre games e memória social; performances e práticas de consumo nas redes sociais digitais; práticas de consumo e formas de apropriação de mídias digitais como dispositivos móveis (telefones celulares, tablets e smartphones); movimentos em rede, memória e cidadania; análise de discurso nas redes sociais; estudos de corte histórico sobre a construção da memória nas redes sociais; bem como trabalhos sobre arte na web e publicidade em ambientes digitais.

História da Mídia Impressa

Coordenação: Carlos Alberto de Carvalho (UFMG), Frederico Tavares (Ufop)

Aborda a história da imprensa (jornais, revistas, livros, folhetos, cadernos) como mídia (massiva, erudita ou popular), valorizando sua relevância como o mais antigo suporte industrial da informação no Brasil; sua contribuição para o desenvolvimento do jornalismo em cidades de pequenos a grandes portes; o impacto das tecnologias sobre a mídia impressa ao longo dos séculos; as mudanças na forma de produção da notícia impressa; o desenvolvimento da profissão Jornalismo; o estudo dos jornalistas e de suas influências na linha editorial dos impressos; a importância dos atores que participam da produção histórica dos impressos, (gráficos, fotógrafos, compositores, jornalistas, colaboradores), entre outras abordagens latentes no estudo da história da imprensa.

História da Mídia Sonora

Coordenação: Kátia Fraga (UFV), Sônia Pessoa (UFMG)

O grupo abrange trabalhos de pesquisas históricas sobre o rádio ou outros suportes que trazem a linguagem do áudio. Estuda-se a especificidade da linguagem, dos formatos, dos gêneros, da tecnologia, dos efeitos na recepção e busca-se resgatar personagens, programas, sonoridades ou a cobertura de episódios que marcaram a vida da sociedade brasileira, valorizando a diversidade regional.

História da Mídia Visual

Coordenação: Flávio Valle (Ufop), Prussiana Fernandes (UFMG)

O GT Mídias Visuais tem como questão central a relação entre visualidade e mediação. Busca pensar processo de comunicação visual não somente pelo discurso que engendra, mas pelo conjunto de práticas e dos meios que definem o processo de comunicação visual, que inclui as imagens fixas – analógicas e digitais – os vídeos e a linguagem videográfica, além das apropriações intertextuais e os hibridismos entre as linguagens.

História da Publicidade e das Relações Públicas

Coordenação: Camila Mantovani (UFMG), Daniel Melo (UFMG)

Estuda a história e os processos de comunicação e de relacionamento, internos e mercadológicos, estabelecidos entre as instituições, públicas, privadas e não governamentais, e seus diferentes públicos. Contempla aspectos teóricos, técnicos e práticos da publicidade e propaganda e da comunicação institucional, inclusive os ligados ao ensino e à pesquisa, bem como as suas interfaces com as mais variadas ciências. Trata das questões epistemológicas, culturais, ideológicas, éticas, estratégicas e de gestão do campo, bem como das múltiplas linguagens, estéticas, mídias, profissões e da organização do trabalho.

Historiografia da Mídia

Coordenação: Paulo Bernardo (Ufop)

O objetivo deste GT é discutir temáticas que problematizem a produção do conhecimento contemporâneo na interseção entre mídia e história. Dois aspectos fundamentais: a escrita histórica contemporânea em sua relação com a escrita midiática e a produção de história, memória e esquecimento a partir dos meios de comunicação. Investiga-se também a produção do acontecimento histórico/memorável na relação mídia e história; temporalidade e meios de comunicação; hermenêutica histórica e mídia; memória e meios de comunicação, narrativa da história e narrativa da mídia, a história como produto midiático; escrita midiática como escrita da história; o passado como objeto dos meios de comunicação.

Comissão Organizadora Local

Bruno Martins

Elton Antunes

Nísio Teixeira

Phellipy Jácome

DIRETORIA EXECUTIVA REDE ALCAR

Presidenta: Valci Regina Mousquer Zuculoto (UFSC)

Vice-Presidente: Igor Sacramento (Fiocruz)

Diretora Administrativa/Financeira: Cláudia Peixoto de Moura (Abrapcorp/Intercom)

Diretora Científica: Ranielle Leal Moura (NUJOC-UFPI)

Diretora de Comunicação: Izani Mustafá (UFMA-Imperatriz)

Diretora de Documentação: Susana Reis (UFJF)

Diretora de Relações Internacionais: Christina Musse (UFJF)

DIRETORIA REGIONAL SUDESTE

Rachel Bertol (UFF)

